



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROCESSOS
SOCIOEDUCATIVOS E PRÁTICAS ESCOLARES**

**“ A INFATIGÁVEL PROFESSORA ” ALEXINA DE MAGALHÃES PINTO:
TRAJETÓRIA E ATUAÇÃO DE UMA EDUCADORA MINEIRA (1893-1921)**

LARISSA MODESTO DOS SANTOS

SÃO JOÃO DEL-REI

JULHO 2022

LARISSA MODESTO DOS SANTOS

**“ A INFATIGÁVEL PROFESSORA” ALEXINA DE MAGALHÃES PINTO:
TRAJETÓRIA E ATUAÇÃO DE UMA EDUCADORA MINEIRA (1893-1921)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Processos Socioeducativos e Práticas Escolares, da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Paula Cristina David Guimarães

SÃO JOÃO DEL-REI

JULHO 2022

LARISSA MODESTO DOS SANTOS

**“ A INFATIGÁVEL PROFESSORA ” ALEXINA DE MAGALHÃES PINTO:
TRAJETÓRIA E ATUAÇÃO DE UMA EDUCADORA MINEIRA (1893-1921)**

Banca examinadora:

Paula Cristina David Guimarães (Orientadora)
Universidade Federal de São João del-Rei

Christianni Cardoso Moraes (Titular)
Universidade Federal de São João del-Rei

Rosana Areal de Carvalho (Titular)
Universidade Federal de Ouro Preto

SÃO JOÃO DEL-REI

JULHO 2022

Aos que amo e que me apoiaram durante esta árdua caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter sido meu conforto e alento para os dias mais difíceis.

Aos meus pais, que sempre apoiaram os meus sonhos e sempre estiveram aqui para mostrar o quanto nossas raízes são o que mais valem nesse mundo.

Ao meu amor, Michael, meu melhor amigo e confidente, aquele que me deu força e incentivo para finalizar essa pesquisa. Que mesmo passando por momentos difíceis, me trazia força.

Aos meus irmãos, por toda parceria e amizade.

A minha amiga Thassiana, que nesses últimos anos, se tornou mais que uma amiga, se tornou uma irmã.

A minha amiga Virgínia, que sempre foi amparo e resgate de fé, para os dias que a esperança parecia sumir.

As pueblas, Gabi, Raquel e Dani, pela amizade, carinho e acolhimento desde a graduação.

A minha orientadora Paula, por toda dedicação e compreensão comigo e minha pesquisa. Agradeço por todas as conversas amigas e pelo amparo recebido durante essa caminhada.

A banca examinadora, a professora Christianni e a professora Rosana por aceitarem fazer parte desta pesquisa, trazendo contribuições valiosas para a confecção final dessa pesquisa.

A Universidade Federal de São João del-Rei, por ter se tornado minha segunda casa e também, por ter financiado através das bolsa de mestrado, essa pesquisa. Agradeço imensamente essa instituição, pois no tempo que estive lá, conquistei grandes amizades, realizei sonhos e tive a oportunidade de conhecer um mundo completamente diferente do que minha família poderia me oferecer.

Ao PPEDU e a todos os professores do Programa, pelas valiosas contribuições na minha trajetória acadêmica.

Agradeço a turma de mestrado 2019, por toda união, cumplicidade e trocas que fizemos durante as disciplinas e no grupo de WhatsApp.

Ao NEPSHE e as meninas dos NEPSHE, Elisiane, Sthefany e Fabi por ter contribuído significativamente para minha pesquisa e amadurecimento acadêmico. Através desses espaço e dessa rede de amizade tive a oportunidade de conhecer mais sobre pesquisa acadêmica, conhecer professores e participar de congressos.

A UFMG, UFOP, UEMG e CEFET-MG, pela oportunidade de participar de uma disciplina interinstitucional no primeiro ano de mestrado. Agradeço a essas instituições e aos professores Luciano Mendes de Faria Filho, Rosana Areal, Vera Lúcia Nogueira e Irlen Antônio Gonçalves que ofertaram essa disciplina e por compartilharem comigo seus conhecimentos.

Ao Antônio Gaio Sobrinho, meu primeiro contato e primeiro conselheiro no mundo da pesquisa, com ele, tive os primeiros indícios de onde buscar informações sobre Alexina

A professora Lucinha Guimarães, por ter aberto as portas da sua casa para compartilhar os conhecimentos que tinha sobre Alexina Pinto enquanto eu ainda estava na Iniciação Científica

Agradeço a minha psicóloga Luma, que no momento mais difícil durante a pandemia me trouxe luz e coragem, para que me sentisse capaz de concluir essa pesquisa.

Aos anjos da guarda que iluminaram minha vida se fazendo presente em minha trajetória através de conselhos, conversas e incentivo.

RESUMO

Este trabalho busca resgatar a trajetória de Alexina de Magalhães Pinto (1869-1921) refletindo sobre a sua atuação docente, social e intelectual no contexto de São João del-Rei e Rio de Janeiro, locais em que viveu e atuou profissionalmente. Professora da cadeira de desenho e caligrafia da antiga Escola Normal de São João del-Rei, Alexina se diferenciava por romper com as tradicionais práticas educativas fortemente vigentes no século XIX e início do século XX. Ao utilizar o folclore em suas práticas educativas, Alexina Pinto pode ser considerada como proponente de uma educação inovadora para a educação da infância, valorizando o uso da cultura popular para essa formação. Para além da atuação na Escola Normal de São João del-Rei, Alexina aprimorou seus estudos e iniciou a docência na então capital do Brasil, a cidade do Rio de Janeiro. Nesse novo contexto, se destacou pela luta feminista e envolvimento nas lideranças em prol dos mais necessitados. A metodologia adotada para esta pesquisa parte da pesquisa documental em fontes históricas diversas, sobretudo a imprensa da época, e se conclui com as análises de informações coletadas (CELLARD, 2008), onde foi possível observar as diferentes relações de poder e as variadas produções de saberes e de verdades envolvidas na trajetória de Alexina de Magalhães Pinto (FOUCAULT, 2019). Também foi possível observar a construção de uma intelectualidade feminina, fortemente amparada pelas redes de sociabilidade que a educadora construiu ao longo de sua vida (SIRINELLI, 2003). Por último, foi notório o processo de invisibilidade e/ou apagamento (PERROT, 2017) pelos quais Alexina passou, sendo esta a principal chave de leitura para a compreensão da trajetória dessa educadora.

Palavras-chave: Alexina Pinto. Intelectual Docente. Invisibilidade Feminina. Mulher.

ABSTRACT

This work aims to retrieve the trajectory of Alexina Magalhães Pinto (1869-1921) reflecting on her teaching, social and intellectual performance in the context of São João del-Rei and Rio de Janeiro, cities where she lived and worked. Professor of drawing and calligraphy at the former Escola Normal of São João del-Rei, Alexina distinguished herself by breaking with the traditional educational practices strongly in force in the 19th and early 20 th centuries. By using folklore in her educational practices, Alexina Pinto can be considered as a proponente of an innovative education for childhood education, valuing the use of popular culture. In addition to working at the Escola Normal of São João del-Rei, Alexina improved her studies and started teaching in the city of Rio de Janeiro, capital of Brazil at the time. In this new context, she stood out for her feminist fight and involvement in leadership on behalf of the people in need. The methodology chosen for this research starts from documental research in different historical sources, especially the press of the time, and it is concluded with the analysis of collected information (CELLARD, 2008), being possible to observe the different power relations and the diversified productions of knowledge and truths involved in the trajectory of Alexina de Magalhães Pinto (FOUCAULT, 2019). The construction of a female intellectuality, strongly supported by the sociability networks that the educator built throughout her life (SIRINELLI, 2003) was observed. Finally, the process of invisibility and/or erasure (PERROT, 2017) that Alexina went through was notorious, which is the main reading key for understanding the trajectory of this educator.

Keywords: Alexina Pinto. Intellectual Teacher. Female Invisibility. Woman.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Alexina de Magalhães Pinto.....	17
Figura 2: Batistério.....	41
Figura 3: Fazenda Ouro Fino.....	44
Figura 4: Folha de rosto do livro <i>Liga de Instrução Moral Ingleza, 1907</i>	82
Figura 5: Folha de rosto do livro <i>Cantigas das Creanças e do povo e Danças Populares (Título original), 1916</i>	84
Figura 6: Ilustração da cantiga “Bitú” com ênfase na autoria do desenho.....	85
Figura 7: Capa do livro <i>Provérbios Populares, Máximas e Observações Usuaes (título original) 1917</i>	86
Figura 8: Folha de rosto do livro <i>Provérbios Populares, Máximas e Observações Usuaes (título original) 1917</i>	87
Figura 9: Índice geral do livro <i>Provérbios Populares, Máximas e Observações Usuaes (título original) 1917</i>	88
Figura 10: Índice analítico do livro <i>Provérbios Populares, Máximas e Observações Usuaes (título original) 1917</i>	89

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Trabalhos que versam sobre Alexina de Magalhães Pinto.....	17
Quadro 2- Número de trabalhos sobre Práticas educativas nos Congressos Brasileiros de História da Educação (CBHE) e na <i>Revista Brasileira de História da Educação</i> (RBHE), (2000-2019).....	23
Quadro 3- Documentos levantados no Arquivo Público Mineiro.....	37
Quadro 4- Revistas e almanaques levantados na Biblioteca Nacional.....	38
Quadro 5- Jornais levantados na Biblioteca Nacional.....	39
Quadro 6- Produção Intelectual	39
Quadro 7- Livros publicados por Alexina	81

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APM	Arquivo Público Mineiro
CBHE	Congresso Brasileiro de História da Educação
ENRJ	Escola Normal do Rio de Janeiro
ENSJDR	Escola Normal de São João del-Rei
IC	Iniciação Científica
IHG-SJDR	Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei
RBHE	Revista Brasileira de História da Educação
SJDR	São João del-Rei
UFSJ	Universidade Federal de São João del-Rei

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1 – ITINERÁRIOS DA PESQUISA: REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E FONTES.....26

1.1 Do comum ao destaque: a importância do estudo de trajetórias individuais para a compreensão de uma história global – objeto de estudo e referencial teórico.....26

1.2 Fontes e procedimentos metodológicos.....32

CAPÍTULO 2 – DE ALEXINA DE ALMEIDA MAGALHÃES A ALEXINA DE MAGALHÃES PINTO: UMA VIDA DEDICADA À DOCÊNCIA.....41

2.1 Pertencimento familiar: alguns vestígios de um passado ainda desconhecido....41

2.2 São João del-Rei: o pontapé inicial na docência.....51

2.3 O concurso54

2.4 Uma passagem breve e obscura pela educação mineira58

2.5 Ida para o Rio de Janeiro61

2.6 Desastre de trem62

CAPÍTULO 3 – ALEXINA PINTO SOB NOVOS OLHARES: MULHER, EDUCADORA, INTELLECTUAL E LIBERTÁRIA.....66

3.1 Professora, escritora, libertária e mulher intelectual do seu tempo.....69

3.2 Produção Intelectual.....81

3.2.1 Cantigas das Creanças e do povo e Danças Populares83

3.2.2 Provérbios Populares, máximas e Observações Usuaes86

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....91

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....93

FONTES DOCUMENTAIS.....101

ANEXOS.....102

INTRODUÇÃO

Como devera ter sido belo ver pedalando, pioneira, nestas ruas sanjoanenses, em sua bicicleta europeia, essa distinta e talentosa moça, de vasta cultura e superioridade de espírito, conquanto tão simples e modesta.

(Antônio Gaio Sobrinho, 2016, p. 120).

Assim como Gaio (2016) imagina Alexina de Magalhães Pinto pelas ruas de São João del-Rei com sua bicicleta, também fico a pensar nesse momento e em outros que ela viveu. Aliás, foi assim, pela história de uma mulher e educadora com sua bicicleta, que a minha vida se encontrou com a de Alexina. Não acredito em coincidências, acredito em destino.

No início de 2017, fui ao primeiro encontro do grupo NEPSHE (Núcleo de Estudos e Pesquisas Sócio-Históricas em Educação) para assistir a apresentação da tese de doutoramento da professora Paula David (que depois viria a ser minha orientadora de Iniciação Científica). Ao falar da educadora que pesquisou, Maria Lacerda de Moura, ela mencionou uma outra, no contexto sanjoanense, chamada Alexina Pinto, e comentou sobre o episódio da bicicleta. Esse relato não saiu mais da minha cabeça. Como, ao passar toda minha trajetória escolar na cidade, nunca tinha ouvido falar sobre essa mulher? Foi a partir de então que comecei a buscar trabalhos, pesquisas e informações sobre ela. O interesse foi imediato.

A professora Paula David abriu então, seleção para Iniciação Científica no primeiro semestre daquele mesmo ano, mas infelizmente não fui aprovada no processo. Todavia, como disse antes, não existem coincidências, existe um destino. No segundo semestre daquele mesmo ano, a referida professora abriu outra seleção de IC e a pesquisa era justamente sobre ela, Alexina de Magalhães Pinto. Passei pela seleção e fui aprovada para a bolsa. Posso afirmar que as constantes buscas por essa professora e as informações levantadas sobre a mesma tinham me ajudado muito durante a seleção. Então, o que antes era curiosidade, tornou-se pesquisa acadêmica.

Já no trabalho realizado no âmbito da Iniciação Científica - IC, foi possível identificar, reunir e organizar fontes como jornais, livros e arquivos escolares sobre essa

educadora sanjoanense – documentos que abrangem o período entre 1869 e 1921. Contudo, não foi possível analisar, a partir dos documentos localizados, a sua prática docente na antiga Escola Normal de São João del-Rei, primeira escola em que trabalhou. Nem foi possível compreender as práticas educativas desenvolvidas por essa educadora e a influência dessas práticas no campo da educação, devido ao curto tempo de uma IC e pela falta de documentos que trouxessem essas informações. Por esse motivo, essas questões se mantiveram e foram utilizadas como referência para o projeto de Pós-Graduação.

O projeto inicial, apresentado no processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Educação: Processo Socioeducativos e Práticas Escolares da UFSJ, para ingresso no primeiro semestre do ano de 2019, previa a investigação da trajetória docente da educadora sanjoanense Alexina de Magalhães Pinto. Ao utilizar o folclore em suas práticas educativas, Alexina Pinto pode ser considerada como proponente de uma educação inovadora para a educação da infância, valorizando o uso da cultura popular nesta formação (CARNEVALI, 2009). Professora da cadeira de desenho e caligrafia da antiga Escola Normal de São João del-Rei, Alexina se diferenciava por romper com as práticas de ensino tidas como tradicionais, fortemente vigentes na época e por seu interesse em movimentos que buscavam a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Contudo, em meio à revisão da literatura e levantamento de fontes sobre o tema para a reescrita do projeto inicial, os trabalhos encontrados e as fontes organizadas apresentavam novos caminhos.

A partir dos trabalhos encontrados sobre Alexina Pinto, foi possível verificar que eles versavam especificamente sobre o seu trabalho com o folclore e quase nada foi encontrado sobre a trajetória da educadora. Isso me fez ter inquietações e perguntas que não tinham respostas. Quem era Alexina Pinto? Porque atualmente ela é desconhecida na historiografia brasileira? O que influenciou sua prática docente?

A partir das fontes localizadas, sendo a maioria delas jornais, foi possível identificar uma Alexina que era figura de destaque no Rio de Janeiro, sendo considerada como uma mulher da sociedade e como grande influência educacional e social. Mas, porque atualmente Alexina é praticamente desconhecida nesses dois contextos?

De acordo com Luckesi (1991), muitas das práticas educativas que temos hoje são resultados de permanências e rupturas ao longo da história da educação. Entretanto, muitas dessas práticas ainda são desconhecidas ou apagadas no contexto da historiografia brasileira. A hipótese é de que a falta de fontes – ou o desconhecimento delas – tem gerado

o apagamento de práticas educativas importantes, como as da educadora Alexina de Magalhães Pinto. Atrelado a isso, temos os estudos no campo da história das mulheres, que mostram como as mesmas foram silenciadas ou apagadas da historiografia.

A partir da documentação localizada, torna-se possível uma nova escrita sobre Alexina Pinto: mulher, educadora, libertária, escritora e uma intelectual do seu tempo – vertentes que ainda não foram investigadas sobre a educadora mineira.

Alexina de Magalhães Pinto pertencia a uma família importante na região em meados do século XIX, os Magalhães Pinto. Era filha do primeiro casamento do engenheiro Eduardo de Almeida Magalhães com D. Virgínia Vidal Leite Carneiro (residentes de Mar de Espanha) e trineta de Bento Pinto de Magalhães, enriquecido na mineração. Alexina nasceu em São João del-Rei em 4 de julho de 1869 e foi batizada na Matriz aos nove dias do mês de setembro de mil oitocentos e sessenta e nove pelo Padre José Maria Xavier, como consta em seu batistério, localizado na Igreja Matriz do Pilar em São João del-Rei.

Seu pai, o engenheiro Eduardo de Almeida Magalhães, foi um homem importante na década de 1860, sendo um dos engenheiros responsáveis por parte da linha telegráfica no Paraná. Teve três filhos do casamento com D. Virginia, incluindo Alexina. D. Virginia morreu em dezembro de 1874, ficando Alexina orfã de mãe aos cinco anos de idade. Seu pai casou-se novamente, com Cândida Rosa Sobral de Almeida Magalhães, com quem teve mais 10 filhos.

Alexina de Almeida Magalhães era o seu nome de solteira. Passou a assumir o sobrenome Pinto aos recém completados 18 anos em agosto de 1887, quando casou-se com o primo e médico Dr. Floriano Leite Pinto. Não demorou muito para que Alexina ficasse viúva, pois seu marido faleceu em abril de 1890, quando ela possuía 20 anos (*JORNAL DO COMÉRCIO*, 1890, p. 7). Até o presente momento, pouco se sabe sobre sua trajetória escolar. A hipótese é que as fontes históricas que revelariam sobre os seus estudos institucionais já não existem mais.

Alexina de Magalhães Pinto ocupou a cadeira de desenho e caligrafia como professora na antiga Escola Normal de São João del-Rei em 1893, após passar por um concorrido concurso, noticiado em diferentes jornais de Minas Gerais. Sua passagem pela escola foi curta e marcada por muitos pedidos de licenças médicas ou para tratar de assuntos pessoais, tendo seu pedido de exoneração aceito em 1896 (*JORNAL MINAS GERAES*, 1896, p. 3). Com o fim do que aqui tratarei como a primeira fase de Alexina, inicia-se a segunda fase, que se deu no Rio de Janeiro, estado onde Alexina teve maior atuação no campo social e educacional.

Em fevereiro de 1896, o nome de Alexina aparece em notas de jornais, como o primeiro de uma lista com outras nove alunas habilitadas e classificadas para a matrícula como aluna na Escola Normal do Distrito Federal. Assim, se inicia sua segunda fase, marcada agora como aluna da Escola Normal da capital, professora primária, colaboradora em jornais da cidade e com passagem pela *Escola de Aplicação*. Também nesse período, foi responsável por ideias de proteção material e moral a trabalhadores, crianças pobres, desempregados e mulheres. Além disso, sua atuação no Distrito Federal incluiu a abertura de *Albergues Nocturnos* e colaboração em *posto de socorro*. Escreveu artigos sobre problemas sociais, econômicos e educacionais para os jornais da cidade, além de ter publicado as obras: *Liga de Instrução Moral Inglesa* (s/d), *Os Nossos brinquedos* (1909), *Cantiga das Crianças e do Povo* (s/d), *Cantigas Populares* (1916) e *A Lista de bons livros e Provérbios Populares* (1917), *Máximas e Observações usuas* (1917) e sendo o último aprovado e adotado pela Instrução Pública do estado de Minas Gerais e pela Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal.

Como é possível perceber, Alexina Pinto se colocava não somente enquanto professora atuante na escola em que trabalhava, mas também enquanto militante das minorias desfavorecidas da sociedade. É nesse contexto que, entre 1896 e 1921, podemos observar uma Alexina que não só pensava suas ideias, mas as fazia circular na sociedade, onde encontrou espaço e apoio para seus ideais, seja do Distrito Federal, seja em Minas Gerais ou até mesmo em outros países, pois essa fase foi marcada por viagens à Europa. A afirmação da conquista desse espaço no Distrito Federal veio através dos convites que recebeu para ter reuniões com o ministro da agricultura e o chefe de polícia, da veiculação de seus artigos em jornais e da publicação de seus livros, o que gerou um amplo conhecimento de sua atuação, período que desenvolveu intensa produção intelectual (*JORNAL A NOTÍCIA*, 1915, p. 2). Foi nesse momento que Alexina foi mencionada em uma matéria do Almanaque Brasileiro Garnier, em 1908, sobre os “*folk-loristas brasileiros*”, por sua contribuição com os livros escolares naquele período. Ao final da matéria, um retrato de Alexina é ilustrado. Abaixo, apresento essa fotografia encontrada no Almanaque.

FIGURA 1: Alexina de Magalhães Pinto. 1908

Fonte: Almanaque Brasileiro Garnier.

Apesar de ter tido uma atuação significativa, sobretudo no que diz respeito à educação da infância e na defesa dos menos favorecidos, não há estudos que explorem essa fase da educadora. Não encontramos nenhum estudo dedicado à atuação social e educacional de Alexina, sobretudo no que diz respeito às participações em movimentos libertários entre 1900 e 1921. Quase toda a produção que se tem a respeito de suas ações é sobre o folclore do qual suas obras tratam, especificamente aquele direcionado à literatura infantil e ao nacionalismo (CARNEVALI, 2009; SANTOS, CUNHA, 2017; SANTOS, 2018; LIMA, 2019).

QUADRO 1: Trabalhos que versam sobre Alexina de Magalhães Pinto.

Ano de publicação	Trabalho	Título	Programa /área e instituição
1962	Artigo	<i>O Folclore no ensino primário</i>	<i>Revista Brasileira de Folclore</i>
1965	Artigo	<i>O dia do Folclore</i>	<i>Revista Brasileira de Folclore</i>
1970	Artigo	<i>Vida e obra de Alexina</i>	<i>Revista Brasileira de Folclore</i>

1970	Artigo	<i>A mineira Ruidosa</i>	<i>Revista Veja - Seção Comportamento.</i>
1996	Dissertação	<i>Ludismo e Pragmatismo na Literatura para crianças, no início do século XX – Alexina de Magalhães Pinto (Brasil) e Ana de Castro Osório (Portugal)</i>	Programa de Pós-Graduação: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. USP.
2000	Artigo	<i>Onde, quando e como faleceu Alexina de Magalhães Pinto</i>	<i>Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei</i>
2001	Monografia	<i>Nacionalismo e Folclore na Obra de Alexina de Magalhães Pinto</i>	Programa de Pós-Graduação em Letras: Teoria Literária e Crítica da Cultura. UFSJ
2009	Dissertação	<i>A mineira Ruidosa- Cultura popular e brasilidade na obra de Alexina de Magalhães Pinto (1870-1921)</i>	Programa de Pós-Graduação em História Social. USP.
2011	Artigo	<i>Música popular, memória e história em Alexina de Magalhães Pinto</i>	<i>Revista Centro de Documentação e Pesquisa em História.</i> UFU.
2012	Artigo	<i>Provérbios populares e a formação da “consciência cívica”</i>	<i>Revista Cantareira.</i> UFF.
2017	Artigo	<i>“Opera Lyrica Nacional”: das Minas Gerais para o Folklore brasileiro e a Bibliotheca infantil</i>	<i>Revista Mestrado em Letras: Linguagem, Cultura e Discurso.</i> UNINCOR.
2018	Artigo	<i>Cantigas das crianças e do povo e danças populares, de Alexina de Magalhães Pinto: antropomorfismo e processos insólitos</i>	Livro <i>(Con)figurações da personagem na narrativa ficcional para crianças e jovens.</i>
2019	Artigo	<i>Os paratextos editoriais na obra Cantigas das Crianças e do Povo e Danças Populares, de Alexina de Magalhães Pinto</i>	Livro <i>Tramas e sentidos na Literatura Infantil e Juvenil.</i>

Fonte: Banco de teses e dissertações da CAPES < [www. Capes.gov.br/serviços/banco-de-teses](http://www.Capes.gov.br/serviços/banco-de-teses)>

Os dados apresentados no quadro acima foram obtidos por meio de revisão de literatura realizada em diversas bases: Scielo, Banco de Teses e Dissertações da Capes, bibliotecas e outros. Por meio dessa revisão, foi possível reunir e compreender a produção

existente sobre Alexina. Isso se torna importante na medida em que sinaliza lacunas no campo de investigação e proporciona novas possibilidades de pesquisa dentro de uma mesma temática.

O primeiro trabalho que consta no quadro acima é o artigo publicado na *Revista Brasileira de Folclore*, intitulado *Folclore no Ensino Primário*, de Maria de Lourdes Borges Ribeiro (1962). Nele, Alexina Pinto é abordada como referência no campo musical e no uso do folclore no fortalecimento da unidade nacional.

O trabalho *O Dia do Folclore*, publicado na *Revista Brasileira do Folclore* (1965), cita Alexina de Magalhães Pinto como uma das pioneiras nos estudos folclóricos no Brasil. Seu nome e o de outros folcloristas são enaltecidos no trabalho, agradecendo seus estudos, que contribuíram com a criação do Dia do Folclore. Contudo, não há uma exploração maior do trabalho desenvolvido por ela.

Vida e Obra de Alexina, do autor Saul Martins (1970), é o primeiro artigo que apresenta informações pessoais sobre Alexina Pinto. Contudo, não são apresentadas fontes históricas que possam dar indícios da veracidade dessas informações. Nesse sentido, esse texto se torna mais uma narrativa literária sobre Alexina do que uma pesquisa acadêmica.

A Mineira Ruidosa, artigo publicado na *Revista Veja* (1970), relata brevemente quem foi Alexina Pinto e se refere a ela como educadora responsável por transformações no sistema educacional, enfatizando como suas práticas revolucionaram a educação. Contudo, mas não há um aprofundamento sobre o assunto, e sim informações breves.

Já Vasconcellos (2000) dedica, na *Revista Comemorativa do trigésimo aniversário do IHG e dos 500 anos do Descobrimento do Brasil*, um capítulo sobre a fatalidade da morte de Alexina Pinto, atropelada por um trem no distrito de Corrêas, em Petrópolis, Rio de Janeiro.

Outro trabalho, realizado por Nascimento (2001), teve como objetivo de pesquisa o estudo sobre Alexina Pinto no campo da Literatura Brasileira, por seu esforço de valorização nacionalista e pelo uso do folclore como prática de ensino. Tal trabalho dedica-se ao estudo de uma das suas obras, intitulada *Nossos Brinquedos* (1909), escolhido por apresentar a pensamento que Alexina desenvolveu sobre a riqueza do folclore.

Carnevali (2009), em sua dissertação de mestrado, voltou-se para a trajetória de Alexina Pinto. Contudo, como a própria autora aponta, a falta de informações e fontes a teria redirecionado às obras publicadas por ela: *Contribuição do folclore brasileiro para*

a biblioteca infantil (1907), *Os Nossos brinquedos* (1909), *Cantigas das crianças e do povo e danças populares* (1916) e *Provérbios populares, máximas e observações usuais* (1917). A autora ainda publicou mais dois artigos sobre Alexina Pinto, *Música Popular, memórias e história em Alexina de Magalhães Pinto* (2011) e *Provérbios Populares e a formação da “Consciência Cívica”* (2012), trabalhos provenientes de sua dissertação de mestrado. Ambos os artigos também seguem o mesmo viés e abordam o uso da cultura popular como prática educativa proposta por Alexina para a música nacional e para a constituição de uma identidade nacional.

O artigo *“Opera Lyrica Nacional”: Das Minas Gerais para o Folk-lore Brasileiro e a Bibliotheca Infantil* (2017), de Rita de Cássia Silva Dionísio Santos e Maria Zilda da Cunha, e o artigo *Cantigas das Crianças e do Povo: e Danças Populares, de Alexina de Magalhães Pinto: Antropomorfismo e processos insólitos* (2018), da autora Rita de Cássia Silva Dionísio Santos, buscaram tratar dos aspectos literários encontrados nas obras de Alexina, como o antropomorfismo e as confluências de saberes e práticas culturais transmitidos de geração em geração.

Por fim, o último trabalho exposto no quadro, *Os paratextos Editoriais na Obra Cantigas das Crianças e do Povo e Danças Populares, de Alexina de Magalhães Pinto* (2019), de Laura Emanuela Gonçalves Lima, propôs uma tentativa de relação entre as contribuições da obra de Alexina e os paratextos que induzem ou influenciam o leitor na construção de uma ideia moderna de infância.

Ao observar a produção sobre Alexina Pinto, é possível fazer algumas análises. A primeira diz respeito à pouca produção sobre a professora, sua trajetória e atuação. Mesmo que a produção sobre ela tenha se iniciado no ano de 1962, é possível perceber que, até o momento, somente treze trabalhos sobre ela ou a partir das suas obras foram produzidos. A segunda análise aponta que os trabalhos identificados figuram, em sua maioria, em pesquisas que apenas citam Alexina Pinto enquanto referência ou exemplo de atuação, não sendo a educadora ou a sua atuação em si o foco de investigação. Outra análise importante se faz sobre a inexistência de trabalhos sobre Alexina que partam do Campo História da Educação. Grande parte deles foram produzidos pela área dos estudos literários, sobretudo aqueles que se voltam para o Folclore. Por fim, é possível observar que o ano de 1970 foi o que teve maior produção sobre Alexina. Sobre esse fato, vale lembrar que neste ano se comemorou o centenário de nascimento da professora.

No levantamento realizado, ficam evidentes muitas lacunas sobre a trajetória e atuação da educadora mineira. Muitos dos trabalhos encontrados apresentam pistas,

porém isso ainda não foi o suficiente para que a história de Alexina Pinto figurasse na historiografia recente, sobretudo na historiografia da educação. Essa situação pode estar associada, em grande parte, pela falta ou desconhecimento de fontes sobre Alexina Pinto.

A partir do cenário apresentado, **o objetivo desta pesquisa** é investigar a trajetória de uma educadora sanjoanense a partir de análises de documentos já encontrados durante a Iniciação Científica e os que foram levantados logo após a entrada no programa de pós-graduação. Para isso, pretende-se 1) investigar a atuação profissional e social de Alexina de Magalhães Pinto no contexto sanjoanense; 2) investigar a atuação de Alexina enquanto professora e sua participação nos espaços de destaque na Instrução Pública do Distrito Federal, percebendo em que medida essa atuação propiciou a construção de suas práticas educativas; e 3) analisar os espaços de atuação social, as relações de poder e as produções de saber e verdades pelos lugares que Alexina circulou e promoveu discussões sobre os ideais defendidos por ela.

Esses objetivos estão traçados dentro de um **recorte temporal definido**, que se inicia no ano de 1893 e vai até 1921. Essa escolha se dá pela atuação profissional inicial de Alexina de Magalhães Pinto em São João del-Rei, momento em que tomou posse da cadeira de Desenho e Caligrafia da antiga Escola Normal da cidade, 1893, e a sua atuação na cidade do Rio de Janeiro, em prol da educação da infância e dos menos favorecidos, que se estende até 1921, ano do seu falecimento.

As Escolas Normais, espaços onde Alexina trabalhou, foram instituições criadas em um contexto que visava formar as pessoas de acordo com a norma, ajudando, assim, a consolidar a hegemonia do grupo conservador que queria direcionar a formação da sociedade. Devido ao abandono da educação nas províncias brasileiras, algumas medidas foram tomadas em meados do século XIX, como a criação das escolas normais para a formação de professores e professoras, atendendo às necessidades da época. Essas instituições foram criadas para atender a ambos os sexos, mas, no decorrer do tempo, houve uma grande mudança, pois as escolas estavam recebendo e formando mais mulheres do que homens. O processo de industrialização e urbanização que ocorreu nas grandes cidades, como por exemplo, São Paulo, é considerado um dos fatores responsáveis por tal mudança, fazendo com que os homens abandonassem as salas de aula em busca das oportunidades que se ampliavam no momento, originando a “feminização

do magistério”¹. Assim, tornou-se marcante a presença e a atuação da mulher na esfera educacional da sociedade brasileira do final do século XIX e início do XX (LOURO, 2004; GUIMARÃES, 2016; CAMPOS, GOUVEA e GUIMARÃES, 2014).

A presença cada vez maior da mulher na sala de aula é tema de constantes pesquisas, assim como os estudos sobre as práticas de ensino desenvolvidas no campo da educação brasileira. O acréscimo de pesquisas dentro da área torna-se significativo por possibilitar o conhecimento sobre a história cultural da escolarização:

Outra área em que o acúmulo de pesquisa está permitindo um avanço significativo é no que se refere ao conhecimento das práticas docentes. Assim, tanto para o início do século XIX quanto para as primeiras décadas do século XX, tem sido possível responder com mais clareza o que os sujeitos escolares, sobretudo os professores, fazem com aquilo que lhes são prescritos pela legislação e pelos discursos educacionais. Responder a esta pergunta é entrar no âmago da cultura escolar e vislumbrar os processos cognitivos e formais pelos quais os sujeitos se apropriam dos materiais culturais colocados em circulação e com eles praticam (FARIA FILHO, 2003, p. 93).

Este trabalho busca ressaltar que existiram práticas pedagógicas específicas no Brasil, muitas vezes desconsideradas dentro das “correntes pedagógicas”, mas que influenciaram de alguma forma o ensino e a prática de muitos professores. Mesmo com o acúmulo das pesquisas na área, muitas dessas práticas ainda têm pouca visibilidade até mesmo no interior do campo da historiografia da educação brasileira, assim como a pouca visibilidade de intelectuais que se dedicaram à produção dessas práticas, principalmente quando é a mulher quem ocupa esse espaço do intelectual na educação. Isso se dá pela falta de fontes históricas para a pesquisa ou o desconhecimento delas, como é o caso de Alexina Pinto.

Em sua dissertação de mestrado, Agostini (2018) destaca as “práticas educativas” como algo mais amplo, que extrapola os muros da escola, revelando a profunda ligação entre o meio social e a escola. Pensando práticas educativas como um fenômeno amplo dos processos educativos, foi realizado um levantamento para esta pesquisa com as palavras chave: “práticas educativas” e “intelectuais docentes”. O interesse foi quantificar os trabalhos sobre práticas educativas movimentadas por uma intelectual **mulher e professora**. Para esse fim, nesta pesquisa, optamos por analisar os

1 O termo feminização do magistério, conforme SÁ e ROSA (2004) é utilizado para apresentar o que ocorreu nas escolas. As mulheres ocuparam cada vez mais os espaços da sala de aula, se constituindo como maioria do corpo docente em quase todos os países ocidentais.

trabalhos dos Anais do CBHE (2000-2019) e os artigos publicados no RBHE (2001-2019).

QUADRO 2: Número de trabalhos sobre Práticas educativas nos Congressos Brasileiros de História da Educação (CBHE) e na Revista Brasileira de História da Educação (RBHE), (2000-2019).

Edições	N. Trabalhos aceitos		N. Trabalhos Práticas Educativas		N. Trabalhos Práticas Educativas por um intelectual docente		N. Trabalhos Práticas Educativas por um intelectual docente mulher	
	CBHE	RBHE	CBHE	RBHE	CBHE	RBHE	CBHE	RBHE
2000	231	-	37	-	1	-	1	-
2001	-	14	-	1	-	0	-	0
2002	428	11	204	3	30	0	4	0
2003	-	16	-	0	-	0	-	0
2004	418	18	112	2	8	1	1	0
2005	-	16	-	5	-	2	-	0
2006	457	12	114	1	20	0	3	0
2007	-	21	-	6	-	0	-	0
2008	783	22	*	2	*	0	*	0
2009	-	21	-	1	-	0	-	0
2010	-	22	-	4	-	0	-	0
2011	876	19	247	0	51	0	24	0
2012	-	24	-	4	-	1	-	0
2013	725	27	201	5	20	0	4	0
2014	-	30	-	1	-	0	-	0
2015	858	30	144	3	38	2	14	1
2016	-	41	-	3	-	0	-	0
2017	480	10	119	10	31	2	13	0
2018	-	42	-	10	-	2	-	1
2019	455	41	108	7	29	3	9	1

Fonte: Resumos e Anais dos Congressos Brasileiros de História da Educação e da Revista Brasileira de História da Educação (2000-2019).

* Os Anais deste congresso não foram localizados até o momento.

O quadro 2 foi organizado com a intenção de apresentar quantos trabalhos foram publicados nos Anais do CBHE durante suas edições entre 2000 (sua primeira edição) e 2019 (última edição do evento) e nos artigos publicados na RBHE entre 2001 e 2019 (data da primeira à última edição da publicação da revista). A apresentação do quadro mostra quantos trabalhos cada edição teve, quantos desses trabalhos são sobre práticas educativas, quantos versam sobre práticas educativas movimentadas por um intelectual docente e quantos desses intelectuais são mulheres.

Através do quadro acima, verifica-se que foram 5711 resumos de trabalhos publicados nos Anais do CBHE e 437 artigos publicados na RBHE, o que totaliza 6148

resumos analisados. Desse número total, 76 são sobre práticas educativas movimentados por uma intelectual docente mulher, sendo 73 trabalhos no CBHE, o que corresponde a 1,27%, e 3 no RBHE, correspondente a 0,68%.

Outra análise que também pôde ser realizada a partir do exposto no quadro é que, nos Anais do CBHE, os homens ocupam a maioria dos trabalhos sobre práticas educativas movimentadas por um intelectual docente. Isso nos ajuda a pensar como as mulheres, enquanto objetos de pesquisas, ainda ocupam um lugar de inferioridade aos homens nas pesquisas acadêmicas, pois são pouco pesquisadas, mesmo que muitas mulheres tenham se destacado social e educacionalmente nos períodos em que viveram.

Se voltarmos nossos olhares para a *Revista Brasileira de História da Educação*, foram 19 anos de edições pesquisadas, ou seja, quase duas décadas de circulação da revista e os números são ainda mais expressivos. Em 437 artigos analisados, apenas 3 são sobre práticas educativas propostas por uma intelectual mulher, o que demonstra o quão escasso é o número de artigos publicados, na revista, sobre mulheres ocupando o espaço da intelectualidade na Educação.

Com relação aos períodos investigados, verifica-se que a maioria dos trabalhos sobre práticas educativas movimentadas por uma intelectual docente mulher contempla as décadas de 1930 e 1950 e se refere, na maior parte das vezes, ao pensamento de educadoras com atuação em diferentes regiões do país, como Rio de Janeiro por exemplo. É importante destacar que não há referência a Alexina de Magalhães Pinto nas bases de dados pesquisadas.

A realização desta pesquisa se justifica tanto pelo ineditismo de algumas fontes quanto pelas informações nelas contidas, que apresentam novas perspectivas de análise para a historiografia dos intelectuais da educação, sobretudo em Minas Gerais. Também se justifica pela possível contribuição com a produção sobre as práticas educativas propostas por uma intelectual mulher dentro do campo de pesquisas da história da educação, que apresenta pequena expressão de pesquisas, em comparação com a representação masculina, que ainda ocupa grande espaço dentro da ideia de intelectuais. Essa realidade pode ser detectada a partir do levantamento dos trabalhos apresentados no congresso da área promovido no Brasil: *Congresso Brasileiro de História da Educação* (CBHE), bem como nos artigos publicados pela *Revista Brasileira de História da Educação* (RBHE), periódico de referência para os pesquisadores da área.

Ainda a partir do levantamento exposto, é possível apontar outro fator de

relevância para a realização desta pesquisa: a possibilidade para um (re)conhecimento das atuações sociais e não só educacionais ligadas à infância, ao folclore e ao nacionalismo de Alexina Pinto.

A partir do que foi exposto até o momento, tem-se como **hipótese** para esta pesquisa que muitas práticas educativas propostas por mulheres não possuem visibilidade no cenário educacional atual devido a um apagamento na história brasileira gerado, sobretudo, pela falta de fontes ou por desconhecimento delas, como é o caso de Alexina Pinto, figura praticamente desconhecida, mesmo sendo proponente de uma educação inovadora para sua época.

Nessa perspectiva, a **escrita da dissertação** foi organizada em três capítulos. O primeiro, *Itinerários da pesquisa: Referenciais teórico-metodológicos e fontes*, apresenta os caminhos que foram traçados durante a pesquisa. Há apresentação da metodologia adotada para a análise das informações contidas nas fontes históricas, bem como dos teóricos que nortearam toda a construção da pesquisa e do objeto de estudo.

Já no segundo capítulo, *De Alexina de Almeida Magalhães à Alexina de Magalhães Pinto: uma vida dedicada à docência*, são apresentadas as informações pessoais da família e da própria Alexina Pinto e de sua trajetória educacional e social. Trata-se de uma tentativa de escrita de uma trajetória ainda desconhecida e repleta de lacunas desta educadora mineira.

Por fim, o terceiro capítulo, *Alexina de Magalhães Pinto sob novos olhares: mulher, educadora, intelectual e libertária*, traz à tona informações sobre Alexina enquanto educadora e professora e a sua atuação no cenário social, buscando apresentar e analisar o período de maior atuação intelectual da professora e suas obras.

CAPÍTULO 1 – ITINERÁRIOS DA PESQUISA: REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E FONTES

Este capítulo apresenta o caminho teórico-metodológico da pesquisa, os conceitos e os autores trabalhados na dissertação e que estão presente no decorrer dos capítulos junto às análises dos documentos. Apresenta também os trabalhos que tiveram como objeto de estudo as práticas educativas preconizadas por um intelectual docente e apresenta um comparativos entre homens e mulheres ao ocuparem esse papel na educação. Por fim, analisa os trabalhos que tiveram as mulheres como representantes intelectuais, os períodos estudados, as fontes e os caminhos utilizados nessas investigações para, então, apresentar que lugar essa pesquisa ocupa no cenário da historiografia brasileira.

Também são apresentadas as fontes movimentadas na pesquisa, bem como o referencial teórico utilizado nas análises desse material. Como o interesse é o de capturar o maior número de informações possíveis para atender ao objetivo central dessa investigação, busca-se identificar e analisar a trajetória e atuação social e educacional de Alexina de Magalhães Pinto, trazendo à tona os discursos de saber e verdades e as relações de poder que se deram em sua vivência profissional. Nesta pesquisa, Sirinelli (2003) e Perrot (2017) orientam as análises durante a investigação.

1.1 Do comum ao destaque: a importância do estudo de trajetórias individuais para a compreensão de uma história global – objeto de estudo e referencial teórico

Os estudos de trajetórias individuais lançam luzes sobre a relação entre a experiência singular e a ação coletiva, pois torna possível observar as contribuições desse indivíduos nas suas comunidades, nas suas redes de sociabilidades (SIRINELLI,2003) em um contexto social e profissional mais amplo. São como retalhos de experiências que dão acesso às lógicas sociais e simbólicas de um grupo ou conjunto maior (REVEL, 1998).

Isso se torna possível com as mudanças teórico-metodológicas ocorridas no campo da história e que marcaram significativamente as pesquisas a partir das primeiras décadas do século XX (GUIMARÃES,2011): trata-se do movimento dos *Analles*.

Pesquisar sobre a trajetória individual de um determinado sujeito na história é escolher o lugar que queremos observar. O conceito de “jogos de escala” apresentado por Revel (1998) ilustra bem essa dinâmica. Esse conceito nos permite pensar como o micro

desemboca em uma história global e ressignifica as investigações históricas, tornando possível que sujeitos comuns ganhem destaque, como é o caso desta pesquisa, em que uma mulher, educadora e intelectual se destacou no meio social e profissional em que viveu e como as marcas deixadas por ela permanecem até hoje na historiografia educacional brasileira.

Marc Bloch deu uma definição simples e acessível da história como “ciência dos homens no tempo.” Esta fórmula pode ser transposta e ajustada ao sexo, definindo a história das mulheres como “a ciência das mulheres no tempo.” (TILLY, 1994, p. 2).

Para se pensar em história das mulheres, feminização do magistério e intelectualidade feminina é preciso partir de um ponto comum de tantas outras pesquisas desse campo: o movimento dos *Annales*.

Peter Burke (1991), reconstrói criticamente esse movimento ligado a *Revista dos Annales*, movimento esse que se tornou um marco, pela sua nova forma de fazer história, contrapondo a história dos grandes heróis e feitos históricos. Esse movimento, fundado por Bloch e Febvre na França, em 1929 é um marco, uma nova forma de história que constitui o alargamento dos objetos de estudos e aperfeiçoamentos metodológicos, massas anônimas, novos problemas, métodos e abordagens.

Herdeira dos *Annales*, a História Cultural ou Nova História é um movimento de renovação historiográfica (SILVA, COTTA, OLIVEIRA, OLIVEIRA, COSTA, 2020) que influenciou os estudos em História da Educação. A importância da criação dos grupos de trabalhos nessa área, nas décadas de 1980 e 1990, e contribuições para a Educação, tais como Dermeval Saviani, resultaram no que hoje chamamos “História dos excluídos”. Uma história que não é contada mais somente sobre os grandes heróis e/ou feitos históricos, mas uma história vista de baixo, em que sujeitos simples ou excluídos também são fundamentais para a compreensão de um determinado contexto e/ou momento histórico, novas abordagens e também a ampliação das fontes para a pesquisa.

A história centrada em enaltecer vencedores desqualifica a potencialidade dos que foram vencidos e perpetua as desigualdades, legitimando apenas grandes instituições, sujeitos que tiveram destaques em seus lugares de atuação e certas culturas que são vistas como mais importantes que outras. Isso também acontecia com as fontes para as pesquisas, sendo privilegiados os documentos oficiais expedidos por instituições reconhecidas. Ao se ter essa nova história e essas discussões:

[...] foi possível repensar as fontes: documentos como diários, cadernos de escolas, fotografias, jornais e tudo aquilo que guarda vestígio humano se tornam documentos necessários para a compreensão de campos de estudos e a renovação de temas: das ideias à sala de aula (Sociologia e Antropologia), sujeito, a criança, pesquisa sobre infância, profissão docente, política educacional e estudos de gênero” (SILVA *et al.*, 2020).

O uso descritivo de gênero era para delimitar novos terrenos e, à medida em que historiadores sociais se voltavam para novos objetos, o gênero se torna relevante com temas como mulheres, criança, família e ideologia de gênero (SCOTT, 1995). Essas transformações assinalam, na historiografia, o momento de temáticas e grupos sociais até então excluídos como o novo interesse dos pesquisadores, alcançando às mulheres a condição de objeto e sujeito da história (SOIHET, 1998).

Nas últimas décadas do século XX, a história sofreu grandes transformações teóricas e metodológicas que direcionaram os olhares dos historiadores a temas e grupos sociais que, até então, estavam à margem dos estudos históricos, como mulheres, os velhos, os operários, os camponeses e os escravos. Nesse contexto, emerge a história das mulheres como um campo de estudo, influenciada pelos novos interesses da disciplina histórica e pelas campanhas feministas. Os reflexos dessas renovações não demoraram a alcançar o Brasil, e o aumento dos estudos sobre as mulheres nos programas de graduação e pós-graduação fez com que a história das mulheres se consolidasse rapidamente em nosso país (FARIAS, 2009, p. 924).

Perrot (2017), afirma que as mulheres foram excluídas da história, pois os relatos que temos sobre elas são contados a partir do ponto de vista masculino, tendo a figura da mulher como subordinada ao homem e à família. Com a ampliação teórica e metodológica e o aumento de pesquisas, a história das mulheres passa a ser contada sobre suas atuações sociais, a ocupação em espaços de trabalho e na vida política do meio em que vivem.

Como exemplo desse novo olhar sobre os temas, temos a possibilidade de estudar o efeito da “feminização do magistério”, em que as mulheres passaram a ganhar destaque na vida profissional. A feminização do trabalho docente ocorre com o processo de industrialização e urbanização que ocorreu em alguns estados brasileiros, como São Paulo, quando os homens passam a deixar o trabalho docente e ir para as fábricas, marcando um importante ponto na representação simbólica das mulheres.

A industrialização e a urbanização ancoraram-se em uma divisão sexual do trabalho antiga, reciclaram-na e a utilizaram para manter as desigualdades em contextos de suposta igualdade. A nova divisão sexual (e social) do trabalho outorgou novos sentidos aos conceitos de trabalho (trabalho produtivo) e de não trabalho (o trabalho reprodutivo), de público e privado, e estabeleceu, separadamente, as esferas feminina e masculina, as quais respectivamente, se materializam em: não trabalho: doméstico, reprodutivo, gratuito, privado e feminino, por seus aspectos, contrastando com o trabalho: industrial, produtivo, remunerado, público e masculino (YANNOULAS, 2011, p. 276).

Nesse contexto, Yannoulas (2011) aponta como “trabalho remunerado (em particular, o fabril)” foi considerado danoso para a saúde biológico-reprodutivo das mulheres e prejudicial para as famílias, pois estas dependiam dos cuidados das mulheres. Apesar de um contexto de limitação, as mulheres conseguiram ocupar o mercado de trabalho, mas com funções que não comprometessem o que se tinha historicamente como principal função feminina: o cuidado com a família, os filhos e o lar. É nessa perspectiva que as mulheres passaram a ocupar as salas de aula, com estudos normalistas e com o exercício do magistério., considerado como uma extensão do lar, o que acabou sendo bem aceito pela sociedade e promovido pelas autoridades públicas.

Os manuais de conduta para boas moças alegavam que era aceitável para uma moça de boa família a atividade de magistério, porém, apenas até o casamento, porque após o vínculo conjugal seria o momento para cuidar do marido e dos filhos (YANNOULAS, 2011, p. 278).

Apesar do contexto e destino cerceadores, muitas mulheres ultrapassaram os muros da escola, fizeram do magistério mais do que a extensão do lar e acabaram se destacando pelos seus ideais educacionais e/ou práticas educativas que propuseram e que tiveram grande impacto no campo social, principalmente na cena política. Contudo, o estudo dessas mulheres e dos impactos de suas ações só são possíveis com o estudo de trajetórias individuais, quando analisamos especificamente esse determinado sujeito no seu campo de atuação.

Com esses novos sujeitos ganhando destaque na História, o termo intelectual também se torna alvo de discussão, pois é preciso compreender quem são os sujeitos que se encaixam nesse termo e o que é preciso ser e fazer para ser considerado um intelectual.

Exemplo disso são as pesquisas que se dedicaram a investigar o trabalho docente ou as práticas educativas propostas por um intelectual docente, conforme apontado na introdução desta dissertação. É notável o acréscimo de pesquisas com esse olhar para

trajetórias individuais. A cada edição do CBHE, por exemplo, o número de trabalhos apresentados aumenta, o que acaba influenciando na criação de eixos temáticos dedicados aos estudos da profissão docente e intelectuais.

É importante ressaltar que, para Sirinelli (2003), existem duas noções para a caracterização do conceito de intelectual: a primeira é ampla e sociocultural, engloba agentes sociais criadores e mediadores culturais, abrangendo professores, jornalistas, escritores e eruditos. A segunda, estreita e engajada, são atores engajados, visando desvendar as causas pelas quais estão a serviço. Para esse trabalho, consideramos que Alexina se caracteriza tanto pela primeira, quanto pela segunda noção apresentadas por Sirinelli.

Partindo desse princípio, os trabalhos levantados e posteriormente apresentados no quadro são fundamentais para entender a importância de pesquisas que se voltam para intelectuais mulheres, como esta dissertação. Dos 5711 trabalhos apresentados nas edições do CBHE, entre os anos 2000 e 2019, 73 se dedicaram a pesquisar sobre o trabalho docente ou práticas educativas propostas por mulheres. Contudo, apenas 5 tiveram como objeto de estudo a trajetória individual e a atuação profissional e social de mulheres que foram além dos muros da escola ao atuarem na política e na imprensa e fazerem da educação o seu lugar de destaque na sociedade em que estavam inseridas.

O primeiro trabalho, apresentado no III CBHE (2004), intitulado *Memória da educação em Minas Gerais: Trajetória intelectual de uma mestra*, de Francisca Izabel Pereira Maciel, teve como objetivo reconstituir a trajetória intelectual e pedagógica da professora Lúcia Casasanta, professora que teve grande atuação e influência na adoção do método global para o aprendizado inicial e aquisição da leitura e da escrita, entre os anos 1920 e 1940 no cenário educacional mineiro. Para além da sala de aula, a professora foi influente na formação de professoras alfabetizadoras, destacando sua significativa participação para a inovação metodológica que ocorreu no ensino em Minas Gerais naquele período.

Já na VIII edição do CBHE, ocorrida em 2015, foi possível destacar dois trabalhos. *Maria Yedda Leite Linhares: uma intelectual na educação do Rio de Janeiro*, de Lia Ciomar Macedo de Faria, que analisa a trajetória da referida professora entre as décadas de 1960 e 1980 ao investigar as ações e os pensamentos da intelectual para a consolidação da universidade pública e da escola republicana no Brasil, bem como os caminhos traçados por essa mulher no campo da educação e da política fluminense, destacando a atuação feminina nos meios intelectuais e universitários daquele período. E

A representação feminina na trajetória intelectual da professora Maria Lígia Madureira Pina, de José Genivaldo Martires, que estuda a trajetória da professora entre os anos 1920 e 1990 e a sua influência marcante nos estudos do universo feminino, como a publicação de obras que relatam as lutas femininas e a histórias das mulheres no contexto sergipano.

O protagonismo e as práticas da professora Sinhazinha Wanderley na Educação da cidade de Assuí/RN, de Gilson Lopes da Silva e Olívia Morais de Medeiros Neta, que teve como objetivo o estudo e a análise do protagonismo profissional e as práticas pedagógicas desenvolvidas pela professora no final do século XIX e meados do século XX. O trabalho sobre a influência e participação ativa da professora na vida cultural da cidade, com extensa produção de músicas, peças de teatro, textos para jornais e poesias foi apresentado na IX edição do CBHE, em 2017. Por último, outro trabalho também apresentado na mesma edição do evento foi *Maria Antonietta de Castro: intelectual da educação*, de Márcia Guedes Soares, que tem como período de estudo as décadas de 1920 e 1930 na sociedade paulistana. O trabalho investigou a grande atuação de Maria Antonietta e a sua influência enquanto chefe na Inspetoria de Educação Sanitária e Centros de Saúde, organizando e presidindo a Associação de classe e a Associação de Educação Sanitária, bem como seu envolvimento no campo político para a defesa da redução da mortalidade infantil e na criação da Cruzada Pró-Infância.

Percebe-se, por meio dos trabalhos destacados acima, a importância de se estudar a trajetória individual para compreender um contexto maior, partindo do micro para a compreensão de como práticas ou movimentos se ampliaram e influenciaram contextos mais amplos da educação de determinado período histórico. O destaque de determinados sujeitos e ações para o coletivo de suas comunidades ou redes de sociabilidade, e, até mesmo para o (re)conhecimento de determinadas práticas e ações que perduraram ao longo do tempo ou que se perderam com o passar dos anos, ajudam-nos a pensar sobre os silenciamentos e apagamentos que ocorrem na historiografia.

Os cinco trabalhos elencados acima, apresentam o estudo da trajetória e/ou atuação profissional e social de cinco mulheres professoras que se destacaram no meio social em que viviam, no período que se estende ao recorte cronológico dessa dissertação. Todos, exceto o trabalho de Faria (2015), tiveram como recorte cronológico o final do século XIX e o início do século XX, nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Sergipe, Rio Grande do Norte e São Paulo.

Também é importante ressaltar que nenhum dos trabalhos acima teve como objeto de estudo a professora Alexina Pinto, nem os envolvimento políticos,

educacionais e sociais promovidos por ela. Os estudos sobre as trajetórias individuais, a atuação profissional e social é que tornam possível perceber o impacto de muitas mulheres nas comunidades e grupos em que se relacionavam, como é o caso de Alexina. Estudar a trajetória individual dessa mulher e educadora, analisando sua atuação profissional e social, ajuda-nos a refletir como determinadas práticas educativas e sociais mobilizadas por ela e outras professoras impactaram o contexto e o período em que viveram, possibilitando a compreensão sobre os apagamentos e silenciamentos históricos, principalmente quando é a mulher a ocupar esse papel de destaque.

1.2 Fontes e procedimentos metodológicos

É importante considerar que essa pesquisa é fruto de um trabalho de Iniciação Científica e que os passos realizados tiveram início muito antes da entrada no Programa de Pós-graduação. Por esse motivo, os procedimentos metodológicos aqui citados são os mobilizados desde o princípio da pesquisa de Iniciação Científica.

O interesse por Alexina se deu muito antes de se pensar em fazer a presente pesquisa, antes da entrada na pós-graduação e antes ainda da Iniciação Científica. Foi em um encontro do NEPSHE (Núcleo de Estudos e Pesquisas Sócio-Históricas em Educação), em uma sexta-feira à tarde, onde a Professora Doutora Paula Cristina David Guimarães fazia uma explanação sobre a sua pesquisa de doutorado. Na apresentação, ela citou o episódio da bicicleta, vivenciado por Alexina de Magalhães Pinto, o que me causou grande interesse em saber mais a respeito. A partir desse momento, deu-se a busca por informações, ainda de maneira despretensiosa.

As primeiras informações eram simples, não aprofundavam em quem era essa mulher e sobre a importância dela para a educação. O mais relevante era uma rua da cidade de São João del-Rei ter recebido seu nome como homenagem após sua morte e Alexina ser reconhecida como folclorista.

Durante a busca por informações, houve uma reunião no Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei (IHG-SJDR), em que haveria uma explanação de Lucinha Guimarães (Maria Lúcia Guimarães) sobre Alexina Pinto. Lucinha foi professora no curso de Pedagogia da UFSJ e, após se aposentar, continuou estudando sobre brincadeiras, folclore e, nesses encontros da vida, teve a felicidade de encontrar um livro de Alexina. Lucinha e também informações sobre o seu trabalho com o folclore. Tais dados foram levados por Lucinha para uma apresentação que realizou no Instituto, o que

me incentivou a continuar indo aos encontros promovidos pelo IHG e continuar mantendo contato com ela.

Durante esse período de descobertas sobre a vida de Alexina Pinto, a Professora Paula abriu um processo seletivo para Iniciação Científica, cujo tema era uma das obras de Alexina Pinto, justamente a educadora pela qual eu havia de interessado e já vinha procurando saber mais, mesmo sem os direcionamentos de uma pesquisa científica. Tive aprovação no processo seletivo e iniciei a minha pesquisa já com um repertório significativo de informações sobre o meu objeto de pesquisa, oportunizado pelo interesse e curiosidade anteriores.

O projeto de Iniciação Científica tinha como objetivo localizar e organizar todas as fontes históricas sobre/de Alexina Pinto. Esse início foi primordial para o que se propõe neste momento, pois, a partir das fontes localizadas, foi possível identificar e analisar informações sobre a trajetória e a atuação profissional de Alexina.

Em seguida, foi realizado o levantamento bibliográfico no banco de teses e dissertações da Capes, no Scielo e Google Acadêmico, a fim de encontrar os trabalhos realizados sobre Alexina Pinto ou que se reportavam à ela de alguma forma. Para essas buscas, foram utilizadas como palavras-chave: Alexina Pinto, Alexina de Magalhães, professora e folclore.

O levantamento bibliográfico teve como principal interesse construir o estado da arte sobre o tema pesquisado e identificar possíveis lacunas de pesquisa. Ao fazer isso, algo chamou bastante atenção: todas as pesquisas encontradas versavam sobre o folclorismo e a nacionalidade das obras de Alexina, mas nenhuma tratava especificamente dela, quem era, sua trajetória ou sua atuação educacional. Esses dados foram se tornando questões e redirecionaram a pesquisa, que passou a ter como objetivo localizar e reunir fontes históricas e, posteriormente, organizá-las em um banco de dados. A ideia é que as fontes poderiam trazer informações sobre a trajetória pessoal e educacional de Alexina Pinto, algo até então desconhecido.

Localizar as fontes para esta pesquisa demandou tempo, investimento financeiro e paciência, pois não é algo fácil, principalmente quando se trata de documentos históricos que não pertenceram a uma instituição ou a um agente histórico considerado importante na historiografia brasileira. Isso faz com que essa busca se torne um processo árduo e solitário; é como buscar uma “agulha no palheiro”, pois os documentos podem estar em uma caixa ou no fundo de um armário em um lugar qualquer, ou mesmo nem existirem.

A guarda de arquivos, assim como as novas abordagens teórico-metodológicas

sofreram mudanças ao longo tempo. O novo olhar sobre a arquivologia veio junto com a renovação historiográfica, quando a sociedade passou a ter um novo olhar e a valorizar as fontes enquanto patrimônio nacional, reconhecendo seu valor científico sobre o passado e como guardiões da memória institucional e coletiva (MIRANDA, 2011).

A partir da década de 1980, os novos paradigmas da Arquivologia e o reconhecimento pela Unesco de que os arquivos são elementos do patrimônio cultural das nações estimulam a reflexão sobre o papel do historiador e do arquivista nas instituições de custódia e sobre os arquivos como espaço para o exercício da interdisciplinaridade (MIRANDA, 2011, p. 1).

Considera-se que toda a caminhada realizada até aqui foi bastante iluminada pela “existência de uma espécie de anjo da guarda intelectual, que leva as pessoas às leituras certas nas horas certas” (MORAES, 2002, p.148), pois ele encaminhou pessoas que deram luzes a esta pesquisa. Uma dessas pessoas foi o Antônio Gaio Sobrinho, historiador da cidade e também membro do IHG, uma pessoa que teve todo carinho e zelo ao instruir uma novata pesquisadora. O professor deu sugestões muito importantes que fizeram aguçar o faro e a intuição de um pesquisador. A partir de seu conhecimento historiográfico sobre pessoas e eventos da cidade, ele pôde passar orientações de lugares que poderiam ter fontes com informações sobre Alexina.

A partir das informações levantadas, dos trabalhos estudados, das incansáveis noites buscando dados na internet e as idas aos diferentes lugares onde pudessem existir fontes – Biblioteca do IHG, Biblioteca Pública Municipal Luiz de Bessa, Biblioteca Municipal Baptista Caetano d’Almeida, Biblioteca Nacional, Arquivo Público Mineiro e Matriz do Pilar – este trabalho foi ganhando forma. Cada um desses lugares foi alimentando e mantendo viva esta pesquisa.

O primeiro local visitado foi a Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de São João del Rei, onde foi possível ter acesso aos efemérides sobre a cidade, os primeiros indícios sobre datas, nomes e informações sobre a Escola Normal. Nesse momento, as informações ainda eram vagas, mas pertinentes para quem estava buscando uma agulha no palheiro. Todas essas informações eram anotadas em um pequeno caderno brochura vermelho, que tinha o papel de ser a memória fora do corpo do pesquisador, um grande instrumento para se chegar à escrita final deste trabalho.

As primeiras informações levantadas após a ida na Biblioteca do IHG e das

conversas com o historiador Antônio Gaio Sobrinho me levaram à Biblioteca do Museu Regional e à Biblioteca Municipal Baptista Caetano d'Almeida. Infelizmente, nesses lugares as informações foram as mesmas localizadas no primeiro local visitado, mas também foi possível conhecer outras pessoas, outros pesquisadores que ajudaram com sugestões. Assim, com los lugares percorridos e com muitas pessoas empáticas pelo caminho, esta pesquisa foi sendo construída, com as informações aprofundadas, e algumas fontes encontradas.

O presente trabalho se enquadra na perspectiva de uma pesquisa qualitativa e tem como principal procedimento metodológico a análise de documentos históricos e o entrecruzamento de informações de diferentes fontes.

As pesquisas qualitativas são aquelas em que o pesquisador tem por objetivo compreender as informações que foram levantadas, buscando analisá-las de acordo com a pergunta de sua pesquisa. Para isso, o pesquisador se constitui como instrumento principal, pois pode analisar as informações de acordo com o que busca interpretar. Já a pesquisa documental se caracteriza pela análise de documento. De acordo com Cellard (2008), podem ser aplicadas cinco dimensões de avaliação crítica sobre um documento: o contexto, o autor ou os autores, a autenticidade e a confiabilidade do texto, a natureza do texto e os conceitos-chave e a lógica interna do texto. Essas dimensões, segundo ele, contribuem como análise preliminar do documento para avaliação crítica sobre o mesmo.

Assim, a análise documental, juntamente com a pesquisa qualitativa, torna possível a compreensão de um caso específico, como Pires (2008) mostra em seus estudos, em que a amostra do caso se constitui em torno de uma pessoa ou de uma família. Esse é um dos objetivos dessa pesquisa: investigar a trajetória de uma educadora sanjoanense a partir de análises de documentos já encontrados durante a IC e os que foram levantados logo após a entrada no programa de pós-graduação.

Neste trabalho, busca-se descrever a trajetória de vida de Alexina Pinto e analisar a sua atuação social e profissional. Partindo desse interesse, o movimento inicial de levantamento bibliográfico e busca de fontes realizados durante a iniciação científica foi aprofundado nesta dissertação. Para isso, foram feitas leituras de contextualização do objeto de investigação, que pudessem esclarecer questões sobre gênero e história das mulheres (SCOTT, 1995; PERROT 2017; DEL PRIORE, 2018); feminização do magistério (YANOULLAS, 2011); práticas educativas (VAGO, OLIVEIRA, 2008); e educação das mulheres (JINZENJI, 2008).

Em seguida, foi realizado o levantamento bibliográfico no banco de teses e

dissertações da Capes, no Scielo e Google Acadêmico, a fim de encontrar os trabalhos realizados sobre Alexina Pinto. Para essas buscas foram utilizadas como palavras-chave: Alexina Pinto, Alexina de Magalhães, professora e folclore. Após essa etapa, foi iniciada a busca por fontes que nos esclarecessem sobre a trajetória de vida e profissional de Alexina Pinto. A busca foi realizada em arquivos e base de dados diversas, tais como: 1) Biblioteca Nacional, 2) Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, 3) Biblioteca do Museu Regional de São João del-Rei, 4) Arquivo Público Mineiro 5) Biblioteca Pública Municipal Luiz de Bessa, 6) Biblioteca Municipal Baptista Caetano d'Almeida, 7) Matriz do Pilar e 8) Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular.

O acervo documental dessa pesquisa está composto pelo *Livro de Inscrições para Concursos, Atas do Concurso para Provimento das Cadeiras, Livro de Termos de Posses e Compromissos, Atas de Exames, Termos de Julgamentos das Provas, Livro de Registros de Licença dos Professores, Atas de Congregações, Livro de Ponto Diário e Imprensa Nacional*. Na Biblioteca Nacional, os documentos majoritariamente encontrados foram os jornais, datados da época em que Alexina participou do concurso para ocupar a cadeira de professora na antiga Escola Normal em São João del-Rei até o seu falecimento – notícias que estão entre os anos 1890 e 1921. No Arquivo público Mineiro, segundo lugar com maior *corpus* documental desta pesquisa, foram encontrados livros que pertenciam à antiga Escola Normal de SJDR, como o *Livro de Registros* com o termo de posse e compromisso dos professores da Escola Normal. Nele havia o termo de posse e compromisso de Alexina Pinto assumindo a cadeira de desenho e caligrafia, no ano de 1893.

Com o volume de documentos encontrados, sobretudo o de jornais, durante a IC foi necessário a construção de um banco de dados que sistematizasse essa documentação, de forma a contribuir para o momento de análise das informações obtidas nos documentos. Tal sistematização não ficou de lado após o encerramento da pesquisa. Esse banco de dados continuou sendo atualizado a cada nova fonte encontrada durante a escrita da dissertação. De acordo com Biccas (2008), a formulação de um banco de dados se torna primordial para a lida e análise de um grande quantitativo de material.

O banco de dados está organizado em: 1) número, 2) fonte, 3) ano, 4) mês, 5) número da edição, 6) página, 7) título, 8) autor, 9) dados sobre o autor, 10) palavras-chave, 11) resumo, 12) inédito e 13) local. Tal organização foi estabelecida para facilitar a quantificação das fontes reunidas, para melhor identificar os tipos de fontes encontradas, para visualizar o período em que foram produzidas, bem como para conhecer seus autores.

Outras chaves de inserção, como resumo e local, tornaram-se importantes a partir do momento em que apresentam o conteúdo do documento e o lugar onde está alocado.

Além do banco de dados e para uma melhor visualização dos documentos encontrados, as fontes que compõem esta pesquisa estão apresentadas nos quadros a seguir. O quadro 3 apresenta os documentos levantados no Arquivo Público Mineiro, na cidade de Belo Horizonte, durante a IC e durante o trabalho realizado para essa dissertação. Essa instituição “não se limitou apenas ao recolhimento de documentos administrativos, mas buscava documentos importantes para a escrita da história do estado de Minas Gerais e do Brasil” (SILVA, 2006, p. 60).

No Arquivo Público Mineiro estão localizados os documentos e livros da antiga Escola Normal de São João del Rei (ENSJDR), nos quais foi possível localizar registros que mencionam o trabalho de Alexina Pinto, como a sua entrada na escola, os pontos de diário, as licenças, as atas de exames e as reuniões das congregações, o que torna possível analisar a sua trajetória educacional no contexto sanjoanense. Também é possível identificar as pessoas com quem conviveu e estabeleceu redes de sociabilidade na cidade e sua atuação enquanto educadora na referida escola.

QUADRO 3: Documentos levantados no Arquivo Público Mineiro

N.	Documento	Data/ período de produção
1	Livro de Inscrições para Concursos	1892-1898
2	Atas do Concurso para Provimento das Cadeiras	1893-1897
3	Livro de Termos de Posses e Compromissos	1891-1899
4	Atas de Exames do 1º ano	1892-1894
5	Atas de Exames do 3º ano	1892-1894
6	Termos de Julgamentos das provas nos concursos	1893-1897
7	Livro de Registros de Licenças dos Professores	1893-1901
8	Atas de Congregações	1893-1905
9	Livro de Ponto Diário	1893-1907

Fonte: Quadro produzido pela autora com base nos documentos investigados

O quadro 4 apresenta revistas e o Almanaque Brasileiro Garnier, das edições de 1908, 1910 e 1911, que trazem informações relevantes para a escrita da trajetória de Alexina, como informações acerca de seu trabalho enquanto professora primária no Rio de Janeiro e também indícios de suas estratégias para fazer circular suas obras naquele período. É nesta fonte que está a fotografia de Alexina (GARNIER, 1908), apresentada

na introdução desse trabalho.

QUADRO 4: Revistas e Almanques levantados na Biblioteca Nacional

N.	Revista/ Almanaque	Data
1	Almanaque Brasileiro Garnier	1908/1910/1911
2	A Escola Primária	1921
3	Revista Feminina	1920
4	Revista da Semana	1921
5	Revista de Língua Portuguesa	1919
6	O Malho	1922/1929/1930
7	Anais da Biblioteca Nacional	1913

Fonte: Quadro produzido pela autora com base nos documentos investigados.

Já o quadro 5 apresenta os jornais que foram levantados em buscas pela Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital. Esses arquivos foram reunidos após incontáveis buscas com diferentes chave de inserção, como: *Alexina de Magalhães Pinto*, *Alexina Pinto*, *folclorista*, *Escola Normal*, *desenho e caligrafia*, *professora primária*, *concurso*, *Floriano Leite Pinto*, *Eduardo de Almeida Magalhães* e *Virginia Vidal Leite Carneiro*, em diferentes períodos históricos que se estendem entre os anos de 1850 até 1930. As chaves foram utilizadas para buscar o maior número possível de informações sobre Alexina e sua família, já que a vida pessoal e social dela apresenta muitas lacunas. Esse movimento foi importante porque possibilitou encontrar diferentes fragmentos de sua história, como informações sobre sua família, lugares que percorreu, eventos para os quais foi convidada, ações sociais em que esteve e pessoas com quem conviveu, tornando possível traçar um trajetória não linear mas atenta às informações disponíveis na documentação encontrada.

Os jornais informativos são descartáveis em um curto espaço de tempo porque substituíveis, mas como fonte de pesquisa trazem uma densidade no registro dos acontecimentos, já que valores e ideias se encontram representados em seus conteúdos e contribuem para o resgate da história. Os periódicos são significativos na reconstrução de um tempo passado, tanto em relação aos fatos relatados, quanto à concepção transmitida a partir desses fatos (ANDREOTTI, 2004, p. 17-18).

QUADRO 5: Jornais levantados na Biblioteca Nacional

N.	Jornal	Data
1	A Época - RJ	1917
2	A Noite - RJ	1916/1917/1918
3	A Notícia - RJ	1901/1915
4	Correio da Manhã - RJ	1917/1918
5	Correio Mercantil e Instructivo, Político e Universal - RJ	1859/1863/1865
6	Correio Paulistano - SP	1917
7	Dezenove de Dezembro - PR	1865 à 1867
8	Diário do Rio de Janeiro - RJ	1866/1867/1869/1874/ 1875/1877
9	Gazeta de Notícias - RJ	1890/1896/1897/1901/ 1902/1904/1905/1906/ 1915/1916/1917/1918
10	Jornal do Brasil - RJ	1901/1902
11	Jornal do Comércio - RJ	1858/1859/1878/1881/ 1882/1886/1887/1888/ 1889/1890/1893/1896/ 1897/1899/1900/1901/ 1913/1916/1919
12	Minas Geraes Orgão Official dos Poderes do Estado - MG	1893/1894/1895/1896
13	O Apostolo - RJ	1887/1870
14	O Baependyano - MG	1882
15	O Combate - RJ	1921
16	O Correio da Tarde: Jornal Comercial, Político, Litterário e Noticioso	1859
17	O Fluminense - RJ	1888
18	O Paiz - RJ	1885/1908/1909/1911/ 1912/1913/1915/1916/ 1917/1918
19	O Tico Tico	1901/1910/1921
20	Pharol - MG	1886/1893

Fonte: Quadro produzida pela autora com base nos documentos investigados.

Já o quadro 6 apresenta a produção intelectual realizada por Alexina. Por meio dele percebemos que a professora produziu e publicou livros que circularam pelo país entre os anos de 1907 e 1916.

QUADRO 6: Produção Intelectual

Nº	Nome do livro	Ano de publicação
1	Liga de Instrução Moral Ingleza	1907
2	Os Nossos Brinquedos	1909
3	Cantiga das Creanças e do Povo, Danças Populares	1916
4	Esboço provisório de uma Bibliotheca Infantil	1917
5	Provérbios Populares, Máximas e Observações Usuaes	1917

Fonte: Quadro produzida pela autora com base nos documentos investigados.

As obras apresentadas no quadro acima foram identificadas durante a etapa de levantamento de fontes históricas, mas nem todas foram localizadas e analisadas para essa

pesquisa.

O primeiro livro, *Liga de Instrução Moral Ingleza*, foi localizado no setor de obras raras da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, na cidade de Belo Horizonte – Minas Gerais, junto de outra obra da autora, o livro *Cantiga das Creanças e do Povo, Danças Populares*.

O *Esboço provisório de uma Bibliotheca Infantil* foi publicado em 1917, no livro *Provérbios Populares, Máximas e Observações Usuaes*, embora Alexina tivesse iniciado sua escrita em 1906, ele foi publicado ao final do livro dos Provérbios apenas em 1917, por motivos “alheios a sua vontade”, como ela mesma justificava. Este livro foi adquirido em um sebo online, e está em posse da autora desta dissertação.

Como mencionado acima, nem todas as obras foram localizadas e analisadas para essa pesquisa como, por exemplo, o livro *Nossos Brinquedos*.

Neste trabalho, as diferentes fontes se unem para a compreensão de um todo. As fontes se complementam, o que nos mostra a importância do entrecruzamento das suas informações.

O entrecruzamento das fontes constitui estratégia fundamental na pesquisa histórica para contemplar a complexidade da construção da vida social, a polifonia de discursos e práticas produzidos pelos distintos atores sociais, a partir de sua inserção. Porém cabe considerar a especificidade de cada produção discursiva, tendo em vista as condições e hierarquias entre os distintos espaços de produção, circulação e apropriações dos discursos sociais que informam sua natureza (GOUVÊA, JINZENJI, 2006, p.115).

CAPÍTULO 2 – DE ALEXINA DE ALMEIDA MAGALHÃES A ALEXINA DE MAGALHÃES PINTO: UMA VIDA DEDICADA À DOCÊNCIA

O Conselho Superior reunido em sessão plena, depois de ouvir, ler e discutir o parecer da respectiva secção sobre o supradito concurso; considerando que, apesar de ter o candidato Guilherme José de Oliveira Barreto apresentado uma excellente prova de calligraphia, mostrou-se contudo muito inferior à sua concorrente na prova pratica de desenho; considerando finalmente que, pelo fiscal do governo, foi confirmada a superioridade de dona Alexina de Magalhães na prova oral.

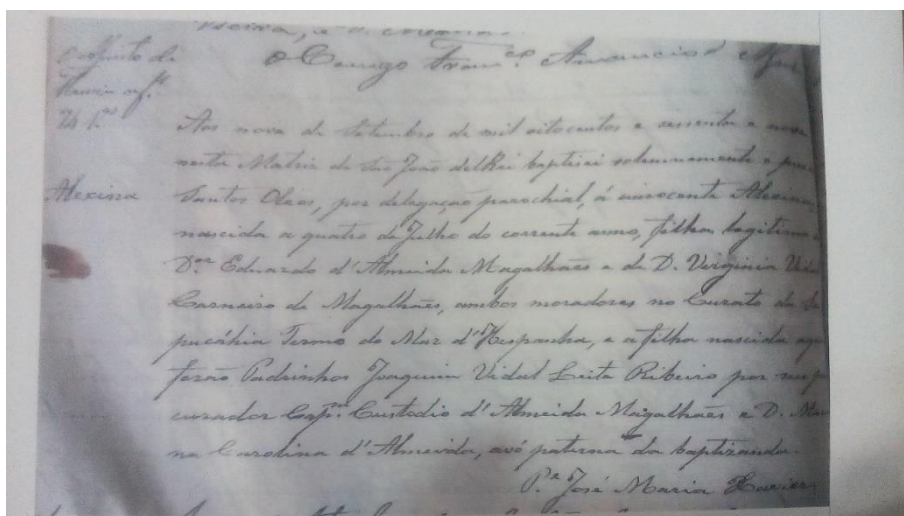
(Extraído do jornal *Minas Geraes: Orgam Official dos Poderes do Estado*, em 1893).

Este capítulo apresenta informações sobre a trajetória pessoal e profissional de Alexina de Magalhães Pinto no contexto educacional e social de São João del-Rei, quando ela iniciou sua atuação docente na antiga Escola Normal da cidade.

Como foi apresentado anteriormente e justificado pelo levantamento realizado como processo inicial da pesquisa, os trabalhos aqui analisados e que versam sobre Alexina buscaram falar sobre seu trabalho com a cultura popular, o folclore e a nacionalidade, mas investigações sobre a vida ou informações pessoais sobre ela, ainda são escassos.

2.1 Pertencimento familiar: alguns vestígios de um passado ainda desconhecido

FIGURA 2: Batistério



Fonte: Matriz de São João del-Rei, 1869.

Alexina de Magalhães Pinto nasceu e foi batizada na cidade de São João del-Rei, Minas Gerais, no ano de 1869, como é possível observar na imagem apresentada acima, que é o Batistério da professora, localizado no livro 8, folha 74 verso, na Matriz de SJDR, documento eclesiástico que trata do seu batizado. O Batistério é um documento que faz parte do arquivo eclesiástico, tipo de acervo que possui uma relação histórica muito forte com a sociedade, além de possuir informações de valor legal, administrativo e religioso. É importante ressaltar que o Brasil é um dos países com o maior número de católicos no mundo, o que torna a Igreja Católica um rico espaço de guarda documental.

O primeiro sacramento da Igreja e que faz com que seja possível obter outros sacramentos é o batismo. Por ser algo considerado de grande valor para os católicos e por se fazer necessário aos fiéis que tenham como desejo celebrar os outros sacramentos da religião Católica, esse registro é feito em livros, que são guardados nas igrejas, e servem como fontes históricas valiosas para muitas pesquisas (DIAS, 2015).

A partir desse primeiro documento, é possível analisar uma divergência entre os trabalhos realizados sobre Alexina até o momento. Em todos eles, foi apresentado 1870 como o ano de seu nascimento. Contudo, o Batistério mostra outra informação. Nele observamos que Alexina nasceu em julho de 1869 e foi batizada no mês de setembro do mesmo ano.

No mesmo documento, também foi possível levantar outras informações, como a cidade natal de Alexina, São João del-Rei, o local onde seus pais faziam residência, Sapucaia, próximo a Mar de Espanha. Tais informações também mostram a divergência que alguns trabalhos apresentam a respeito do local de nascimento da professora.

Pouco ainda é possível falar sobre Alexina de Magalhães Pinto na infância e sobre a sua formação inicial, gerando uma lacuna na trajetória pessoal da educadora no que corresponde ao período de 1869 a 1887. Dentro desse recorte, o que podemos levantar é que Alexina ficou órfã de mãe quando tinha apenas cinco anos de idade, conforme atesta o jornal *O Globo*, em 04 de dezembro de 1874, quando convida para a missa de sepultamento a ser celebrada às 8 horas da manhã desse mesmo dia na Matriz da Candelária, no Rio de Janeiro: “Por alma da Sra. D. Virgínia Vidal Carneiro de Magalhães, convidando o Sr. Dr. Eduardo de Almeida Magalhães”.

Outra informação que também foi possível levantar a partir do entrecruzamento de informações entre o Batistério e a imprensa nacional é que, no ano de 1870, seus pais fizeram doações em favor da escola doméstica Nossa Senhora do Amparo, na cidade de Petrópolis. Isso nos traz indícios de que, talvez, Alexina tenha passado parte da sua

infância entre Minas Gerais e Rio de Janeiro, já que a missa pela alma de sua mãe foi na Matriz da Candelária (RJ).

O pai de Alexina, Eduardo de Almeida Magalhães, era engenheiro civil. Pouco depois de formado, fez parte da Comissão de engenheiros encarregada do lançamento da linha telegráfica do Paraná. Era proprietário da Fazenda Barra de Ouro Fino, na cidade de Além Paraíba–MG. Casou-se duas vezes: na primeira, com Dona Virgínia Vidal Leite Carneiro, com quem teve três filhos, sendo um deles Alexina; na segunda, com Cândida Rosa Sobral de Almeida Magalhães, com quem teve 10 filhos.

A informação, localizada por meio dos jornais, de que seu pai era proprietário de uma fazenda em Além Paraíba, foi de suma importância para levantar mais algumas informações e vestígios da infância ainda desconhecida de Alexina. Através dessa informação, foi possível fazer uma pesquisa no site da Biblioteca Nacional, usando o nome dos pais de Alexina e da fazenda como chave de busca em que foram encontradas algumas notas e requerimentos em jornais do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, como esse requerimento publicado no jornal *Diário do Rio de Janeiro*, em sua edição de 2 de agosto de 1877: “Remetteu-se ao agente do registro da Sapucaia, para que informe, os requerimentos do Dr. Eduardo de Almeida Magalhães, pedindo restituição da quantia que pagou do imposto de 4% sobre 3.990 kilos de café que exportou de Minas Geraes”.

Outros modelos de requerimentos enviados pelo pai de Alexina também foram encontrados, sempre remetendo à exportação de café da Fazenda Ouro Fino, que fica localizada próxima à divisa de Além Paraíba com Mar de Espanha, situada entre a divisa de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Isso, mais uma vez, apresenta o indício da infância de Alexina ter se dado entre esses dois locais. Outra hipótese que pode ser levantada desse material é que Alexina também era proveniente de uma família abastada, cujos recursos financeiros propiciavam a posse e manutenção do casarão da Fazenda de Ouro Fino, considerado o mais agigantado de toda a região, possuindo mil e seiscentos metros quadrados em seus dois andares, composto por doze quartos e seis salões, entre outras acomodações.

FIGURA 3: Fazenda Ouro fino

Fonte: Site Além Paraíba

No ano de 1881, na edição de 23 de julho, uma nota no *Jornal do Comércio* (RJ) dizia: “Na noite de 16 do corrente, evadirão-se da fazenda do Dr. Eduardo de Almeida Magalhães, 25 escravos, sendo preso um distante da fazenda: os outros, divididos em dous grupos, tomárão diversas direcções, não tendo sido possível captura-los ainda. Consta-nos (diz a referida folha) que estes escravos erão tratados perfeitamete, e até com brandura demasiada”. Essa nota, que revela a posse de muitos escravos pela família, reforça ainda mais a hipótese de que a família de Alexina possuía bens e era influente na região, o que torna possível pensar que Alexina teve melhores oportunidades de formação educacional que outras mulheres de seu tempo, mesmo que, até o momento, não tenhamos fontes sobre esse período de sua vida.

O movimento de pesquisa, busca e levantamento de informações sobre os irmãos, pai, mãe e avós de Alexina foi realizado como um processo de captar informações para mapear os caminhos traçados por Alexina, pois levantamos a hipótese de que algum parente possa ter se destacado na sociedade da época. Esse movimento trouxe vestígios que ajudaram a compor parte da trajetória pessoal dela.

Ainda no documento de batismo, foi possível saber quem foi seu padrinho, no caso, seu avô materno, Joaquim Vidal Leite Ribeiro que, mesmo não estando presente no dia, foi representado por seu procurador, Cap. Custódio de Almeida Magalhães, fundador da casa bancária Almeida Magalhães e que mais tarde se tornaria o Banco Almeida Magalhães, o primeiro banco de Minas Gerais. Custódio também é

citado como um dos mais importantes nomes para a realização da Companhia Estrada de Ferro Oeste de Minas e filiado do partido Conservador (SANTOS, 2008). A madrinha foi D. Mariana Carolina de Almeida, avó paterna da batizada.

Nesse documento, ainda é possível levantar mais uma informação: o padre responsável pelo Sacramento foi José Maria Xavier, sanjoanense e compositor de música sacra brasileira. Isso é interessante se voltarmos nossa atenção para a vida adulta de Alexina, que também se tornou musicista. Com essas informações, é possível levantar indícios sobre as redes de sociabilidade dos pais e também de Alexina na infância. Os grupos de sociabilidade derivam das experiências e das relações sociais vividas por esses indivíduos intelectuais em locais específicos, lugares e redes de sociabilidade, através do tempo.

Relações estruturadas em rede que falam de lugares mais ou menos formais de aprendizagem e de troca, de laços que se atam, de contatos e articulações fundamentais... a noção de rede remete ao microcosmo particular de um grupo, no qual se estabelece vínculos afetivos e se produz uma sensibilidade que se constitui marca desse grupo (SIRINELLI, 2003, p. 38).

Ao localizar parte das redes de sociabilidades da família de Alexina nessa sua primeira fase, na cidade de São João del-Rei, foi possível também encontrar informações sobre um período breve de sua vida na cidade do Rio de Janeiro, antes de sua entrada como professora na antiga Escola Normal de SJDR, incluindo o momento em que se casou, aos 18 anos de idade, com seu primo, Floriano Leite Pinto, médico formado pela faculdade de medicina do Rio de Janeiro.

O *Jornal do Commercio* (RJ), edição de 29 de agosto de 1887, anunciava: “casamentos - passarão se provisões para os de: com dispensas de parentesco Dr. Floriano Leite Pinto com Alexina de Almeida Magalhães”. Já em novembro de 1887, Alexina marcou presença em um evento de inauguração de estações da Estrada de Ferro D’Oeste de Minas. O jornal *Diário de Notícias*, edição de 04 de novembro do corrente ano, faz uma resenha sobre o evento, elogiando a beleza e o glamour que foi a festa e ressalta as vestes de algumas damas da elite sanjoanense, momento esse em que Alexina é mencionada.

Quanto à execução das peças cantadas parece desnecessário reproduzir o que se tem escripto cada vez que a Exma. Sra. D. Cecília Lage figura em um concerto: a simples citação do seu nome basta para dar, aos que

não tiveram o prazer de onvil-a, a certeza da excellencia da interpretação do dueto do *Guarany*, e da aria da *Forza del Destino*. O Sr. Dr. Salustiano Mourão demonstrou possuir uma linda e possante voz de tenor, sahindo-se dignamente do duetto referido e das arias da *Gioconda* e do *Ruy Blas*. É de justiça accrescentar que a regularidade e belleza do exito do concerto foi devida em parte não pequena à eximia pianista amadora a Exma, Sra. D. Balbina Santhiago. (A pretexto de ensaio foram cantados no Grande Hotel, antes do baile, e fizeram as delicias dos que conseguiram ouvir, os duettos do *Guarany* e *Morir ri pura e bella da Aida*, pelos alludidos amadores.) A respeito da parte dansante, ao som de numerosa orchestra, não temos elogios a regatear ao Dr. Aureliano Mourão, director da festa, pela animação que durou toda a noite até às tres horas e meia da madrugada. Foi um baile que em nada ficou a dever aos da côrte, nem em belleza das damas, nem na elegancia dos trajés. Por dever de justiça. Quizeramos descrever as principaes *toilletes* das jovens da *Elite* S. Joanense, que aformosearam aquella festa, mas o espaço escasseia-nos para tanto o verismo-nos em sérias dificuldades pelo embarras du choix. Aqui vão algumas que pudémos observar, perdoando-nos as outras a involuntaria ommissão. Mme. Belizario Soares de Souza, elegante *jupe em soit blen ciel garnie de richta dentelles el corage decolleté eu velours grésat*. [...]. Mlle. Alexina Almeida Magalhães, *toilette paille garnie de carubier*. [...]. Durante o baile uma interessante jovem, cujo nome sentimos não podermos saber, esmolou para a liberdade de um escravo, conseguindo grande numero de importantes donativos que eram inscriptos em uma lista que por ella fôra encabeçada com um sea 50\$000. E assim terminaram as festas de inauguração de mais um importante passo da florescente estrada de ferro Oeste de Minas, que tão grandes serviços tem prestado. Aceitem os nossos parabens os Srs. Manuel Pereira Barbosa, Manuel Vicente Lisboa e Manuel Guilherme da Silveira, membros da actual directoria, que tanto se tem esforçado pelo exito d'esses commettimentos e que se tornou merecedora dos elogios que na estação do Bom Successo lhe teceu em seu discurso em nome do governo o Exmo. Ministro da agricultura. São nossos votos, terminando a resenha do acontecido n'estes dias festivos, nos quaes tantas provas de sympathia recebemos do brioso povo mineiro e da operosa directoria, que milhares de immigrants povõem a zona uberrima e saudavel do Oeste de Minas, afim de que em época mão muito remota o progresso e a riqueza produzida faça esquecer completamente os tempos das explorações auríferas, ora extinctas, cujos vestigios ainda hoje se vêm e que tantas saudades e lamentações produzem (DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 04 de novembro de 1887).

Ao estudar sobre um intelectual é fundamental traçar suas redes de sociabilidades e entender o microcosmo no qual ele está inserido, possibilitando pensar esse sujeito e as relações estabelecidas por ele. Nesta pesquisa, a busca pelo microcosmo de Alexina aconteceu por meio do mapeamento de informações de seus familiares, já que nesse período pouco se sabe sobre sua trajetória pessoal.

Pelas informações levantadas é possível notar uma Alexina inserida em um meio social e familiar de destaque da época. Ela era reconhecida como dama da sociedade, que

frequentava a corte, ia a eventos importantes oferecidos pela elite da época, tinha como parentes importante figuras da sociedade: sobrinha de banqueiro, filha de dono de uma fazenda que produzia grandes quantidades de café e possuía escravos, e esposa de médico.

O contexto acima apresenta indícios de uma mulher que teve uma boa formação, que foi cercada por pessoas ilustres, de posses e que detinham certo poder perante a sociedade, imbricados nos assuntos mais importantes e recorrentes da época.

Foucault trata principalmente do tema poder, que para ele não está localizado em uma instituição, e nem tampouco como algo que se cede, por contratos jurídicos ou políticos. O poder em Foucault reprime, mas também produz efeitos de saber e verdade (FERREIRINHA; RAITTS, 2010, p. 369).

A etimologia da palavra poder vem de “ser capaz”, “autoridade”; assim, na prática, esse poder pode ser a palavra ou ação que exprime força, controle, persuasão, entre outras. Para Foucault (2019), o poder está ramificados nas relações entre os sujeitos; ele não se concentra apenas em instituições. Importante mencionar que, antes de sua entrada como professora na Escola Normal de São João del-Rei (ENSJDR), Alexina foi pouco mencionada na imprensa, sendo importante ressaltar que a maior parte dos familiares citados na imprensa é composta de homens, o que evidencia um possível apagamento da mulher diante das relações de poder e produções de saber e verdade existentes na sociedade.

Outro exemplo desse possível apagamento de Alexina diante dos homens de sua família é um abaixo assinado em que Floriano Leite Pinto, marido da professora, responde pela família em um nota no *Jornal do Commercio*, edição de 26 de setembro de 1889.

Os abaixo assignados, actualmente hospedes do “Hotel do Mello”, affirmão se uma calunnia o que disse um anonymo pela *Gazeta de Noticias*, sob o pseudonymo de *Pinna II*. Ao contrario, os abaixo assignados, muitos dos quaes são chefes de familia, dão pleno testemunho do exemplo com que procede o Sr. Mello, não admittindo no seu hotel familias illegalmente constituidas, nem pessoas de vida equivoa ou de mao procedimento. Augusto Marques de Carvalho Oliveira. Padre Lourenço Rossi. Henrique de Rody Corrêa. Rodrigo Franco de Godoy. J.J. de Araujo Maia e sua familia. Aristides de Araujo Maia. Virgilio de Araujo Maia e sua familia. Casimiro Ferreira de Carvalho. Cherubim Braga. Dr. F. C. Ramos. Dr. Floriano Leite Pinto e sua família. Anna Elisa de Siqueira. Augusto Theodoro de Siqueira. J. F. Lopes Anjos e sua senhosa [...] Aguas Virtuosas do Lambary, 21 de setembro de 1889.

Essa invisibilidade da mulher diante do homem se dá pelo contexto histórico do período, marcado sobretudo pelo patriarcado, que, de acordo com Lerner (2019), é uma construção histórica e não natural, que inclui, entre outros fatores, a exclusão das mulheres na escrita da história, destacando sempre a arte pela ótica masculina, sendo os homens considerados os grandes heróis e realizadores de grandes feitos da humanidade.

De acordo com Lerner, existe um desenvolvimento por meio da instauração de instituições que promovem seu funcionamento, como o Estado, a religião e a família. Os valores do patriarcado como discurso normativo de papéis familiares atravessaram os tempos e deixaram suas marcas na constituição das famílias ainda na atualidade. As discriminações ditadas pelo patriarcado são uma forma de violência de gênero e de violação dos direitos humanos das mulheres (NARVAZ; KOLLER, 2006).

Neste trabalho, o patriarcado fica evidente no momento em que a busca e levantamento de informações de um agente histórico mulher se torna difícil e comprometido pela falta ou escassez de documentos históricos. O pouco que localizamos, no caso de Alexina e de diversas outras mulheres tratadas em outras pesquisas, como no trabalho de Guimarães (2016), diz mais respeito às suas atividades voltadas para a moda, como é o caso apresentado acima.

A partir desse mapeamento realizado e do levantamento de informações sobre o marido de Alexina, duas outras informações encontradas são importantes para descrição e análise da atuação social e educacional de Alexina. A primeira é que durante o tempo em que esteve casada Alexina manteve residência em Santa Thereza de Valença no estado do Rio de Janeiro. Essa informação se dá pelo fato de que o seu marido, Floriano, morava neste local antes de se casar, pois em 1886, no jornal *O Fluminense*, edição de 22 de setembro, foi noticiado: “Foi nomeado o Dr. Floriano Leite Pinto, 2º suplente do sub-delegado da freguezia de Santa Thereza, no termo de Valença”. Essa hipótese se mantém com a assinatura de Floriano em outras notícias de jornais levantadas neste trabalho, como no abaixo assinado de abril de 1889.

Santa Thereza de Valença. Illm. Sr. Manuel Pereira de Carvalho. Nós abaixo assignados, cidadãos brasileiros e estrangeiros, residentes na freguezia de Santa Thereza de Valença: considerando que, independente de opinião política, é de absoluta necessidade dar todo prestígio á autoridade, unica garantia de nossas liberdades e mantenedora da ordem publica e segurança individual; considerando que, nas circunstâncias anomalas em que se acha a policia do municipio de Valença e principalmente d’esta importante freguezia, nenhum cidadão de prestígio quer assumir a autoridade e, independencia tem

exercido por longo tempo, manifestando em todas a circumstancias os requisistos necesarios para uma autoridade modelo, alliando aos predicados precitados reconhecida illustração e energia, vêm como amigos e comparochianos pedir para que V.S. retire o pedido de demissão anteriormente feito, não resultando d'ahi nenhum dezar ou offensa ou falta de solidariedade politica para com o prestimoso chefe do partido conservador; visto como não é possível persistir o estado de anarchia e licença a estes verdadeiros ilotas, victimas da sua ignorancia. Reiterando com instancia o pedido feito, esperam do elevado caracter de V.S., e reconhecido civiso, diguar-se-ha assumir quanto antes a jurisdição do cargo de subdelegado d'esta freguezia. Antecipamos nossos agradecimentos e offerecemos como penhor nosso prestigio e força a bem de tranquillidade publica, sempre que V.S. julgar necessario. [...]. Dr. Floriano Leite Pinto. [...] (*Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 19 de abril de 1889).

A segunda informação levantada e que merece destaque é que o nome de Floriano aparece em outro abaixo assinado, desta vez sobre um manifesto republicano.

Manifesto Republicano. Iguaes perante Deus e a razão, os homens só se elevão acima de seus semelhantes pela superioridade de seu talento, donde logicamente se conclue que a superioridade hyerarchica é um absurdo perante a sociologia moderna. Quer essa superioridade seja por descendencia de reis ou conquistadores, ella é sempre inadmissivel. A força, as riquezas e o acaso podem elevar um homem a um nivel superior e seus iguaes, mas só é superior de facto aquelle que se elevou do nada pela força de sua intelligencia. Por essa simples razão a monarchia, que é um governo de privilegios de superioridade individual; de autoridade quasi absoluta e irresponsavel, de direito de successão, etc., creado em tempos remotos de vasalagem estúpida, é um estado anomalo e ollogico, que repugna à razão e ao bom senso. Ella pecca pela base e a sua tolerancia em muitos paizes é devida ao receio de conflagração geral, que pertubando a paz, altere a marcha do progresso. O tempo lhes mostrará o erro dessa delonga. Não faltão adeptos à monarchia, muitos calculadamente e bem poucos por convicção. A roda do throno cabem as migalhas das sobras; com ouro e sorrisos se comprão titulos e grandezas; a bajulação e a humildade são as qualidades mais apreciaveis; ahi emfim, saga-se facilmente a seiva do thesouro, que é o suor do povo e a vida da nação. No Brasil a monarchia teve começo com a ridicula comedia do *Fico*, forjada pelos thurybularios do thono d'El-Rei Nosso Senhor, que apagarão com a esponja negra da execração publica o verdadeiro drama de nossa liberdade civica. Se fossem vivos hoje esses improvisadores de monarchia, cobririão as faces de vergonha e supplicarião perdão áquelles espiritos sublimes, verdadeiros martyres da liberdade, que de além tumulo assistem à nossa decadencia politica. Lançada em terra uberrima a monarchia vingou, mas como producto hybridado de uma concepção morbida, tende forçosamente a fazer desaparecer a especie. O primeiro e curto reinado é uma pagina triste de nossa historia patria; cheio de farças ridiculas, vasia de actos volorosos. A maioridade forçada de D. Pedro II foi o prologo do segundo reinado, à cuja apotheose assistimos. Tivemos força para supportar inteiro esse governo de rei sabio, mas sabio *sui generis*, que em vez de aproveita-la

em bem da patria faz exhibições em paizes estrangeiros. O Brazil marcha por si mesmo, pela sua riqueza, pelo talento de seus filhos; dizer-se que elle se desenvolveu com o segundo reinado é não conhecer a historia politica do paiz. Quaes os politicos que o dirigem?

Não os temos; o chefe politico é o rei. Quaes os legisladores? Não os temos; as leis são dictadas pelo thono. O que fazem os membros dos parlamentos? Nada. Elles são os comparsas desta comedia real, que se chama monarchia pseusa moderada. O que nos resta? O absolutismo mascarado, mais absurdo e mais vergonhoso que e-se seculo contempla. O interino terceiro reinado precisava de um prologo de sensação, foi a libertação do captivos, com os festejos das praças e as ovações da populaça. A imperante a si mesmo se denominou – Redemptora- como se o throno houvesse redi ido! Ella sanccionou simplesmente a lei, que era vontade do povo soberano. Os libertaadores fomos nós que os possuimos; cada um tome para si uma parte daquelle titulo, que nos pertence de direito, e não consintamos que a historia registre uma mentira tão clamorosa. Bem se conhecem esses affagos ao povo, que é o soberano julgador; não a populaça das ruas, mas o povo sensato, que se rege pela razão. Reinado e meio e estamos cansados! Os soffredores de tantas miserias só pedem a elemencia de Deus e a regeneração dos homens. Não olhão para o throno porque elle se acha preocupado com o phantasma da sucessão e não tem tempo de olhar para o paiz que murmura. Está a terminar o segundo reinado, e já se prevê o que será o terceiro, cujo prologo é de um despotismo clamoroso. O que se póde esperar do monstruoso conjuncto hecterogeneo de Bragança, Orlean e Clero? É chegado o momento de accordarmos desse somno de indiferença; tenhamos força para combater esse governo, que não póde fazer a felicidade de nossa patria. Sacudamos esse jugo que nos pesa a meio seculo e proclamemos o verdadeiro governo que é o do povo pelo povo, governo de liberdade, igualdade e fraternidade, enfim a republica federativa Brasileira. Envidemos todos os esforços, auxiliemos por todas as fórmãs a propaganda republicana e em futuro não muito remoto poderemos bradar, abraçados ao estandarte auri-verde: *somos livres em nossa patria livre*. Constituindo como fica desde o presente o partido republicano nesta freguezia de Santa Thereza de Valença. Assignamos como adherindo à idéa, em tudo quanto neste manifesto se contém. Santa Thereza de Valença, 20 de junho de 1888. [...]. Dr. Floriano LeitePinto, medico. [...] (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 09 de setembro de 1888).

O interesse de Floriano pela proclamação da República é muito importante para entender os interesses de Alexina e que posteriormente serão evidentes em suas obras, já que ela apresentava a importância da criação de uma identidade nacional em suas escritas.

Sirinelli (2003) têm ressaltado aspectos norteadores que permitem compreender as especificidade dos meios intelectuais, especialmente: a definição de valores, afinidades, sensibilidades ideológicas, culturais e regras próprias, o papel das representações e a relação com o político, a opinião, o debate e o espaço público. Os lugares de sociabilidades, múltiplos e mutáveis ao longo do processo histórico (salões, saraus, cafés, livrarias, editoras, revistas, imprensa, instituições, associações, sociedades, congressos, conferências, as cartas, os artigos,

correspondências, etc.); são condição para a elaboração intelectual. Por isso, para o estudo dos intelectuais é preciso estar atento aos lugares, aos meios e às redes de sociabilidades e a tudo que permite reconstituir o campo de possibilidades e ações, de modo a compreender os intelectuais nas suas circunstâncias de produção e atuação (SCHUELER, 2008, p. 5).

Exatamente por isso, esse manifesto é tão importante para esta pesquisa, pois a partir do microcosmo em que Alexina estava inserida é possível compreender e reconstituir os pensamentos e opiniões que ela possivelmente compartilhou com seu marido e que fica claro nas publicações das suas obras.

A trajetória de Alexina apresenta espaços para os quais ainda não se obtêm respostas, como o período que compreende desde a morte de seu marido, em março de 1890, até a sua entrada como professora na cadeira de desenho e caligrafia na Escola Normal de São João del-Rei, em 1893.

Alexina de Magalhães Pinto e Adriano Augusto Gallo e sua mulher, agradecem a todas as pessoas e parentes que se dignarão assistir á missa de setimo dia que foi celebrada em sufragio da alma de seu prezadissimo esposo, cunhado e irmão o Dr. Floriano Leite Pinto e de novo lhes rogão o caridoso obsequio de assistirem á missa de trigésimo dia, que por alma do mesmo finado, mandão rezar hoje, sexta-feira 25 do corrente, ás 9 horas, na igreja de S. Francisco de Paula (*Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 30 de março de 1890).

2.2 São João del-Rei: o pontapé inicial na docência

São João del-Rei está localizada em uma posição geográfica privilegiada, entre as divisas dos estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. No final do século XIX e início do século XX, foi um dos principais centros de exportação dos produtos mineiros, possuindo uma vida política, econômica e cultural intensa (ARRUDA, 2011).

Situada na região das Vertentes, à margem do Rio das Mortes, a cidade esteve em destaque na economia mineira por conta da extração aurífera e também pelas atividades comerciais, agrárias e pastoris desenvolvidas após a decadência da mineração (NICÁCIO, 2018).

O arrefecimento do ouro teve grande impacto em outras cidades, representando uma estagnação, mas, para São João del-Rei, não teve o mesmo efeito que encontrou em outras atividades. O comércio e a alternativa de prosseguir com seu desenvolvimento a tornaram um importante polo comercial. Cunha (2002) já destacava que, na primeira

metade do século XIX, a cidade tinha uma considerável estrutura urbana.

Na segunda metade do século XIX, o sistema agrário entra em decadência (NICÁCIO, 2018), resultado da diversificação das áreas produtoras e da concorrência no mercado da Corte com outras províncias que também eram fornecedoras de grãos, afetando a produção agrícola da cidade. Mas, São João del-Rei volta a florescer com a modernização e o desenvolvimento de atividades de cunho industrial e a extensão da malha ferroviária, o que resultou, no final do século XIX, em um crescimento do centro urbano e do setor de serviços.

Marcado oficialmente pelo fim da escravidão e pela instauração do regime republicano e seu ideal reformador de ensino (ARRUDA, 2011), o fim do século XIX esteve associado às noções de progresso e civilidade no país, fazendo com que esse movimento de modernização também chegasse a São João del-Rei.

Mais do que máquinas, ferrovias, eletricidade, bancos, o “moderno” configurou-se, sobretudo, pela luta dos mais diversos segmentos da sociedade pelos direitos civis para todos. Para as mulheres, por exemplo, talvez se insira nos acontecimentos pela extensão dos direitos políticos, de acesso à educação, a uma profissionalização, às atividades sociais e outros (ARRUDA, 2011, p. 65).

Foi nesse contexto que a instrução ganhou ênfase como força propulsora para fortalecimento dos Estados modernos e do projeto de uma nação “civilizada e ordeira” (ARRUDA, 2011). A educação passou a ser apresentada como um dispositivo capaz de transformar os indivíduos em cidadão virtuosos e trabalhadores. Em meio a esse contexto, outro também ganhou destaque: a necessidade de se formar professores, tornando-se a Escola Normal *locus* privilegiado dessas ideias.

Essas escolas passaram a ser pensadas ao longo do período como um núcleo institucionalizador para a difusão de um tipo de conhecimento normatizado e regulamentado, assegurando a legitimação da formação do magistério primário. De tal modo, recai sobre a Escola Normal a função de “agente” da formação, mas, sobretudo, a de portadora de sentido para a profissão docente (ARRUDA, 2011, p.147).

Como explica Arruda (2011), os ambientes urbanos e escolares se entrelaçam quando há a necessidade da reconfiguração dessa sociedade, e a necessidade de disciplinar a população para a modernidade vai sendo cada vez mais afirmada nesse período.

A criação da Escola Normal de São João del-Rei está ligada à história do

funcionamento de um Externato que foi inaugurado na década de 1860 e que ficava localizado em um sobrado próximo às dependências do Colégio Duval. De acordo Arruda (2011), esse estabelecimento de ensino público atendia exclusivamente alunos externos.

Efetivada pelo art. 2º da Lei n. 3116, de 06 de outubro de 1883 e inaugurada no dia 12 de novembro de 1884 (ARRUDA, 2011), a Escola Normal de São João del-Rei foi instalada no mesmo prédio onde funcionava o Externato. Eles coexistiram anexos até o ano de 1889, quando o prédio passou a atender uma guarnição militar e as referências sobre o Externato ficaram escassas, “o que talvez seja possível concluir que teve seu fechamento no início da era republicana” (FONSECA, 2013, p. 24).

O jornal *A Pátria Mineira*, de 30 de junho de 1892, anunciou que a Escola Normal mudar-se-ia para um prédio alugado em frente à Igreja São Francisco e não apresenta referência sobre a continuidade ou o fechamento do Externato (FONSECA, 2013, p. 24 *apud* GAIO SOBRINHO, 2000, p. 96).

Esse edifício pertencia ao major José Olympio de Oliveira. De acordo com o relatório de Albino Alves Filho, entre 1898 e 1899, os aluguéis do referido prédio aumentaram e, no final desse período, o local foi desocupado, pois passaria por reformas. Assim, a ENSJDR se transferiu para o edifício localizado na Praça de Tamandaré, de propriedade de D. Jacintha das Neves, onde continuou até março de 1900. Após a conclusão dos consertos, a Escola Normal retornou ao prédio no Largo de São Francisco e continuou lá até pelo menos 1902 (MINAS GERAIS. APM. SI. Série 4.2 Caixa 24. 1902 *apud* FONSECA, 2013, p. 24).

As cadeiras da Escola Normal seriam anexas às já existentes no Externato, conforme determinado pela Lei nº 3.116, de 6 de outubro de 1883. No Período Republicano, o programa e o quadro docente da ENSJDR foi sendo ampliado, com a abertura de novas cadeiras e a contratação de novos professores através de concurso público.

A contratação de professores, conforme estabelecia a legislação do período, deveria se dar por meio do concurso público. Os professores, inicialmente contratados como substitutos, acabavam por assumir a cadeira, após submeter-se ao processo de seleção em conformidade com as normatizações vigentes. Na legislação, encontram-se os critérios que regem os concursos, impondo aos candidatos o exame das “suficiências”, compreendendo a prova de maioridade e moralidade. Era necessária a aprovação nessa etapa para que o candidato pudesse avançar para a outra, a da capacidade profissional, que incluía provas escritas e orais das matérias concernentes à cadeira a que estava a concorrer. Por último, cabia ao Inspetor Geral encaminhar ao Governo

“aqueles que pareciam preferíveis”, cuja escolha final ficava a cargo da instância governamental, demonstrando, assim, uma forma de controle do Governo por meio da instauração de vigilância sobre a organização escolar e seus agentes (ARRUDA, 2011, p. 158).

A ENSJDR funcionou por mais de 20 anos, sendo extinta em 1906, e seu fechamento pode estar relacionado a uma “concorrência” que chegou na cidade, com a inauguração do Colégio Nossa Senhora das Dores, sob a organização e orientação das “freiras vicentinas”, como aponta Maria Aparecida Arruda (2011).

O Curso Normal oferecido por esse Colégio foi equiparado às Escolas Normais Oficiais do Estado, sendo umas das razões, segundo os indícios sugerem, para a extinção da Escola Normal de São João del-Rei, já que, para alguns, não se justificava o funcionamento simultâneo de duas escolas de formação primária na mesma região. Para outros, a medida foi tomada simplesmente como medida de economia (ARRUDA, 2011, p. 164).

2.3 O concurso

Aos vinte e quatro dias do mez de julho de mil oitocentos e noventa tres, nesta Secretaria da Eschola Normal da Cidade de S. João d’El-Rei, compareceu a Exm^a Sra. D. Maria José de Almeida Rocha, com poderes especiaes para requerer e assignar, perante a Directoria da Eschola Normal d’esta Cidade, a inscrição da Exm^a Sr^a D. Alexina de Magalhães Pinto como oppositora no concurso para o provimento effectivo da Cadeira de Dezenho e de Calligraphia da mesma Eschola [...] (MINAS GERAES. APM. SI 1059, 1893).

A citação acima é um trecho retirado da página 7 do *Livro de inscrições para concurso*, que está localizado no Arquivo Público Mineiro, na cidade de Belo Horizonte. Tal documento é o primeiro registro oficial localizado sobre Alexina após a morte de seu marido, em fevereiro de 1890, na cidade do Rio de Janeiro (*Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 30 de março de 1990). Do período que compreende o falecimento de Floriano até a inscrição para o concurso em 1893, ocorre uma nova lacuna na trajetória pessoal e profissional de Alexina, não sendo localizadas informações sobre o que ela fez.

Flávia Guia Carnevali (2009), aponta que Alexina fez uma viagem para a Europa durante esse tempo, sendo esse um caminho comum para os filhos das famílias tradicionais do Brasil. A autora ressalta que não há registros precisos sobre isso, mas que, pela análise da natureza das obras de Alexina e suas ações, ela teve contato com os pioneiros da “escola ativa” ou “escola viva”.

Era essa linha de pensamento inovador que surgia no entre séculos, uma reação contra a escola antiga, racionalista e automatizante (baseada na memorização e no bloqueio à espontaneidade), e que reivindica uma escola dinâmica, atenta à natureza lúdica da criança, e que propunha uma metodologia de valorização dos jogos por meio de aprendizado e estímulo à criatividade dos educadores, levando-os a construir seu próprio conhecimento das coisas (CARNEVALI, 2009, p. 17).

Além dos interesses e pensamentos de Alexina percebidos em suas obras, outro relato que se têm sobre ela e a tal viagem realizada, e de que também não há registros, é o fato de ter trazido da Europa uma bicicleta e que a professora “teria ousado passear com ela nas ruas de São João Del Rey trajando roupa adequada para tal (calças compridas amarradas nos tornozelos)” (CARNEVALI, 2009, p.19). Sobre esse fato, algumas versões são contadas como a ameaça de excomunhão pelo Bispo de Mariana, além da chuva de tomates que levou. Mas essa expulsão só não aconteceu devido à interferência dos parentes influentes na cidade, como menciona Carnevali (2009).

Sobre esse fato, foi localizado na hemeroteca digital do *Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular* um recorte do jornal o *Globo*, edição de 16 de março de 1971.

Desapareceu a primeira bicicleta do Brasil. Um professor de História e estudioso de folclore, o Coronel Saul Martins, disse que ninguém sabe onde está o que seria a primeira bicicleta trazida ao Brasil, no ano de 1822, por intermédio de uma professorinha de 22 anos àquela época, Alexina de Magalhães Pinto (*O Globo*. Belo Horizonte, 16 de março de 1971).

Os relatos despertam grande interesse e curiosidade, por se tratar de algo inusitado para a época e para os costumes em que Alexina estava inserida. Apesar da nota no jornal datar que a chegada da bicicleta tenha acontecido no ano de 1822, sendo que Alexina nasceu em 1869, deixa esse episódio ainda como uma incógnita, podendo ser um erro de digitação do jornal ou um fato que não aconteceu, como acredita Saul Martins, por não considerar Alexina uma “mulher pra frente”.

Esses relatos sugerem que esse episódio aconteceu após a sua chegada da Europa, justamente o mesmo período em que Alexina se inscreveu para o concurso da Escola Normal de São João del-Rei. Nessa época, para se inscrever em um concurso, o professor deveria comprovar a sua moralidade.

Os atestados eram emitidos por homens associados às ordens religiosas,

jurídico-policia, escolar e militar, ao lado de um impreciso conjunto de “pessoas dignas”, entre os quais figuravam, por exemplo, um membro de ordem familiar, como um marido ou pai, no caso de atestado para as candidatas, demonstrando que as fronteiras entre o público e o privado se confundiam e que a palavra escrita do marido ou do pai constituía uma força e uma autoridade patriarcal, possível de ser equiparada às das pessoas públicas (ARRUDA, 2011, p. 158-159).

No termo de inscrição de Alexina consta que, além da procuração, a sua representante levou um documento assinado do “Exm^o Sr. Secretário do Interior, Dr. Francisco Silviano de Almeida Brandão mandando inscrevê-la” no concurso, o que sugere ser a “pessoa digna” que emitiu o atestado de moralidade de Alexina, deixando-a apta para a realização do concurso que teve início no mês de agosto.

Há tres dias começaram os exames do concurso da Escola Normal desta cidade, sob a presidencia do vice- director dr. Coronel Candido de Moura, e commissario especial, dr. Juiz de direito da comarca, sendo examinadores os professores João Maciel e d. Paulina Cardoso. Acham-se na exhibição da prova escripta os dois candidatos inscriptos, Guilherme Barreto e d. Alexina de Magalhães (*Minas Geraes Orgão Official dos Poderes do Estado*. Ouro Preto, 11 de agosto de 1893).

O *Livro Ata do concurso para provimento das cadeiras*, também acervo do Arquivo Público Mineiro (APM), contém as atas dos exames prestados por Alexina e pelo seu concorrente Guilherme Barreto, que até a data do concurso exercia o cargo da cadeira concorrida. No livro, as atas apresentam como o concurso sucedeu dia a dia do exame.

Aos quatro dias do mez de agosto do anno de mil oito centos e noventa e trez, nesta cidade de São João d’El-Rei, no salão principal da Escola Normal as onze horas da manhã, presentes os cidadãos Doutor Candido José Coelho de Moreira, director, João Baptista Maciel e dona Paulina Emilia d’ Oliveira Horta Cardozo, presidente e membros da comissão examinadora para a cadeira de dezenho e calligraphia desta Escola Normal e presente mais o Director Francisco de Paula Ferreira e Costa, commissario especial, nomeado pelo Governo do Estado, para assistir e fiscalizar o concurso da cadeira supra [...] (MINAS GERAES. APM. SI 1062, 1893).

O primeiro dia do exame foi voltado para a prova escrita de caligrafia, com hora de entrega da prova para as quatro horas da tarde. Segundo a ata, os papéis para as provas foram distribuídos, demonstrando preocupação em deixar claro que todos os papéis estavam rubricados, apresentando a importância e o valor que o concurso tinha perante a sociedade e que esse processo deveria ocorrer com lisura. Ao final do primeiro dia de

exame, “a Comissão examinadora julgou ambos habilitados para entrarem na prova oral”, marcando o diretor da banca o dia seguinte para o início da prova prática de desenho.

Aos cinco dias do mez de agosto do anno de mil oito centos e noventa e trez, nesta cidade de São João d’El-Rei, no salão principal da Escola Normal, as onze horas da manhã [...] deu-se principio ao exame de dezenho que se prolongou em dias consecutivos até ficarem promptas as provas [...] (*ibidem*).

Entre os dia 7 a 14, 16 a 20 e 22 a 28, aconteceram as provas práticas de desenho, sempre entre o horário de onze horas da manhã e quatro horas da tarde, acompanhados da mesma banca examinadora, tendo a prova prática de desenho se encerrado no dia 29 de agosto com a leitura do resultado.

[...] Em seguida, a Comissão, depois de examinar as provas referidas, deu a sua opinião por votação [...] foram ambos os candidatos julgados habilitados para entrarem na prova oral [...] (*ibidem*).

No dia 31 de agosto, foi realizado o exame oral dos candidatos e, após as exposições, eles eram arguidos pela comissão, em lugares diferentes, sem que um candidato tivesse acesso à exposição e arguição do concorrente. Ao final do dia de exames, foi lido e lavrado o resultado do concurso.

A comissão examinadora, abaixo designada, de accordo com o que preceitua o Regulamento em rigor, tendo em vista as provas praticas, orais e de arguição dos candidatos ao concurso da cadeira de dezenho e calligraphia da Escola Normal desta cidade e as notas respectivas sobre as mesmas lançadas, resolveu na forma do mesmo Regulamento , approval-a pela maneira seguinte: com distincção dona Alexina de Magalhães Pinto; plenamente Guilherme José de Oliveira Barreto (*ibidem*).

O *Livro de Termos de Julgamentos das provas* apresenta a superioridade que Alexina teve em relação ao seu concorrente.

Julgo a comissão examinadora que a candidata dona Alexina de Magalhães Pinto levou vantagem sobre o seu opositor, manifestando superioridade em conhecimentos, de que deu provas já na exposição e já no jeito de arguir, revelando mais competência pedagógica (MINAS GERAES. APM. SI 1061, 1893).

Concomitante ao concurso e à medida que ele prosseguia, os jornais também faziam a divulgação das datas e das provas que os candidatos realizavam, fazendo o

acompanhamento das notícias do certame. Assim, com a finalização do mesmo, o parecer do Conselho Superior e a nomeação de Alexina são notícias para toda a população de Minas Gerais.

Parecer do Conselho Superior sobre o concurso a que foram submetidos os cidadãos Guilherme José de Oliveira barreto e D. Alexina de Magalhães Pinto. Perante a Escola Normal de S. João D'el-Rey, para o provimento da cadeira de desenho e calligraphia da mesma escola. O Conselho superior reunido em sessão plena, depois de ouvir, ler e discutir o parecer da respectiva secção sobre o supradito concurso: considerando que, apesar de ter o candidato Guilherme José de Oliveira Barreto apresentado uma excellente prova de calligraphia, mostrou-se contudo muito inferior á sua concorrente na prova pratica de desenho; considerando finalmente que, pelo fiscal do governo, foi confirmada a superioridade de dona Alexina de Magalhães na prova oral. Resolve classificar em primeiro logar a referida, e em segundo logar, o seu competidor. (*Minas Geraes Orgao Official dos Poderes do Estado*. Ouro Preto, 03 de dezembro de 1893). Escola Normal de São João d'el-Rey. Foram nomeados: Professor da cadeira de desenho e calligraphia, d. Alexina de Magalhães Pinto; Director, tenente coronel dr. Candido José Coelho de Moura; Vice- director – Calos Sanzio de Avellar Brotero (*Minas Geraes Orgao Official dos Poderes do Estado*. Ouro Preto, 01 de novembro de 1893).

É nesse final de 1893 que conseguimos, de fato, destacar a entrada de Alexina no campo da educação, já que até o momento o nome dela jamais tinha sido mencionado ou elencado junto a este contexto.

2.4 Uma passagem breve e obscura pela educação mineira

Tivemos a oportunidade de acessar a documentação sobre Alexina Pinto em uma quinta-feira, 14 de dezembro de 2017, em uma viagem proporcionada pela minha orientadora, para que suas três orientandas, na época, conhecessem o Arquivo Público Mineiro na cidade de Belo Horizonte. Lembro exatamente da sensação de folhear os arquivos, mexer e remexer em pastas que guardam documentos e vestígios de épocas passadas.

A esperança de folhear e, a qualquer momento, encontrar algo sobre Alexina, me consumia durante o tempo em que fiquei ali. Como a viagem era curta e precisávamos passar em outros lugares, o horário estipulado pela orientadora se aproximava e a frustração de não encontrar aumentava, mas, como dito anteriormente, não há sorte, há um destino. O secretário, percebendo minha angústia, trouxe alguns pacotes e, para a

alegria daquela jovem pesquisadora, se iniciando no universo da pesquisa, uma grande surpresa: ao folhear alguns livros que estavam lá, meu olho, ainda muito inexperiente, observou um nome, uma assinatura, era ela, era dela! A assinatura de Alexina de Magalhães Pinto assumindo seu cargo. Foi uma explosão de alegria, o desespero em conseguir uma cópia e ter a oportunidade de levar para casa o que seria o primeiro grande achado.

Depois desse dia foram muitas as viagens para Belo Horizonte. A experiência e a malícia em ler cada vez melhor as letras dos documentos ajudavam a localizar cada vez mais documentos e, assim, montar o banco de dados que a cada vez mais aumentava.

O Termo de Posse e Compromisso de Alexina assumindo a cadeira de desenho e caligrafia pela antiga Escola Normal de São João del-Rei foi o primeiro documento oficial localizado, ainda na Iniciação Científica, funcionando como um “embrião” dessa dissertação, além de ser oficialmente a porta de entrada para uma trajetória ligada à educação.

Aos deseseis dias do mez de novembro do anno de mil oito centos e noventa e trez, nesta cidade de São João d’El-Rei, a uma hora da tarde, na Escola Normal, presente o Tenente Coronel Doutor Candido José Coelho de Moura, diretor em exercicio compareceu dona Alexina de Magalhães Pinto, professoras nomeada para a cadeira de desenho e calligraphia desta mesma Escola e exhibindo o seu título de nomeação declarou que vinha tomar posse e entrar em exercicio do referido cargo, sendo o mesmo título datado de trinta do um de Outubro passado. Prestou o compromisso seguinte: “ Declaro que, assumindo o exercicio depois de haver tomado posse, do cargo de professora de desenho e Calligraphia da Escola Normal desta cidade, para o qual fui nomeada, por acto do doutor Presidente deste Estado de trinta e um de Outubro passado, tomo o solene compromisso de bem sempre enquanto exercel-o” [...] (MINAS GERAES. APM. SI 1055, 1893).

A atuação docente de Alexina pela Escola Normal de São João del-Rei foi breve, não tendo destaques ou menções a ela nos jornais da época quanto às suas práticas educativas. O que foi levantado durante o tempo em que esteve como professora na escola foram as atas dos exames do 1º e 3º anos, onde Alexina aparecia como presidente da banca quando a prova oral ou escrita era de caligrafia, ou como membro da banca quando a prova era de outra cadeira. Mas as informações contidas nessas atas pouco fazem menção ao trabalho ou o conteúdo das provas aplicadas. Elas relatam o dia, hora e os nomes dos alunos que fizeram as provas.

Apesar de apresentarem poucas informações que possam ajudar a entender as

práticas educativas propostas por Alexina, as atas citam os nomes dos alunos, professores e superintendentes de ensino que faziam parte dessas bancas, possibilitando traçar as redes de sociabilidades que fizeram parte da atuação da professora enquanto lecionou na escola e mapear se esses sujeitos continuaram fazendo parte da atuação educacional de Alexina no contexto do Rio de Janeiro.

A maioria dos sujeitos que convivia com a professora era do sexo masculino. Apenas D. Paulina Cardoso, professora que esteve presente na banca examinadora de seu concurso, é mencionada em algumas atas, mostrando que eram colegas de profissão pois na escola os cargos de direção e vice direção também eram ocupados por homens. É preciso lembrar que era comum os homens ficarem em cargos de mais destaques em diversos setores da sociedade, incluindo o educacional.

A partir da segunda metade do século XIX, a instrução tornou-se mais acessível às mulheres que tiveram a oportunidade de cursar o ensino primário e secundário. Com uma maior instrução elas podiam se dedicar ao magistério, reafirmando a “ideia de que a mulher seria por natureza uma educadora (FRANCO, 2004).

As escolas normais destinadas a formar professores primários preparavam-nas para a carreira de ensino e permitiam que elas continuassem a investir em sua educação. O magistério era visto como uma profissão honrada, destinado apenas às “mulheres dignas” (FOLLADOR, 2009. p. 13).

O olhar constituído ao longo do tempo sobre a mulher como um ser de ternura, doçura, amor, paciência e cuidado foi o estereótipo criado para que ao sexo feminino ficasse a cargo das salas de aula direcionadas às crianças: o ser ideal para exercer o magistério, deixando aos homens os cargos de maior autoridade e destaque, em que poderiam exercer o poder sobre alguém ou sobre uma determinada instituição. Isso pode ter contribuído para que inúmeras mulheres tivessem suas histórias desconhecidas atualmente por conta da invisibilidade a que eram submetidas nos meios em que conviviam, sobretudo os profissionais.

Segundo Saul Martins (1971), Alexina levou o folclore para dentro das salas de aulas, rompendo com uma educação que era vista como tradicional. Por esse motivo, encontrou resistência na cidade de São João del-Rei, o que pode justificar o fato de que, em 1896, tenha pedido a exoneração do cargo na Escola Normal.

Por decreto de 24 do corrente, foi concedido à d. Alexina de Magalhães Pinto a exoneração, que pediu, de professora de cadeira de desenho e calligraphia da Escola Normal de S. João d'El-Rey (*Minas Geraes Orgao Official dos Poderes do Estado*. Ouro Preto. 26 de julho de 1896).

A segunda trajetória de Alexina, no Rio de Janeiro, onde ganhou destaque em sua atuação educacional e social, talvez tenha sido desejada como forma de ter uma aceitação e veiculação de suas ideias a partir de suas publicações.

2.5 Ida para o Rio de Janeiro

Durante os três anos como professora da cadeira de Desenho e Caligrafia na Escola Normal de São João del-Rei, Alexina teve algumas licenças concedidas, seja para tratar de saúde, seja para tratar de negócios.

Essas licenças foram registradas no *Livro de registros de licença dos professores*, que também se encontra do Arquivo Público Mineiro. Nesse livro, em que as licenças concedidas pela escola eram registradas, foi possível identificar as datas e os motivos dos afastamentos solicitados por Alexina. Algumas dessas licenças também foram identificadas nos jornais.

No anno de 1894 foram concedidas as seguintes licenças: em data de 15 de fevereiro para tratar de sua saúde, de 15 dias à professora de Desenho e Calligraphia – D. Alexina de Magalhães Pinto [...] Nota: Estas são registradas de accordo com as respectivas portarias que encontrei no archivo. [...] O secretário interino, João Francisco de Chantal (MINAS GERAES. APM. SI 1063, 1895).

Em data, de 15, de fevereiro, de 1895, a Exm^a Sra. D. Alexina de Magalhães Pinto. Professora da cadeira de Desenho e Calligraphia, desta Eschola Normal, entrou no goso, de um mez de licença, que lhe foi concedida pelo Director Major Carlos Sanzio de Avellar Brotero, para tratar de saude. O secretario, João Francisco de Chantal (MINAS GERAES. APM. SI 1063, 1895).

Uma outra licença concedida a Alexina também é observada no referido livro. Ela trata de uma prorrogação do prazo da licença de 15 de fevereiro de 1895, mas Alexina não a usou e voltou a trabalhar logo em seguida.

Tendo terminado a licença, em cujo goso se achava a professora de Desenho e Calligraphia, licença de um mez concedida pela Directoria e que se acha registrada a folha 2 verso deste livro, a Exm^a Sra. D.

Alexina de Magalhães Pinto obteve do Governo prorrogação da referida licença, e, desistindo do resto desta, entrou de novo, em exercício de sua cadeira no dia 23 de março de 1895. Secretario interino, João de Chantal (MINAS GERAES. APM. SI 1063, 1895).

Até o momento, nenhuma outra informação foi localizada sobre esse período de suas licenças, não sendo possível identificar o problema de saúde pelo qual Alexina passava nesse momento. No ano de 1896, Alexina recebe duas licenças, a primeira, em abril de 1896.

Nesta data – 23 de de abril de 1896 - a sra. Professora de Desenho e Calligraphia desta escola, D. Alexina de Magalhães Pinto, entrou no goso de trinta dias de licença para tratar de negocios, conforme requereu (MINAS GERAES. APM. SI 1063, 1896).

E a segunda, em maio de 1896.

Nesta data – 24 de Maio de 1896 - sra. D. Alexina de Magalhães Pinto, professora de Desenho e Calligraphia desta Eschola Normal, entrou no goso de tres mezes de licença para tratar de negocios, concedida pelo Governo. Secretaria da Eschola Normal de S. João d’El Rei. Secretario interino – Chantal (MINAS GERAES. APM. SI 1063, 1896).

O que essas duas últimas licenças diferem das outras são as junções de informações localizadas a partir do entrecruzamento de fontes, dos livros e da imprensa. No *Jornal do Commercio*, edição de 19 de fevereiro de 1896, o nome de Alexina é localizado em uma notícia sobre a Escola Normal do Rio de Janeiro.

Forão habilitadas e assim classificadas 9 das candidatas à matricula na Escola Normal do Districto Federal, de accordo com os exames que se effectuarão nos dias 3, 4, 5, 6, 7 e 8 do corrente: 1ª Alexina de Magalhães Pinto. 2ª Iracema Orosco. 3ª Julia da Silva Costa. 4ª Ethel Dilia Wight. 5ª Julieta Soares dos Santos. 6ª Angelina Silva. 7ª Almerinda Orosco. 8ª Rosa Caldas da Encarnação. 9ª Dagmar de Almeida (*Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 19 de fevereiro de 1896).

2.6 Desastre de trem

Quinta-feira d. Alexina levantou-se cedo, recommendou que lhe preparasse o café e sahiu a passeio pela linha férrea [...] (Jornal Arealense. Petrópolis, 19 de fevereiro de 1921).

Foi assim, por um desastre de trem, que Alexina perdeu a vida em 17 de fevereiro de 1921, aos 51 anos de idade em Corrêas, distrito de Petrópolis, no Rio de Janeiro. Sua morte foi bastante anunciada em diversos jornais da época, em Minas Gerais e no Rio de Janeiro. Alexina vinha ganhando cada vez mais destaque por sua atuação social e educacional, tornando-se figura conhecida de importância para o cenário educacional.

Em fevereiro de 1921, o jornal *Gazeta de Notícias*, edição de 09 de fevereiro, anuncia a chegada de Alexina como veranista “No Grande Hotel Santa Rita, em Mendes, se acham veraneando [...] Mme. Alexina de Magalhães Pinto”. Dias depois, o jornal *Arealense* indica a morte de Alexina.

Mais um lamentável desastre ocorreu ante-hontem no prospero e chic povoado de Corrêas.

A exma. Sra. Alexina de Magalhães Pinto, professora da Escola de Aplicação, no Rio de Janeiro, viuva do dr. Floriano Pinto, medico, e irmã do commandante Magalhães de Almeida, estava, desde segunda-feira, veraneando no Hotel D. Pedro, confortavel estabelecimento recentemente inaugurado naquella saberrima localidade. Quinta-feira d. Alexina levantou-se cedo, recommendou que lhe preparasse o café e saíu a passeio pela linha férrea. Um trem de cargas, conduzido pelo machinista Tito Cunha, por ali passou inesperadamente àquella hora apanhando a inditosa senhora que, soffrendo de surdez não se apercebeu do barulho do trem. O choque foi grande e a desgraçada ficou presa entre o pistão e limpa-trilhos agarrando-se com a força do desespero aos ferros da machina. Facto exquisito: nem o machinista nem o foguista se aperceberam do desastre, continuando a viagem até que, a 800 mestros de distância, pararam, a instancias de pessoas que os avisaram em altas vozes.

O sr. Luiz Gomes que passava a cavallo na occasião apelou e constatando que victima ainda soltava gemidos tentou retiral-a não o conseguindo. Avisada a policia compareceu ao local o delegado regional dr. Henrique Cunha, acompanhado de dois medicos e de seu escrivão, major Alberto Silva, dando todas as providencias que o caso exigia. O cadaver foi conduzido para o necrotério, em Petrópolis, onde foi autopsiado, sendo dado como causa-mortis: esphacelamento do craneo, com drramamento da massa encephalica (*Arealense*. Petropolis, 19 de fevereiro de 1921).

Segundo o jornal *Correio Paulistano*, edição de 19 de fevereiro de 1921, a morte de Alexina “foi muito sentida, sendo numeroso o acompanhamento do seu enterro”.

A professora recebeu homenagens em algumas revistas, lembrando sua importante atuação educacional e valorizando seus atributos pessoais e profissionais, características essas que ajudaram a pensar quem foi Alexina.

Destacara-se desde esse tempo; pois, viajada e instruida, o repertorio de seus conhecimentos geographicos, historicos, scientificos e literarios era vasto e pouco commum entre as jovens da sua idade.

Conhecendo bem a musica, o desenho, a pintura, em pouco minutos esboçava qualquer modelo, com grande desespero nosso de jamis conseguir tal precisão e dextreza de vista e traço.

Não raro o valor mental de alguns estudantes e sua applicação despertam, entre seus emulos, rivalidade e invejas que envenenam as relações escolares; mas a superioridade de Alexina era tal, bem como sua modestia, bondade e desejo de ser prestavel a todos, que eu julgo não ter a sua personalidade suscitado nunca taes sentimentos inferiores (*A Revista Primária*. Rio de Janeiro, 1921).

Outra homenagem e que apresenta indícios sobre Alexina foi a publicada pela *Revista da Semana*.

Nasceu para educar, viveu para isto – mas com que brilho, com que decisão!

Muito jovem, acabou o curso normal, foi para as escolas. Desde ahi, trabalhou prodigiosamente. Nunca se submetteu a formulas. Observava, para agir. O methodo quem o indicava era o proprio alumno. [...]. D. Alexina afinára tanto essas observações que seria impossivel encontrar outro espeirito, entre nós, que se lhe igualasse no conhecimento da psychologia infantil. [...] No Jardim de Infancia da Escola de Applicação – a optima casa de ensino dirigida pela distincta sra. Maria José Xaltron Gaze – D. Alexina, cercada dos seus petizes de tres a seis annos, sosinha para um mundo de cousas, não tinha uma queixa, não fallava de cansaço, não perdia jamais o sorriso de bondade, de contentamento. [...] Com elle, na primeira mocidade, ella percorreu as escolas, os institutos de assistencia infantil, na Europa America. Foi com elle que a vimos correr para Minas, a auxiliar Carvalho de Brito, o illustre secretario d'Estado, na reforma de ensino primario. Com elle – sorrindo sempre às creanças, que a adoravam, e a todos nós, que a veneravamos por sua obra – passou a vida, satisfez-se de ter vivido, porque viveu como deveria viver (*Revista da Semana*, 1921).

A atuação social e educacional de Alexina ainda apresenta inúmeras lacunas, deixando a trajetória dessa educadora ainda mais instigante, o que incita a buscar mais e mais fontes e informações para que muitas dúvidas sobre a vida dessa mulher possam ser sanadas.

Até o momento, pouco se sabe ou foi publicado sobre o que foi feito da biblioteca particular de Alexina. A hipótese levantada nesta pesquisa é que parte dela tenha sido doada à Associação Brasileira de Educação, pois o jornal *Correio da Manhã*, edição de 06 de junho de 1926, relata “A senhora Armanda Alvaro Alberto encarece a offerta de livros feita por d. Jeronyma Mesquita, tanto mais que pertenceram os mesmos a d. Alexina Magalhães Pinto”. Armanda, na época, era representante da associação.

Após a morte de Alexina, poucas informações foram encontradas sobre ela, sobretudo sobre suas práticas educativas e suas obras. Em São João del-Rei, Alexina se encontra entre os agentes históricos considerados como ilustres, o que lhe rendeu, em 1924, o nome de uma rua, como uma forma de homenagem póstuma.

CAPÍTULO 3 – ALEXINA PINTO SOB NOVOS OLHARES: MULHER, EDUCADORA, INTELECTUAL E LIBERTÁRIA

Alma aberta aos mais alevantados ideaes, preocupavam-na de continuo as condições do proletariado nacional, dos pobres, dos mendigos, das brancas escravizadas. Quiz, ha tres ou quatro annos, organizar uma serie de conferencias attinentes aos <Serviços sociaes>, convidando homens de valor para minuciosamente estudarem taes questões e a respeito dellas discorrerem.

(A Escola Primária, 1921)

“Alexina, mulher bondosa, modesta, instruída e viajada, normalista e colega admirável, consciência delicada, coração meigo e devotado, sem filhos e com amor as criancinhas”. Assim a primeira página da revista mensal *A Escola Primária*, de 1921, retrata Alexina após sofrer um grave acidente e morrer atropelada por um trem em Corrêas, Distrito de Petrópolis. Homenageada pela revista, Alexina aparentava ser uma grande mulher e educadora do seu tempo, envolvida com movimentos libertários e em projetos ligados à educação, especificamente à infância. Assim foi retratada não apenas pela revista, mas por outros jornais de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. Uma grande perda para a educação daquele período, por projetos que vinha fazendo circular naquele momento.

Este capítulo traz à tona as diferentes maneiras que Alexina Pinto era vista na sociedade do Distrito Federal. Sua atuação se deu não só no campo educacional, mas também no campo social e político, vertentes que ainda não foram tratadas como tema principal em nenhum trabalho, e por isso se destacam nesta investigação.

Para compreender tais vertentes, é importante fazer um mapeamento dos lugares onde Alexina circulou e as pessoas que falaram dela ou com quem ela manteve relações, suas atuações políticas e/ou educacionais, formações e a sua atuação como escritora.

Durante o período de afastamento da professora pela Escola Normal de São João del-Rei, Alexina prestou exames para entrar como normalista na Escola Normal do Rio de Janeiro.

A informação de que Alexina estava habilitada à matrícula da Escola Normal do Rio de Janeiro (ENRJ) pode ajudar a entender melhor algumas informações que são vinculadas à professora, como, por exemplo, sobre a mesma ter ido embora da cidade de São João del-Rei por ter encontrado resistência ou mesmo ter sido expulsa a tomadas.

O fato de Alexina prestar exames para ser normalista no Rio de Janeiro (RJ) aponta que a professora poderia estar em buscar uma melhor formação, pois, em julho de 1896, sua exoneração foi noticiada.

Por decreto de 24 do corrente, foi concedida à d. Alexina de Magalhães Pinto a exoneração, que pediu, de professora da cadeira de desenho e calligraphia da Escola Normal de S. João d'El-Rey (*Minas Geraes Orgao Official dos Poderes do Estado*. Ouro Preto, 26 de julho de 1896).

A ida de Alexina para o Rio de Janeiro apresenta um destaque maior em sua atuação social e educacional, revelada sobretudo pelos jornais da época. Nesse momento, que consideramos como a segunda fase da professora, foi possível traçar algumas facetas de Alexina Pinto, diferentemente da trajetória realizada em Minas Gerais.

Para pensar esse destaque que Alexina teve é preciso pensar como essas mulheres começaram a ser reconhecidas pela sociedade, e como o estudo desses sujeitos atualmente permite o resgate das trajetórias de muitos, principalmente trajetórias femininas, que foram apagadas ou esquecidas com o passar dos anos.

Imagine viver em um mundo em que mulheres são consideradas tão menores, tão inferiores, tão confinadas ao espaço doméstico, tão irrelevantes, que não mereçam ser estudadas. Um mundo em que mulheres não são dignas de ter sua história contada. Assustador, não é? Pois vivíamos exatamente nesse mundo até poucas décadas atrás. E, se essa condição tem mudado, é graças à luta feminina (ARONOVICH, 2019, p. 19).

Aronovich (2019), aponta como a pesquisadora Gerda Lerner foi importante na mudança de paradigmas sobre a história das mulheres. Mas não apenas Lerner, como também outras autoras, como Perrot, Scott e Simone de Beauvoir, pesquisadoras que deram contribuições significativas para a História das Mulheres, lançando e revelando novos olhares sobre esse tema.

Essas contribuições só foram possíveis devido à Nova História, com a possibilidade de novos temas, novas abordagens e a ampliação de fontes para as pesquisas em História da Educação, que tornou possível o estudo de sujeitos históricos até então desvalorizados pela sociedade, como é o caso das mulheres, consideradas excluídas pela história ou, quando muito, tendo seus feitos registrados pelo olhar masculino (PERROT, 2017, LERNER, 2019).

Para pensarmos essa diferenciação dos sexos, Scott (1995) apresenta o conceito

de gênero, que não deve ser pensado e analisado apenas do ponto de vista gramatical, mas para além dele. É preciso pensar as instâncias de poder que permeiam esse conceito quando analisado nas ciências sociais. Soihet e Pedro (2007), destacam o impacto dessas análises:

Gênero, nas ciências sociais, tomou outra conotação, e significa a distinção entre atributos culturais alocados a cada um dos sexos e a dimensão biológica dos seres humanos. O grande impacto que vem produzindo nas análises sociais funda-se em ter chamado a atenção para o fato de que uma parte da humanidade estava na invisibilidade – as mulheres-, e seu uso assinala que, tanto elas quanto os homens são produto do meio social, e, portanto, sua condição é variável (SOIHET, PEDRO, 2007, p. 288).

A variável à qual as mulheres estão inseridas na sociedade contribui para uma narrativa da invisibilidade, pois pensar o gênero pelo lado feminino é compreender que as mulheres tiveram, e ainda têm, suas vidas guiadas por instâncias que exercem poder e controle sobre os corpos femininos, como a família e a religião.

A religião e a família são dispositivos que controlam e determinam comportamentos. É possível notar a diferenciação entre os sexos a partir dos ensinamentos. Inicialmente, para ambos, o ensino consistia em ler, escrever e contar, saber as quatro operações, mais a doutrina cristã. Depois, esses ensinamentos se distinguiam, para os meninos, noções de geometria; e para as meninas, noções de bordado e costura (LOURO, 2004).

Essa diferenciação das habilidades impostas aos meninos e meninas demonstra como o lar era o destino das mulheres das elites. Elas eram preparadas para serem o pilar de sustentação da casa, companhia agradável para o marido e a responsável pela educação dos filhos. Enquanto a mulher solteira seguia as normas ditadas pelo pai, a casada deveria obedecer as normas impostas pelo marido, devendo a ambos subordinação.

É preciso, pois, educar as meninas, e não exatamente instruí-las. Ou, instruí-las apenas no que é necessário para torná-las agradáveis e úteis; um saber social, em suma. Formá-las para seus papéis futuros de mulher, de dona de casa, de esposa e mãe. Inculcar-lhes bons hábitos de economia e de higiene, os valores morais de pudor, obediência, polidez, renúncia, sacrifício... que tecem a coroa das virtudes femininas. Esse conteúdo, comum a todas varia segundo as épocas e os meios, assim como os métodos utilizados para ensiná-lo (PERROT, 2018, p. 93).

Os efeitos da modernização começavam a atingir a sociedade, tornando a

educação feminina interesse do Estado, pois se almejava mulheres instruídas para assumir a educação básica das crianças e postos de trabalho, como a datilografia e correios. Mas, o trabalho feminino sempre esteve num local de desvalorização. Exemplo disso é o trabalho doméstico que continua, atualmente, invalidado pela sociedade.

Em meados do século XIX são criadas as Escolas Normais para a formação de professores, que, sentindo os efeitos da industrialização, passaram a formar mais mulheres do que homens, pois eles abandonavam cada vez mais as salas de aulas em busca de espaços sociais e intelectuais, passando para as mulheres as salas de aula, o que culminou a chamada feminização do magistério.

O processo de ocupação das mulheres nos espaços educacionais não é algo aleatório e nem deve ser visto de maneira ingênua. Por mais que, para as mulheres naquele momento, isso era uma conquista social, para o Estado tal fato era visto como um ideal educacional, pois o ensino era considerado uma extensão do lar, um preparatório para que as mulheres se tornassem boas mães e seguissem a sua vocação natural. “Aos homens, o cérebro, a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos” (PERROT, 2017, p. 186).

Segundo Faria Filho (2014), pensar nessa feminização do magistério é falar em criar espaços e condições legais, políticas e ideológicas para essas mulheres. Também produzir ideias que favoreçam a entrada e permanência delas na educação primária.

Essa reavaliação do poder das mulheres se deu graças à pesquisa feminista, que contribuiu ao “mostrar a presença, a ação das mulheres, a plenitude dos seus papéis, e mesmo a coerência de sua “cultura” e a existência dos seus poderes” (PERROT, 2018, p. 179).

É possível que muitas mulheres tenham se destacado nos meios sociais através do espaço educacional que ocupavam, rompendo com essa posição de inferioridade, como é o caso de Maria Lacerda de Moura, Nísia Floresta e outras, que atualmente têm tido suas trajetórias e ações como objetos de estudos, a exemplo de Alexina nesta pesquisa. Mas, pouco ainda sabemos sobre elas, seja pela falta de fontes, seja pelo apagamento que essas mulheres sofreram devido às variadas relações de poder que circularam e circulam no tecido social.

3.1 Professora, escritora, libertária e mulher intelectual do seu tempo

Todos os mestres, todos os estudiosos, em geral, desconhecem os

trabalhos de D. Alexina de Magalhães. Ella propria os edita, à sua custa de certo, sem meios de propaganda, em aliás magnificas officinas de Lisboa. Depois, os primorosos livros ficam atirados, escondidos, em pequenas livrarias de Petropolis, Juiz de Fóra, S. João d'El-Rei e Bello Horizonte. Aqui e em S. Paulo, a mesma livraria Alves, que tão bello commercio faz com as escolas, ainda não se dignou de annuncial-as pelos varios processos de que dispõe. É o privilégio do editor que, sem o querer, pelo habito do officio, mata o autor proprietario da obra, ainda que esse autor, como D. Alexina de Magalhães, não vize lucros e apenas se tenha aventurado a isso pela recusa de outros editores, desconhecendo o valor dos seus trabalhos e dando guarida a quanta fancaria se apresenta no rendoso mercado pedagogico. São os contrastes da vida nacional: mas é um crime a quem estuda e a quem ensina desconhecer a bibliotheca infantil dessa infatigavel professora e eximia folk-lorista brasileira.

(*O Paiz*. Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 1909).

Já na primeira década do século XX, Alexina começa a ganhar notoriedade diante da sociedade do Rio de Janeiro ao ser aclamada e elogiada por seus esforços em suas práticas folcloristas e, também, na escrita, publicação e veiculação de suas obras e pensamentos em prol de movimentos libertários.

Exemplo de sua atuação social foi sua contribuição enquanto colaboradora do jornal *O Paiz*, cobrando do ministro da agricultura soluções para a população que estava assolada pela miséria naquele momento.

A bella cruzada. O Pais se tem honrado com a collaboração das mais altas figuras da intellectualidade feminina brasileira. Basta lembrar os nomes de Carmem Dolores de de D. Julia Lopes de Almeida. Quantos triumphos não alcançaram por estas columnas as pennas de uma ou outra? Continuando tão brilhantes tradições, as senhoras que neste momento nos dão a sua valiosa collaboração vão, com galhardia, impondo as idéas de que se fazem paladinas, vão fazendo em torno dellas movimento de opinião. Na *Carta aberta* que endereçou ao Sr. Ministro da agricultura, D. Alexina Magalhães Pinto abordou problemas do maior alcance economico para nós, e indicou com rara segurança meios de ampararmos o trabalhador rural, desenvolvendo a nossa producção. Impressionado pela limpidez e acerto de taes conceitos, quiz o Dr. Pandiá Calogeras entrar em contacto com tão bello espirito, enviando para isso à nossa redacção um dos seus officiaes de gabinete. Temos mais de uma vez alludido à necessidade de se organizar o socorro a muitos lares, a muitos individuos que, com a falta de trabalho decorrente da crise que atravessamos, se veem a braços com a miseria. É o que se tem feito em S. Paulo e em outros Estados. Os mais clementares principios de solidariedade humana impõem a tentativa desse socorro. [...]. Que exemplo bello e digno de ser imitado! Mais uma vez as duas illustres collaboradoras do Paiz vê, provar a efficiencia da acção feminina no terreiro das ideas e das questões

economicas e sociaes e, ainda, o acerto do antigo brocardo francez: *Ce qui la femme veult, Dieu le veult*. É com o mais vivo prazer que registramos esses triumphos de pennas femininas. Se duas senhoras, com alguns traços de penna, conseguiram tanto, que não se poderia esperar de todas as senhoras brasileiras se unissem nesse sentido? Que de miserias não seriam minoradas se emprehendessem a bella cruzada em prol dos que não encontram trabalho neste momento? (*O Paiz*, Rio de janeiro, 23 de janeiro, 1915)

O espaço de escrita de Alexina no jornal *O Paiz* foi reconhecido e valorizado pois, após a publicação de seu artigo, Alexina foi convidada a ir ao gabinete do ministro para buscar soluções. É possível acompanhar esse movimento por uma outra notícia do jornal *O Paiz*, três dias após a publicação da primeira notícia.

Assistencia aos sem trabalho. O brilhante artigo de D. Alexina Magalhães Pinto, publicado nesta folha e em que o problema social e economico de assistencia aos individuos sem trabalho, pelo seu intelligente aproveitamento na agricultura, era muito praticamente encarado, chamou a attenção do Sr. Ministro da agricultura. E o illustre e operoso Dr. Pandiá Calogeras deu-se pressa em nos fazer significar o prazer que teria em receber a brilhante publicista, que apparecia com tão nitida visão do problema do momento, e com ella trocar idéas. Isso teve hontem logar, indo D. Alexina Magalhães Pinto ao ministerio, acompanhada pelo secretario desta redacção. Com o Sr. Ministro da agricultura conversou longamente e nossa illustre collaboradora. E o Dr. Calogeras gentilmente, lhe declarou que adoptara desde logo as suas idéas, expedidas no artigo, apenas não lhes dando immediata execução por não querer fazel-o antes de lhe dar conhecimento disso. Da longa conferencia, em que a escriptora e o ministro se encontraram no mesmo ponto de vista, resultou que algumas medidas de real alcance pratico fossem immediatamente praticadas pelo Dr. Pandiá Calogeras. Ao director do serviço de povoamento do solo foi expedido o seguinte aviso: “Recommendo-vos envieis telegraphicamente aos inspectores de povoamento em Minas e S. Paulo a seguinte noticia, que deverá ter larga publicidade nos jornaes de maior circulação:“ Os inspectores do povoamento e os inspectores agricolas e seus ajudantes, receberam instrucções para centralizar os pedidos de fazendeiros no sentido de obterem trabalhadores. Taes pedidos serão enviados ao Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, mencionando o nome do fazendeiro, o nome e a situação da fazenda, o numero de trabalhadores e a natureza dos trabalhos offerecidos. O ministerio, por sua vez, publicará nos jornaes do rio todas essas informações, para conhecimento dos interessados, e encaminhará as resposta por intermedio da directoria do serviço do povoamento. Esta centralizará p serviço de permuta de pedidos de trabalhadores e de offertas de serviços. O governo facilitará o transporte dos que forem contratados nessas condições.”[...]. Entre o ministro e a nossa collaboradora se estabeleceu perfeito encontro de idéas, facto que registramos com o maior desvanecimento. A assistencia aos sem trabalho vai ser praticada com efficiencia e intensidade, interessando nella varias classes e actividades, como resultado da acção conjunta do poder público e da propaganda feita pelo jornal, por uma senhora, que fez da sua cultissima

intelligencia e so deu impulso generoso as armas poderosas de uma grande e nobre cruzada social (*O Paiz*. Rio de Janeiro, 26 de janeiro de 1915).

O lugar de colaboradora de um jornal fez com que Alexina fosse reconhecida como uma mulher inteligente e que dominava assuntos sociais que ultrapassam o campo da educação, fazendo com que se destacasse como intelectual, pois estava engajada com as causas com as quais defendia e acreditava.

A posição de intelectual alcançada por Alexina perante a sociedade em 1915 não parece ter sido fácil, pois em 1912 uma notícia no jornal *O Paiz* traz a seguinte descrição sobre a professora.

É uma escriptora intelligente, D. Alexina de magalhães Pinto, que, em Bello Horizonte mesmo, observa aos dirigentes da sociedade e aos proprios operarios, que uma conquista de tal ordem acarreta consequencias fataes, exigidas pelo bem geral, pela ordem publica, pelo progresso, pela mesma paz das familias e das classes. D. Alexina de Magalhães Pinto, que, em livros de exquisito valor, sondou o estado da alma do povo brasileiro, pelo estudo do nosso folk-lore, apanhando as manifestações de sua philosophia, o sentimento ardente de suas aspirações, as bases inconscientes de sua vida moral, vem agora a campo, perguntando quantas escolas nocturnas estará o governo do seu Estado aparelhando para esses dois ou tres mil operarios, que o celebre laudo liberta das quatro horas da tarde em diante; [...] (*O Paiz*, Rio de Janeiro, 29 de julho de 1912).

O fato das obras de Alexina serem consideradas de “exquisito valor”, em 1912, mostra que o espaço de aceitação e veiculação de suas ideias foi algo que demorou um tempo para acontecer.

Esse lugar de intelectual alcançado por Alexina esteve ligado às relações de poder que permeiam os sujeitos. Mesmo tendo construído saberes e os propagado pela sociedade, utilizando jornais e publicando livros, a validação desses saberes se deu por meio de diferentes esferas de poder que determinam o que pode ser visto como verdade perante a sociedade.

Alexina publicou sua primeira obra em 1907 e, em 1912, o que ela produzia ainda era tido como estranho. Mas, a atuação contínua na produção de saberes propostos por ela, perante a sociedade, como a publicação do livro *Os nossos brinquedos* (1909), e a atuação de Alexina nas esferas educacionais mostram que a professora aumentava ainda mais sua circulação pelos meios intelectuais, até que, em 1915, ela tivesse um destaque maior no jornal pelas contribuições e artigos publicados, pelo convite do ministro da

agricultura a ir em seu gabinete conversar sobre suas ideias, mostrando que o pensamento de Alexina era valorizado no contexto e ambiente em que estava inserida e posteriormente a aceitação de uma de suas obras para ser trabalhada nas escolas primárias dos Estados de Minas Gerais e Distrito Federal.

Lerner (2019) afirma que as mulheres foram impedidas de contribuir com o fazer História pela marginalização a qual as mesmas eram colocadas perante a sociedade. “As mulheres são maioria, mas são estruturadas em instituições sociais como se fossem minoria.”

Fazê-lo de maneira instantânea esconde o que deve ser admitido como fato da situação histórica feminina: as mulheres são essenciais e peças centrais para criar a sociedade. São e sempre foram sujeitos e agentes da história. As mulheres “fizeram história”, mesmo sendo impedidas de conhecer a própria História e de interpretar a história”, seja a delas mesmas ou a dos homens. Foram excluídas da iniciativa de criar sistemas de símbolos, filosofias, ciências e leis. Elas não apenas vêm sendo privadas de educação ao longo da história em toda sociedade conhecida, mas também excluídas da formação de teorias (LERNER, 2019, p. 29).

Nesse período, não é possível afirmar, devido à falta de fontes, a atuação educacional de Alexina em alguma escola, mas, a partir dos jornais, é possível perceber o caminho realizado por Alexina para além da sala de aula, concomitante à publicação de suas obras *Liga de Instrução Moral Ingleza*, “*Os Nossos brinquedos*”, em 1909, *Cantiga das Creanças e do Povo*, *Cantigas Populares*, em 1916, bem como *Lista de bons livros e provérbios populares*, *Provérbios Populares*, *Máximas e Observações usuas*, publicados no ano de 1917

A professora também foi convidada a fazer parte do Comitê do *1º Congresso Americano da Creança*.

Primeiro Congresso Americano da Creança. Ao 1º Congresso Americano da Creança, a realizar-se em Buenos Aires, e por convite do Dr. Moncorvo Filho, organizador do “Comité Nacional Brasileiro”, já aderiram ao importante certamen as seguintes pessoas: [...] Alexina de Magalhães Pinto (*A Noite*. Rio de Janeiro, 15 de março de 1915).

Em julho de 1916, Alexina teve um de seus escritos enviado ao Congresso.

Foram remetidas as primeiras vinte e uma memórias destinadas ao Congresso Americano da Creança, cujos títulos são os seguintes [...].

D. Alexina de Magalhães Pinto – Contribuição para o estudo da psychologia da criança brasileira (*Diario da Tarde*. Coritiba, 11 de julho de 1916).

Isso reforça que o pensamento de Alexina estava circulando pela sociedade e recebendo aceitação, já que a professora foi convidada a fazer parte do Comitê e teve seu trabalho aceito para o Congresso.

Outra informação que demonstra a aceitação do pensamento de Alexina pela sociedade da época é a aprovação pelo Conselho Superior de Instrução Pública do Estado de Minas Gerais e pela Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal do uso do livro *Cantiga das Creanças e do Povo, Cantigas Populares* nas escolas públicas. Abaixo, segue o Parecer do Conselho de Instrução Publica Mineiro, encontrado no livro *Proverbios Populares, Maximas e Observações Usuaes*.

Minas Gerais. Orgão oficial dos poderes do Estado. Belo Horizonte. Quinta-feira, 21 de novembro de 1907. Conselho Superior de Instrução Pública. Resoluções tomadas na última sessão ordinaria: O Conselho Superior de Instrução Pública, tendo examinado os tres trabalhos de D. Alexina de Magalhães Pinto, intitulados – “Proverbios populares”, Plano de uma bibliotheca para os professores primarios” e “Tradução do programa da Liga de Instrucção Moral Ingleza”, verificou que o primeiro é um repertorio onde o professor pode encontrar materia ou assumpto para as suas lições de moral; que o segundo tem a utilidade de informar ao professor dos compendios que existem no mercado e que lhes podem, mais ou menos, servir de guia nas varias disciplinas do curso primario; e que o terceiro é uma publicação que prestará ao professor reaes serviços, pois que lhe fornece methodica e systematicamente os varios pontos do ensino de moral, hygiene, urbanidade, etc., que devem ser tratados na escola durante os quatro annos de curso, resolve, portanto, approval-os, recommendando a publicação do ultimo delles para distribuição pelos professores do Estado (MINAS GERAIS, 1907 *apud* PINTO, 1917, p. 11).

E o parecer da aprovação da obra de Alexina pela Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal, em 1916.

O Sr. Dr. Azevedo Sodré, director geral da Instrucção approvou hoje a obra da professora Dr. Alexina de Magalhães Pinto – Proverbios Populares, afim de ser adoptada nas escolas primarias. O parecer sobre a obra referida foi dado pela professora Dona leonor Posada (*A Notícia*. Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1916).

A circulação de Alexina e a valorização de seus esforços pelos meios educacionais e sociais da época também são percebidos pela designação que a professora

recebeu, em 1918.

O director de instrucção nomea varias commissões. Para organizar os programmas dos jardins de infância e classes infantis em escolas primarias foram designados os Srs. Inspector Virgilio Varzea e as professoras Adelina Savart Saint Vrisson e Alexina de Magalhães Pinto (*A Noite*. Rio de Janeiro, 20 de março de 1918).

Carnevali (2009), considera que o livro *Proverbios Populares, maximas e observações usuas* seja a obra que “condensa os anseios e objetivos de Alexina de Magalhães Pinto em seu trabalho de professora e folclorista”.

Nele estão sistematizados de forma clara e objetiva além dos novos preceitos pedagógicos, as preocupações com o aperfeiçoamento na formação dos professores, a formação moral das crianças, mas acima de tudo , está presente o projeto de engrandecimento da Nação, eixo central de sua obra (CARNEVALI, 2009, p. 144).

O livro foi publicado logo após a reforma de ensino, em 1906, por meio da lei n. 439, pelo então Presidente do Estado de Minas Gerais, João Pinheiro (1906-1908), que promoveu a reforma do ensino primário e normal do estado.

A finalidade da reforma era organizar a instrução pública, prover a escola de equipamentos e conteúdos pedagogicamente adequados como, por exemplo, fornecer prédios escolares, mobiliário, material didático, métodos e programas de ensino, com vistas a capacitar o aluno para o trabalho e o cumprimento dos seus deveres de cidadão (CARVALHO; GONÇALVES; CARVALHO, 2016, p. 258).

A aceitação e indicação da obra de Alexina pelos órgão governamentais para ser trabalhada pelas escolas primárias demonstra que as práticas educativas propugnadas e os pensamentos da professora estavam de acordo com o pensamento educacional construído na época e com o projeto de reforma educacional. A própria Alexina cita em seu livro “*Provérbios Populares, Máximas e Observações Usuas*” que os provérbios ali reunidos foram agrupados de acordo com “delineamentos geraes dos nossos programmas primarios de instrucção moral - deveres do educando com os superiores, com os iguaes, para comsigo, em casa, na escola, na rua”.

Alexina mantém a coerência em relação ao que ela considera mais importante na hora de educar: as crianças devem aprender através da observação, da experiência direta, dos bons exemplos, como já ficou claro através dos jogos e brinquedos infantis e dos contos. Em nota preliminar ela diz que os provérbios , as “fórmulas” nada valem para o ensino da moral se não nos sentirmos “ligados a eles”. A boa transmissão dependia da “arte” de quem o fazia, da habilidade dos

professores (CARNEVALI, 2009, p. 146).

Apesar da trajetória de Alexina apresentar várias lacunas, é possível perceber nas notícias dos jornais que circulavam na época como ela transitava entre lugares, como era citada nas notícias seja pela sua atuação em prol da educação, seja pela defesa de direitos dos trabalhadores, da veiculação dos seus pensamentos ou mesmo da recepção desses pensamentos. Isso mostra que a atuação de Alexina não esteve apenas voltada para a sala de aula e que seus escritos também não se dedicavam apenas a isso, mas que essa educadora tinha preocupações com os problemas que assolavam a população dos Estados que transitava.

Considerando-nos como nação e achando-nos inconscientes ante os problemas que premem as classes votadas ao quotidiano e rude mourejar; indifferentes aos males que opprimem os seres que se defender não podem; inertes, carecedores de consciencia civica, de escrupulos ante a fazenda publica... conclui ser imperiosos dever assignalar taes lacunas afim de que outros moralistas e educadores as preencham. E que preenchendo essas curem de tornar os seus beneficos effeitos extensivos aos programmas dos cursos gymnsiaes e superiores!... A continuarmos meros imitadores e intellectuaes, que nos aguardará o futuro? (PINTO, 1917, p. 14).

Essa citação, retirada do livro *Provérbios Populares, máximas e observações usuas*, mostra o quanto o pensamento de Alexina estava voltado para esses problemas que a nação passava na recente República e com o modelo educacional que a reforma de ensino propunha, visando que as escolas se tornassem um instituto de educação intelectual, moral e física.

É cousa vulgarissima mesmo nalgumas das melhores das nossas escolas primarias leigas, collimar o mestre quasi que exclusivamente o saber, em questões de instrucção moral. Explicado ao almno o que querem dizer as palavras do proverbio que semanalmente lhe depara a sorte; conseguindo o discente bem repetil-o ante a classe, dão-se, em geral, por mui satisfeitos os nossos mestres de instrucção, nas suas aulas primarias. E será isso aparente ou real instrucção moral? Assignalando a falha, não é pensamento meu recriminar a maioria, não se tendo ainda feito assaz ver ao mestre primario o incommensuravel alcance da associação de todas as energias do educando a bem umas das outras; não se tendo ainda os dirigentes assaz esforçado no terreno pratico para levar ao luctador quasi inerme a convicção de que toda a cultura physiologica – na idade escolar- deve ser intellectual, esthetica, industrial e moral; - toda a cultura moral, industrial, esthetica e intellectual deve ser educação physiologica tambem, sendo a differença; prevalecer numa a actividade physica, o resultado physico,

noutra a actividade psychica, os resultados psychicos; devendo, entretando, sempre, sempre, a actividade physica e a psychica caminhar como partes de um mesmo todo, completando-se desenvolvendo-se, melhorando-se mutuamente (PINTO, 1917, p. 15).

A preocupação de Alexina com a aplicação desse modelo de ensino nas escolas brasileiras demonstra uma mulher comprometida com as práticas que propunha e com o conhecimento. Ela cita alguns autores e obras como exemplo:

Observando os norte-americanos associarem a educação moral à disciplina escolar, à gymnastica, aos canticos, à ornamentação ambiente, aos jogos ao ar livre como elementos da disciplina individual e social (1); observando Pasquali (2) – um italiano, associal-a aos trabalhos manuaes educativos; - paul Bert – um francez (3) ao estudo primario das sciencias naturaes; A. Gabriell & K. Supprian, allemães, à alta e simples literatura escolar espelhando cada uma das faces enaltecedoras da vida... Todo esse congregar de esforços em bem de um mesmo ideal, esforços que se completam uns pelos outros, parece-me trabalho digno de atenção, exequível e desde já exequível nas mais cultas das cidades brasileiras (PINTO, 1917, p. 17).

Carnevali (2009), aponta que a preocupação de Alexina com a ausência de “consciência cívica” poderia ser sanada se as crianças tivessem acesso a um dicionário de provérbios, junto com obras dirigidas para o público infantil.

A própria Alexina, em 1906, faz um esboço provisório de uma biblioteca infantil. Mas, através de uma outra nota, escrita em 1915, ela cita não ter alcançado tal façanha, “não tendo conseguido até o dia de hoje, por motivos independentes da minha vontade, publicar a presente collectanea com o respectivo esboço provisorio de uma biblioteca infantil”. Ela usa o espaço final do livro para indicar algumas leituras, mas pondera: “penso que devemos conhecer o que se faz no estrangeiro e o que é feito por estrangeiros, - não para repetir machinalmente; mas para fazermos obra nacional ou latina com elementos nossos”.

O esforço de Alexina e a dedicação com esse modelo educacional cívico e nacionalista fez com que a professora buscasse e reunisse os provérbios, poemas e cânticos espalhados pelo Brasil, para que a população se apropriasse do que é de nossas raízes. No livro *Cantigas das creanças e do povo*, Alexina fala um pouco do seu trabalho.

De lar em lar, de poiso em poiso, durante longos annos, andei a ouvir e a registrar de labios mineiros, cariocas, fluminenses, paulistas, -de contingentes estranhos que a sorte adversa a essas paragens lançará – cantigas, historias, maximas, receitas, superstições ... Nos salões, nas

salas, attenta, ouvi meninas, mocinhas, senhoras, matronas, buscando-as sempre em meios em boa conta tidos. Nos empoeirados engenhosmineitos, carinhosa, solicitei das *abelhas negras* que moirejando, zumbem cantigas para os livros dos seus filhinhos. Uns e outros especimens desses fructos que em taperas ou em estufas vicejam igualmente, sem monda ou amanho, trago-os aqui aos civilizados e às creanças. E trago fielmente: indicando ao sopé de cada texto a região em que foram colhidos, seus senões característicos ou não, interessantes ou insossos. Destituídos de interesse immediato, alguns o têm remoto (PINTO, 1911, p. 5)

Evitemos excessos, não deixando, nunca, de estudar o que é nosso, com *sympathia*, amor, carinho e benevolencia:- só a esses titulos se rende a natureza, como só por elles se deixam penetrar os umbraes dos thesouros dos humildes: e é lá que reside o que é bom, o que é bello, nobre, justo e verdadeiro (PINTO, 1911, p. 10).

Os escritos de Alexina reforça uma mulher atuante, enérgica e voltada para as causas de sua época, o que nos faz pensar sobre a frase comumente usada atualmente: “mulher à frente de seu tempo”. Hoje, muitas pessoas usam essa expressão ao falar sobre essa educadora, mas será que Alexina estava realmente à frente de seu tempo? O que percebo é uma Alexina que questiona os problemas do contexto em que esteve inserida. Ela não está adiante de seu povo, ela está junto com essa nação – uma mulher que observa, questiona, critica e escreve sobre o que vê, não se cala ou se coloca apenas como mulher do lar, como o patriarcado impõe.

Alexina consegue romper com certas convenções impostas às mulheres, como essa expectativa da boa mãe e da boa esposa que deveria ser instruída e trabalhar nas escolas como uma extensão do lar, um preparatório para quando tiver filhos. O que vemos é que Alexina extrapola essas condições. Através da veiculação e aceitação do que escrevia e pensava, conseguimos perceber uma mulher que não foi apenas uma professora primária, mas uma educadora que se preocupava com a educação da época, com a busca pelo nacionalismo e valorização da cultura popular, uma mulher que falava e que se fazia ser ouvida, seja pelos jornais, seja pelos responsáveis da educação, seja ainda pelos responsáveis de algum ministério, mesmo sendo os homens a ocupar esses lugares.

Segundo Lerner (2019), a contradição entre a centralidade e o papel ativo das mulheres na criação da sociedade e a sua marginalização nesse processo de gerar significados é uma força dinâmica, o que faz com que as mulheres lutem contra essa condição. Quando elas estão diante desse embate, adquirem consciência dessas contradições e “essa tomada de consciência por parte das mulheres torna-se a força dialética que as impele à ação para mudar a própria condição e começar um novo

relacionamento com a sociedade dominada pelos homens” (LERNER, 2019, p. 30).

Alexina era, sim, uma mulher privilegiada, branca, nascida em família abastada, com sobrenome importante. Casou-se aos 18 anos de idade e fez até então o que era esperado para uma mulher que tinha essa condição. Mas a trajetória dela tomou um rumo diferente: ainda com 20 anos ficou viúva, viajou, retornou e começou a se envolver com a educação. Sua nomeação com distinção como professora na Escola Normal de São João del-Rei se deve, é claro, à boa educação a que teve acesso por ser de família rica e influente, mas os caminhos tomados por Alexina fugiram da rota do que era esperado para as mulheres naquele período. Ela começou a se envolver com os problemas, questionar e indagar os responsáveis, escrever e publicar seus pensamentos. Talvez seja por isso que hoje muitos a colocam como uma mulher à frente de seu tempo, quando pensamos com a lógica patriarcal, que espera das mulheres a subordinação e a dedicação ao lar.

É preciso considerar que Alexina não foi uma mulher à frente do seu tempo, e sim “reflexo do seu tempo”, como bem observa a autora Paula Cristina David Guimarães (2021) ao analisar a trajetória de outra educadora do início do século XX, Maria Lacerda de Moura. Assim como Maria Lacerda, Alexina construiu seus pensamentos e ideias questionando os problemas nos quais estava inserida. Ao tomar consciência da sua condição, Alexina mudou sua relação com a sociedade e com os homens, tanto no espaço educacional quanto no social.

Pensar dessa maneira ao pesquisar um agente da história, principalmente quando esses sujeitos são mulheres, reforça a hipótese de que, assim como Alexina, muitas outras mulheres tiveram destaque por suas atuações. Porém, suas trajetórias foram apagadas ao longo da história por fazerem parte de um lugar inferiorizado da sociedade.

Assim como grupos antes subordinados, tal como camponeses, escravos e o proletariado, alcançaram posições de poder – ou pelo menos de inclusão – na organização política, suas experiências devem se tornar parte do registro histórico. Ou seja, com relação às experiências dos homens daquele grupo, as das mulheres, como sempre, foram excluídas. A questão é que homens e mulheres sofreram exclusão e discriminação por razões de classe. Mas nenhum homem foi excluído do registro histórico por causa de seu sexo, embora todas as mulheres o tenham sido (LERNER, 2019, p. 29).

A propósito desse apagamento histórico, devemos pensar que as mulheres foram excluídas da história apenas por serem mulheres, mas que, dentro dessa categoria de gênero, também há distinção e privilégios. Devemos ter clareza de que, mesmo dentro do

gênero feminino, existem diferenças entre mulheres brancas e negras, mulheres ricas e pobres, mulheres com orientação sexual diferente, e que tudo isso influencia a nossa sociedade.

Alexina estava em lugar de privilégio dentro de sua classe: era branca e rica, o que faz com que buscar e encontrar informações e fontes sobre ela seja mais “fácil” em relação à trajetória de uma mulher negra e/ou pobre. Ter essa clareza enquanto pesquisadora permitiu um estudo dessa trajetória através do mapeamento familiar de Alexina. Mas o que não diminui o fato de quão difícil é pesquisar a trajetória de um agente da história mulher, como é o caso dessa pesquisa, que possui, em sua maioria, como base de dados e fontes, material escrito por homens.

[...] Os materiais que esse historiadores utilizam (arquivos diplomáticos ou administrativos, documentos parlamentares, biografias ou publicações periódicas...) são produtos de homens que têm o monopólio do texto e da coisa públicas (PERROT, 2017, p. 197).

Segundo Perrot (2017), na historiografia, a mulher foi/é observada e descrita pelo homem”, pois são eles quem estão acostumados a estarem no lugar de poder e de porta-vozes da sociedade, o que promove a carência de fontes diretas ligadas as mulheres, promovendo um significativo ocultamento desses sujeitos.

Enquanto pesquisadora, é preciso decidir em qual prática de pesquisa devo investir para a realização desta pesquisa, a perpetuação de uma escrita histórica apenas centrado em sujeitos dominantes ou a busca pelos sujeitos desconhecidos ou esquecidos pela história, mas que foram igualmente importantes para a construção da sociedade que temos hoje.

O estudo de Alexina de maneira particular torna possível a compreensão de seus pensamentos e de sua atuação. Ainda casada, foi possível identificar o contato de Floriano, seu marido, com o movimento republicano. Anos depois, podemos identificar nas obras de Alexina a aceitação e valorização dessa nascente República, com a veiculação de obras de valorização popular e folclórica, ligadas ao nacionalismo.

Além da escrita de um artigo cobrando ações do ministro da agricultura frente à população que passava por necessidades, Alexina teve, em suas obras escritas, a possibilidade de disseminação de seu pensamento, sobretudo na formação de professores e alunos, pensamento que ainda permanece nos espaços de educação atualmente, mesmo que isso seja desconhecido pela população, justamente por quase não termos escritos históricos resgatando essa professora e suas práticas.

3.2 Produção intelectual

Alexina de Magalhães Pinto estava engajada com o meio em que vivia, ela tensionava, dialogava e questionava seu tempo, exemplo disso, são as obras que produziu e fez circular pelo país.

A produção intelectual de Alexina desponta no contexto do Rio de Janeiro, no começo do século XX, como é possível perceber no quadro abaixo.

QUADRO 7: Livros publicados por Alexina

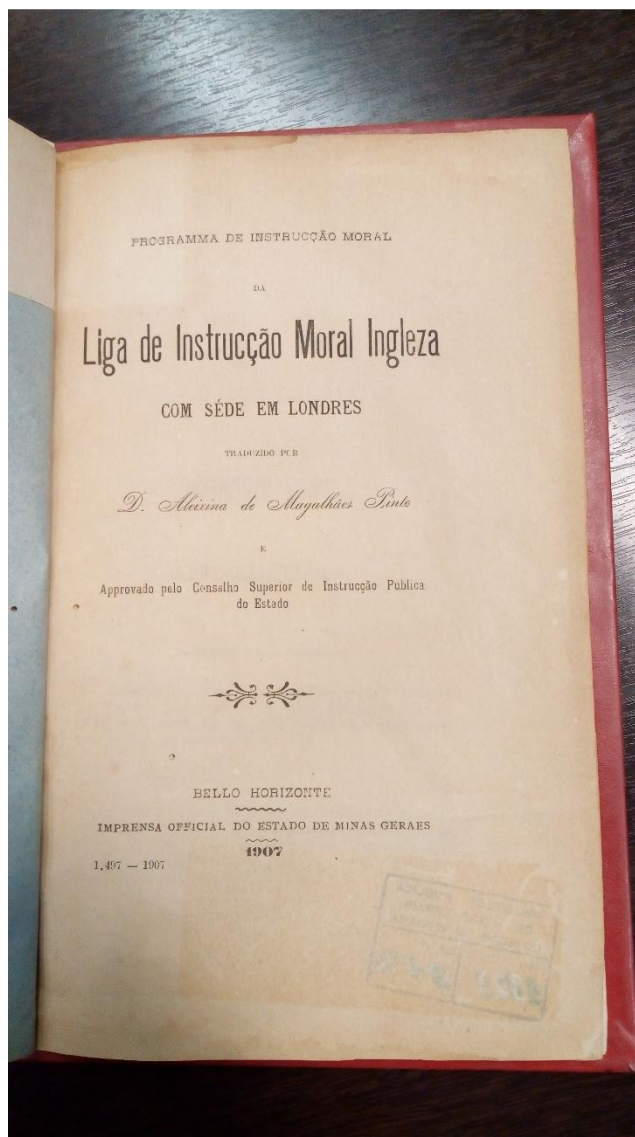
Nº	Nome do livro	Ano de publicação
1	Liga de Instrução Moral Ingleza	1907
2	Os Nossos Brinquedos	1909
3	Cantiga das Creanças e do Povo, Danças Populares	1916
4	Esboço provisório de uma Bibliotheca Infantil	1917
5	Provérbios Populares, Máximas e Observações Usuaes	1917

Fonte: Quadro produzido pela autora com base nos documentos investigados

A primeira obra do quadro acima, *Liga de Instrução Moral Ingleza*, se trata de uma tradução realizada por Alexina e aprovada pelo Conselho Superior de Instrução Pública do Estado. Esse livro foi encontrado no setor de obras raras da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, na cidade de Belo Horizonte.

É um livro com 21 páginas, com capa dura, na cor vermelha. Se trata de um programa de instrução moral e educação cívica para crianças entre 7 e 16 anos de idade. A obra está dividida em 7 sessões: asseio, decoro e ordem, civilidade, bondade, equidade, veracidade e equidade e coragem. Na folha de rosto, aparece informações sobre o programa, o nome da autora que traduziu a obra, a aprovação do Conselho Superior e o ano de impressão.

FIGURA 4: Folha de rosto do livro *Liga de Instrução Moral Ingleza*, 1907



Fonte: Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa

Outro livro, que também se encontra no setor de obras raras da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, é *Cantigas das Creanças e do Povo e Danças Populares*. Ele foi organizado em 1911, mas só foi publicado em 1916. Esse livro é uma coletânea de cantigas populares reunidas por Alexina em suas pesquisas e viagens.

Os Nossos Brinquedos, publicado em 1909, também se trata de uma trabalho de pesquisa de recolhimento de cantigas e brinquedos infantis com o intuito de serem usados como meio educacional. Segundo Carnevali (2009), Alexina escreveu a obra com o intuito de que ela chegasse aos pais e professores, e claro, às crianças. O livro em questão não foi localizado durante o percurso desta pesquisa.

Por último, *Provérbios Populares, Máximas e Observações Usuaes*, publicado em

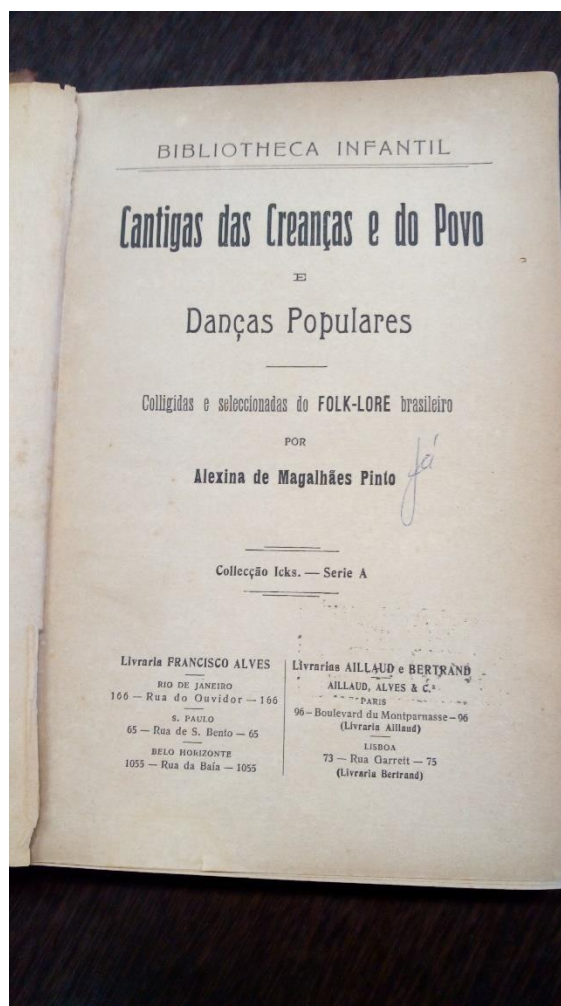
1917, se trata de um livro em que Alexina consegue reunir seus objetivos com a educação. De certa forma, o reúne e condensa os anseios e objetivos de Alexina de Magalhães Pinto em seu trabalho de professora e folclorista (Carnevali, 2009). O referido livro foi adquirido, durante esta pesquisa, em um sebo virtual, uma aquisição valiosíssima para a presente investigação. Ao final da obra, é possível encontrar a publicação do “Esboço Provisório de uma Biblioteca Infantil”, o que será melhor apresentado no item 3.2.2 desta dissertação.

Os livros *Cantigas das Creanças e do Povo e Danças Populares e Provérbios Populares, Máximas e Observações Usuaes* é que serão usados como referências para a compreensão do trabalho intelectual de Alexina e a sua proposta de educação da construção de uma identidade nacional a partir do folclore e dos cânticos populares.

3.2.1 Cantigas das Creanças e do Povo e Danças Populares

Encontrado no setor de obras raras da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, o livro possui 208 páginas, dividido em duas partes. A primeira parte: Cantigas; cantigas dos pretos. Na segunda parte: *Cantigas e Danças, Côretos, Côretos de Mesa; Côretos e bandas de rua; Cantigas jocosas; Cantigas históricas, regionais e patrióticas*. A obra, como já relatado, se trata de uma coletânea de cantigas populares compiladas por Alexina.

FIGURA 5: Folha de rosto do livro *Cantigas das Creanças e do povo e Danças Populares* (Título original), 1916

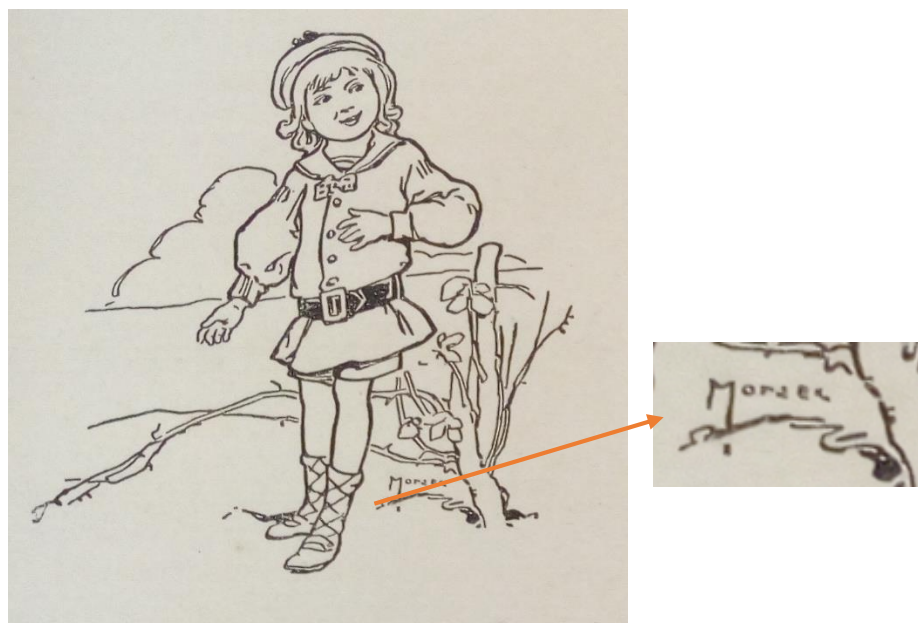


Fonte: Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa

Na folha de rosto, é possível identificar o nome da autora, título do livro, título da coleção, editora, endereço das livrarias com uma fonte menor, na parte inferior da página.

O livro traz o desejo da autora de convidar as crianças para um universo musical e cultural, se assemelhando a uma partitura de piano, o que se relaciona com o lado musicista de Alexina. Além das partituras, a cada cantiga, Alexina apresentava um desenho relacionado ao tema, o que pode levantar a hipótese de que sejam desenhos feitos por ela, já que Alexina foi professora da cadeira de desenho e caligrafia na antiga Escola Normal de SJDR. Contudo, ao observar as imagens com um olhar mais atento, é possível identificar uma assinatura: “Moraes”, assinatura essa que se repete nas outras imagens do livro.

FIGURA 6: Ilustração da cantiga “Bitú” com ênfase na autoria do desenho



Fonte: Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa

Na obra, Alexina faz uma espécie de dedicatória às crianças, as convidando a cantar e brincar, demonstrando uma certa intimidade e proximidade com o público alvo. “Cantae, filhinhos, cantae. Reuni-vos aos bons, cantae, brincae.” (PINTO, 1916, p.3).

A proposta educacional de Alexina, para o fortalecimento de uma identidade nacional a partir do popular é nítido em suas obras, o que demonstra a concretização de seus pensamentos e engajamento cultural.

A confiança da autora no primitivo, no popular, é evidente. Não só por ela utilizar em todas as suas obras o material cultural como meio de chegar às crianças, mas por sua dedicação de ir em busca desse material. Ela acreditava que o popular e o infantil possuíam muitas afinidades, e isso uniria as crianças aos adultos, em uma relação de troca de conhecimentos e sentimentos – enfim, em uma história de tradição cultural. Isso porque as cantigas continuariam a passar de geração em geração (LIMA, 2020, p. 53).

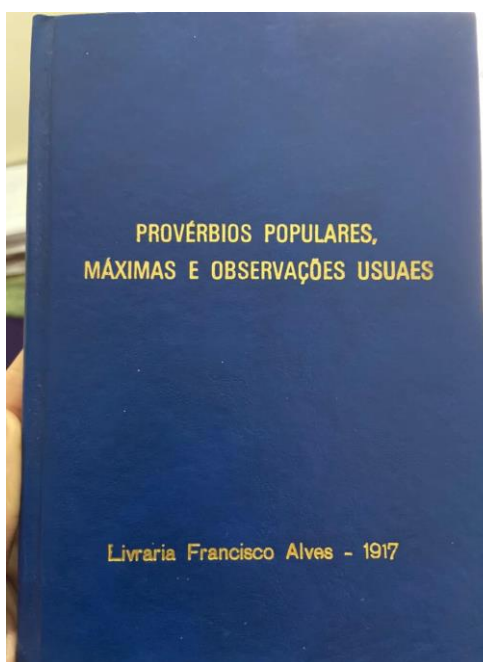
Carnevali (2009), reitera que a apropriação da cultura popular feita por Alexina é muito particular, “já que ela aposta no potencial educativo dessa cultura produzida pela parcela inculta da população, mas que é portadora de uma riqueza que se bem direcionada constitui elemento agregador para a nação” (CARNEVALI, 2009, p. 58).

3.2.2 Provérbios Populares, Máximas e Observações Usuaes

O livro *Provérbios Populares, Máximas e Observações Usuaes* publicado em 1917, foi a obra de Alexina aprovada pelo Conselho Superior de Instrução pública do Estado de Minas Gerais e pela Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal. Adquirido através de um sebo digital, esse livro possui 171 páginas.

Revestido por capa dura na cor azul, ele aparenta ter sofrido uma restauração, pois a capa não é original e nem o marcador de página de fita de cetim azul que aparece no interior do livro também apresenta ser algo original da obra. Além desses ajustes, o livro também aparenta ter sido cortado em suas bordas, talvez por uma forte deterioração, pois eles tem a folha bastante amarelada e com várias manchas no seu interior.

FIGURA 7: Capa do livro *Provérbios Populares, Máximas e Observações Usuaes* (título original) 1917



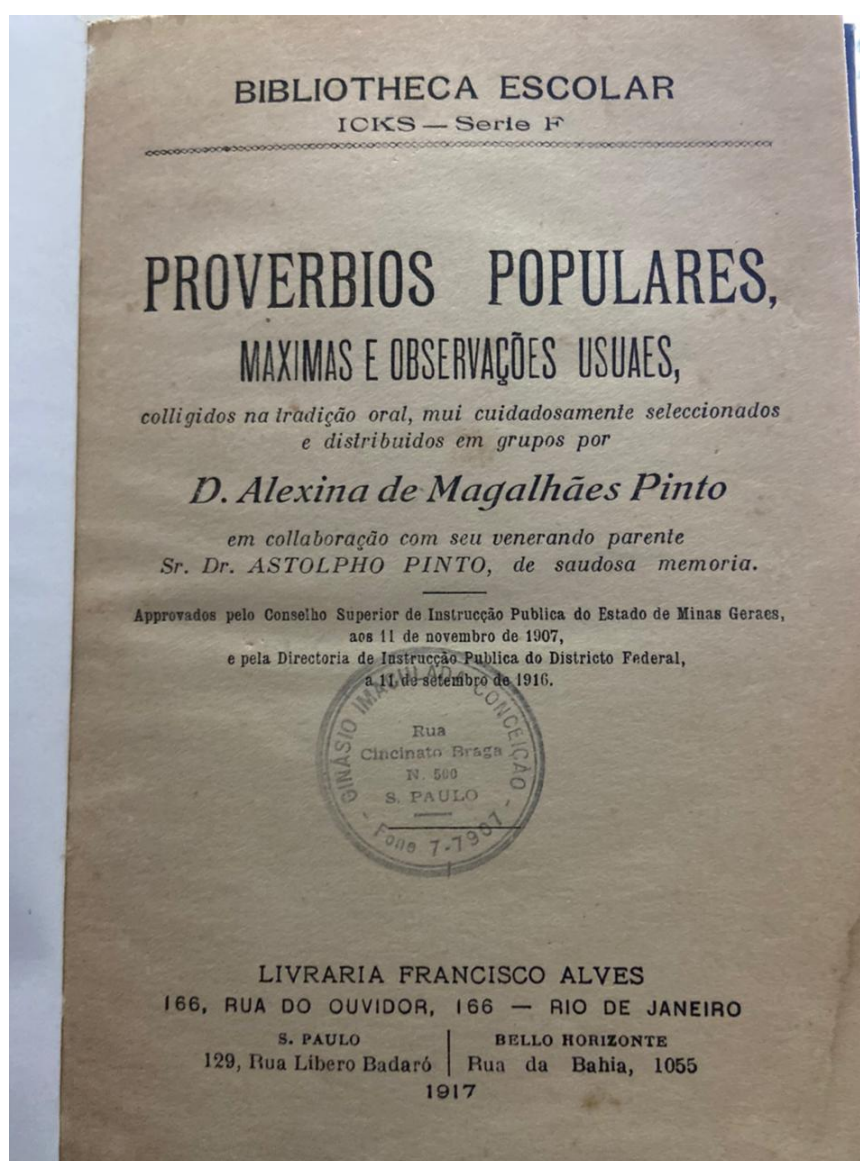
Fonte: Arquivo próprio

Na figura acima é possível observar as características da capa e as informações nela contidas, como o título, nome da livraria e ano de publicação, fazendo uma grande oposição a materialidade do interior do livro.

Na folha de rosto, representada pela figura abaixo é possível identificar novas informações sobre o livro, como a escrita do pseudônimo ICKS, uma série chamada Biblioteca Infantil, da Editora Francisco Alves. Além desse pseudônimo, também é

possível identificar centralizado na folha, logo após o título, a frase “colligidos na tradição oral, mui cuidadosamente seleccionados e distribuidos em grupos por D. Alexina de Magalhães Pinto em collaboração com seu parente Sr. Dr. Astholpho Pinto”, com mudança na fonte tendo o nome de Alexina em destaque com uma fonte maior e em negrito. O que reafirma mais uma vez o trabalho minucioso exercido por Alexina em recolher, reunir e publicar o conhecimento popular. Além disso, há também informações da livraria em uma fonte menor na parte inferior da página.

FIGURA 8: Folha de rosto do livro *Provérbios Populares, Máximas e Observações Usuaes* (título original) 1917



Fonte: Arquivo próprio

Nas páginas seguintes são apresentados os índices que estão divididos em índice geral e índice analítico, sendo o segundo o detalhamento das subdivisões em que são apresentados os provérbios.

FIGURA 9: Índice geral do livro *Provérbios Populares, Máximas e Observações Usuaes* (título original) 1917

INDICE GERAL		PAGS.
Indice analytico		6
PARECER do Conselho de Instrucção Publica Mineiro		11
Nota preliminar		13
ILLUSTRAÇÕES AO TITULO I.....		22
Titulo I: deveres do educando para com os superiores		23
ILLUSTRAÇÕES AO TITULO II.....		28
Titulo II: deveres para com os irmãos.....		29
ILLUSTRAÇÕES AO TITULO III.....		32
Titulo III: deveres para com os amigos.....		33
Titulo IV: deveres para com os parentes.....		36
Indice analytico ao Titulo IV.....		36
Titulo V: deveres para com os companheiros		38
ILLUSTRAÇÕES AO TITULO VI.....		40
Titulo VI: deveres para com o proximo em geral..		41
Titulo VII: deveres do educando para consigo...		50
Collectanea de uma amiga.....		107
Maximas de Benjamin Franklin.....		123
Mandamentos de Thomaz Jefferson.....		129
Phrases usuaes latinas e neo-latinas.....		131
NOTAS EM APPENDICE		
Nota A — Bibliographia relativa ás maximas....		135
» B — Linhas geraes de um plano de instrucção moral		138
» C — Ensina-se a moral ?.....		142
» D — Que differença ha entre maximas, provérbios, rifãos.....		144
» E — Da virgulação preferida neste opusculo.		149
» F — Livros recreativos pre-escolares e escolares para creanças e jovens.....		159

Fonte: Arquivo próprio

FIGURA 10: Índice analítico do livro *Provérbios Populares, Máximas e Observações Usuaes* (título original) 1917

INDICE ANALYTICO	
TITULO I	
Deveres do educando para com os superiores :	
veneração	Grupos
amor	} I
reconhecimento	
obediencia	} II
respeito	
confiança	III
devotamento, gratidão	IV
deferencia e confiança	V
TITULO II	
Deveres do educando para com os irmãos :	
protecção	I
justiça e equidade	II
devotamento	III
cooperação	IV
firmeza na amizade	} V
e tolerancia	
condescendencia	} VI
e paciencia	
fidelidade	} VII
e solidariedade	
TITULO III	
Deveres do educando para com os amigos :	
da selecção ou escolha de bons amigos, de boas relações	I
da conservação dos bons amigos	II
confiança	III
dedicação	} IV
consolo	
fidelidade	} V
atencções	
deferencia	
respeito	V
TITULO IV	
Deveres do educando para com os parentes :	
zelo e discrição	I
preferencia	II
auxilio	III
protecção	IV
TITULO V	
Deveres para com os companheiros de brinquedo :	
equidade	I
polidez	II
civildade	III
generosidade	IV
paciencia	V

Fonte: Arquivo próprio

Diferente do livro anterior, este não apresenta imagens e está direcionado ao público adulto, com notas de rodapé indicando autores e obras estrangeiras, o que demonstra as leituras que Alexina tinha conhecimento.

As aspirações por uma educação formada via identidade nacional, pelo folclore e pelo popular são percebidas em diversas passagens do livro, em que Alexina desabafa suas concepções de educação.

Não é, porém, o fito destas linhas definir distincções synonymicas ou classificar phrases feitas; mas tão somente evidenciar que as distincções existem, e que do judicioso emprego das phrases feitas deviam curar tambem as nossas escolas primarias. Seria um bom meio de nacionaliza-las, parece-me, esse de distribuir pelas classes escolares phrases feitas populares para judicioso emprego em composições oraes e escriptas (PINTO, 1917, p. 147).

A formação de um cidadão nacionalista, através da moral é percebida nas obras,

nos contos de Alexina, pois a mesma acreditava que era a forma mais eficaz de educar, bem mais fácil do que um ensinamento repetitivo, “maquinal”. Alexina se preocupava em resgatar algo que estava se perdendo com a civilidade e tinha o objetivo de documentar uma cultura em desaparecimento, construindo, junto, a uma nova nação.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Com o objetivo de descrever e analisar a trajetória e a atuação social e educacional de Alexina de Magalhães Pinto entre os anos de 1893 e 1921, a pesquisa possibilitou a escrita e exposição de fontes até então desconhecidas sobre a educadora mineira.

A educadora analisada possui uma trajetória pessoal ainda nebulosa, apresentando muitas lacunas, como é o caso de sua infância, sobre a qual pouco se tem informações, bem como sobre onde morava, a relação que possuía com a madrastra e seus irmãos, sua viagem à Europa e a instrução que recebeu.

Com a realização desta pesquisa foi possível perceber que Alexina teve pouco destaque no contexto sanjoanense, o que contribuiu para seu desconhecimento por parte da população da cidade, onde atualmente é conhecida apenas pela rua que recebe seu nome em sua homenagem.

Já na segunda fase, representada, nesta pesquisa, como o período em que viveu no Rio de Janeiro, Alexina teve destaque, reconhecimento e valorização por parte da elite da época, sendo considerada uma intelectual educadora, com a escrita, veiculação e aceitação de suas obras.

Conforme a pesquisa apresentou e foi tomado como hipótese para este trabalho, pouco se sabe sobre essa educadora e muitas outras mulheres devido a falta de fontes ou o desconhecimento delas, já que a maioria dos documentos históricos do período investigado foi produzido por homens ou por instituições gerenciados por homens.

O estudo desses sujeitos e o (re)conhecimento deles só se torna possível com a mudança da escala de análise, escolhendo-se uma abordagem de escala particular ou microsociedade, tornando possível a escrita de uma nova história, sem exclusões de sujeitos desprivilegiados pela sociedade.

A pesquisa também apresenta como a imprensa se torna um grande aliado para o levantamento de informações sobre um determinado sujeito, pois, a partir dela, foi possível identificar informações sobre os lugares que Alexina circulou e os sujeitos que envolveu, bem como os ideais pensados pela professora.

Outra abordagem muito importante para esta pesquisa foi o mapeamento familiar, pois, a partir dele, foi possível encontrar informações pessoais de Alexina para traçar uma trajetória e percorrer os caminhos vivenciados por ela.

As fontes apresentadas nesta pesquisa tornam possíveis outros escritos e trabalhos sobre a professora, pois o olhar e o objetivo do pesquisador determinam novos caminhos sobre o objeto estudado.

Os livros de Alexina são fontes importantes para pensar e estudar as práticas educativas propostas pela professora, bem como a investigação de seu trabalho de cunho folclórico para a educação, o que nos permite compreender, também, o ideal educacional da época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINI, Juliana. **Práticas Educativas do Ginásio Santo Antônio (São João del-Rei, 1909-1945)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2018.

ANDREOTTI, Azilde Lina. **A formação de uma geração: a educação para a promoção social e o progresso do país no jornal A voz da infância da Biblioteca Infantil Municipal de São paulo (1936-1950)**. Tese de doutorado. Campinas, SP: Faculdade de Educação - UNICAMP, 2004.

ARAÚJO, Inês Lacerda. Formação discursiva como conceito chave para a arqueologia do saber. In: BARONAS, Roberto Leiser (org.). **Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. São Paulo: Pedro & João Editores, p. 318-336, 2007.

ARONOVICH, Lola . Prefácio. In: LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Editora Cultrix, 2019.

ARRUDA, Maria Aparecida. Profissão docente e educação feminina em São João del-Rei: a Escola Normal do Colégio Nossa Senhora das Dores (1905-1910). **V Congresso Brasileiro de História da Educação: O Ensino e a Pesquisa em História da Educação, Sergipe**. 2008.

_____. **Formar almas, plasmar corações, dirigir vontades: o projeto educacional das Filhas da Caridade da Sociedade São Vicente de Paulo (1898-1905)**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

BICCAS, Maurilane de Souza. **O impresso como estratégia de formação: Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1940)**. Belo Horizonte, MG: Argymentvm, 2008.

BURKE, Peter. A Escola dos Annales (1929-1989). São Paulo: UNESP; 1991.

CAMPOS, R. H. F.; GOUVEA, M. C. S.; GUIMARÃES, P. C. D. A recepção da obra de Binet e dos testes psicométricos no Brasil: contrafaces de uma história. **Rev. Bras. Hist. Educ.**, Maringá-PR, v. 14, n. 2, p. 215-242, maio/ago., 2014.

CARNEVALI, Flávia Guia. “**A Mineira Ruidosa**”: cultura popular e brasilidade na obra de Alexina de Magalhães Pinto (1870-1921). Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

_____. Música popular, memória e história em Alexina de Magalhães Pinto. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, v. 24, n. 2, 2011.

_____. Provérbios populares e a formação da “consciência cívica”. **Revista Cantareira**. n.16, 2012.

CARVALHO, Carlos Henrique de; ARAÚJO, José Carlos Souza; GONÇALVES NETO, Wenceslau. Discutindo a História da Educação: a imprensa enquanto objeto de análise histórica (Uberlândia-MG, 1930/1950). In: ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI JUNIOR, Décio. **Novos temas em história da educação brasileira**: instituições escolares e educação na imprensa. Campinas, SP: Autores Associados, p. 66-89, 2002.

CARVALHO, Carlos Henrique de; GONÇALVES, Wenceslau; CARVALHO, Luciana Beatriz de Oliveira Bar de. O projeto modernizador à mineira: reformas administrativas e a formação de professores (Minas Gerais, 1906-1930). **História da Educação**, v. 20, p. 255-271, 2016.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean *et al.* **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 295-316.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 6. Reimp. São Paulo: Contexto, 2018.

DIAS, Michele Rodrigues. **Arquivos eclesiásticos**: o batistériocomo fonte de informação. 2015. 38f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em

Biblioteconomia), Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. O processo de escolarização em Minas Gerais: questões teórico-metodológicas e perspectivas de pesquisa. In: VEIGA, Cynthia Greive e FONSECA, Thais Nívea de Lima e (orgs). **História e historiografia da educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 77-97.

_____. Apresentação. In:_____, INÁCIO, Marcilaine Soares (orgs.). **Políticos, literatos, professoras, intelectuais: o debate público sobre educação em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009, p. 7-20.

_____. **Dos pardieiros aos palácios: forma e cultura escolar em Belo Horizonte (1906/1918)**. Uberlândia: EDUFU, 2014.

FARIAS, Marcilene Nascimento de. “**A História das Mulheres e as representações do feminino na história**”, 2009.

FERREIRINHA, Isabella Maria Nunes; RAITZ, Tânia Regina. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. **Revista de Administração Pública**, v. 44, p. 367-383, 2010.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental. **Revista fato & versões**, v. 1. n. 2, p. 3-16, 2009.

FONSECA, Daniela Flavia Martins. **Prescrições sobre higiene na cidade e na escola normal: São João del-Rei, final do século XIX e início do XX**. 2013.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro 1970**. São Paulo: Loyola, 2008.

_____. **Microfísica do poder**. 9. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GAIO SOBRINHO, Antônio. **Et Caetera/Antônio Gaio Sobrinho**. São João del-Rei: UFSJ, 2016.

GONÇALVES, Irlen Antônio. **Cultura escolar**: práticas e produção dos grupos escolares em Minas Gerais (1891-1918). Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de; JINZENJI, Mônica Yumi. **Escolarizar para moralizar**: discursos sobre a educabilidade da criança pobre (1820-1850). Revista Brasileira de Educação, v. 11, p. 114-132, 2006.

GUIMARÃES, Paula Cristina David. **“Tudo presta a quem tudo precisa”**: discursos sobre a escolarização da infância pobre veiculados pela Revista do Ensino de Minas Gerais. Dissertação (Mestrado em educação), Universidade Federal de São João del-Rei, 2011.

_____. **Maria Lacerda de Moura e o “ estudo científico da criança patrícia” em Minas Gerais (1908-1925)**. Tese (Doutorado em Educação). - Universidade Federal de Minas Gerais: Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 2016.

_____. **Educadora e republicana**: a face desconhecida de Maria Lacerda de Moura. Belo Horizonte. Editora da UFMG: 2021.

JINZENJI, Mônica Yumi. **Cultura impressa e educação da mulher: lições de política e moral no periódico mineiro O mentor das Brasileiras (1829- 1832)**. 2008.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Editora Cultrix, 2019.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1992.

LIMA, Laura Emanuela Gonçalves. Os paratextos editoriais na obra Cantigas das Crianças e do Povo e Danças Populares, de Alexina de Magalhães Pinto. In.: Santos, Ana Cristina dos; Michelli, Regina; Santos, Rita de Cássia Silva Dionísio (Orgs.). **Tramas e Sentidos na Literatura Infantil e Juvenil**. Rio de Janeiro: Dialogarts, p. 97-

116, 2019.

LIMA, Laura Emanuela Gonçalves. **Os Paratextos de Alexina de Magalhães Pinto em Cantigas das Crianças e do povo e Danças Populares**. Dissertação (Mestrado em Letras) , Universidade Estadual de Montes Claros, 2020.

LINHALES, M. A.; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; NASCIMENTO, Cecília Vieira Do; JINZENJI, M. Y.; ARRUDA, M. A.. **Prescrições sobre higiene na cidade e na Escola Normal: São João del-Rei, final do século XIX e início do XX**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação – UFMG, Belo Horizonte, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 443-481.

LUCKESI, Carlos. **Tendências pedagógicas na prática escolar**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

MIRANDA, Márcia Eckert. **Historiadores, arquivistas e arquivos**. Simpósio Nacional de História, XXVI, 2011.

MORAES, José Geraldo Vinci de. REGO, José Marcio. **Conversa com Historiadores Brasileiros** - Evaldo Cabral de Mello. São Paulo: Ed. 34, 2002.

MORGANTE, Mirela Marin; NADER, Maria Beatriz. O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico. In. **Encontro Regional de História da ANPUH-RIO: Saberes e Práticas Científicas**, 16., 2014, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: Ed. ANPUH, 28 jul. 2014. P. 1-10. Disponível em <http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1399953465_ARQUIVO_textoANPUH.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2020.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicologia & Sociedade**, n. 18, p. 49-55, 2006.

NICÁCIO, Karina Fernandes. **Escolarização dos imigrantes italianos e seus descendentes em São João Del Rei – Minas Gerais (1888/1914)**. Belo Horizonte, 2018.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Editora Paz e Terra, 2017.

_____. **Minha história das mulheres**. 2ª ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

PINTO, Alexina de Magalhães. **Cantigas das Creanças e do povo e Danças Populares**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1916. Coleção Icks. Série A.

_____. **Provérbios Populares, Máximas e Observações Usuaes**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1917.

PIRES, Álvaro P. Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**, p. 154 – 211, 2008.

REVEL, Jacques (org.) **Jogos de Escala: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

SÁ, Carolina Mafra de; ROSA, Walquíria Miranda. A história da feminização do magistério no Brasil: uma revisão bibliográfica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3, 2004, Curitiba. **Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação**. Vitória: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2004. p. 1-8.

SANTOS, Rita de Cássia Silva Dionísio; CUNHA, Maria Zilda da. “Opera Lyrica Nacional”: das Minas Gerais para o Folk-Lore brasileiro e a bibliotheca infantil. **Revista Recorte**, v. 14, n. 2, p. 1-19, 2017.

SANTOS, Rita de Cássia Silva Dionísio. Cantigas das Creanças e do Povo e Danças Populares, de Alexina de Magalhães Pinto: Antropomorfismo e processos insólitos. In.: Cunha, Maria Zilda da. (org.). **(Con)figurações da personagem na narrativa ficcional**

para crianças e jovens. Rio de Janeiro: Dialogarts, p.146-156, 2018.

SANTOS, Welber. Trilhos Para O Oeste: O Surgimento Da Estrada De Ferro Oeste De Minas. **Anais do XIII Seminário sobre a Economia Mineira** . Cedelar, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

SCHUELER, AFM de. Práticas de escrita e sociabilidades intelectuais: professores-autores na Corte imperial (1860-1890). **Anais do 5º Congresso Brasileiro de História da Educação.** 2008.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, p.71-99, 1995.

SILVA, Marisa Ribeiro. **História, memória e poder: Xavier da Veiga, o arconte do Arquivo Público Mineiro.** 2006.

SILVA, M. et al. **Historiografia da educação e história dos intelectuais.** LIBERTAS: Rev. Ciênci. Soc. Apl., Belo Horizonte, v.10, n.2 , p. 109-125, ago./dez.2020.

SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: REMOND, R. (org.). **Por uma história política.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003, p. 231-269.

SOIHET, Rachel. **História das mulheres e história de gênero: um depoimento.** Cadernos Pagu, n. 11, p. 77- 87, 1998.

_____ ; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**, n. 27, p. 281-300, 2007.

TILLY, Louise A. **Gênero, a história das mulheres e história social.** Cadernos Pagu, n. 3, p. 28-62, 1994.

VAGO, Tarcício Mauro; DE OLIVEIRA, Bernardo Jefferson. **História de práticas educativas.** Editora UFMG, 2008.

YANNOULAS, Silvia Cristina. **Feminização ou feminilização?: apontamentos em**

torno de uma categoria. *Temporalis* v. 11, n. 22, p. 271-292, 2011.

FONTES DOCUMENTAIS

ALMANAQUE GARNIER *In*: HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA, 1908.

SECRETARIA DE ESTADO DO INTERIOR. **Livro de Termo de Posse e Compromisso**. Códice: SI- 1055. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, 1893.

SECRETARIA DE ESTADO DO INTERIOR. **Ata de exames 1º ano**. Códice: SI- 1056. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, 1892-1894.

SECRETARIA DE ESTADO DO INTERIOR. **Ata de exames 3º ano**. Códice: SI- 1058. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, 1892-1894.

SECRETARIA DE ESTADO DO INTERIOR. **Livro de inscrições para concurso**. Códice: SI- 1059. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, 1893.

SECRETARIA DE ESTADO DO INTERIOR. **Termo de julgamentos das provas**. Códice: SI- 1061. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, 1893.

SECRETARIA DE ESTADO DO INTERIOR. **Ata do concurso para provimento das cadeiras**. Códice: SI- 1062. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, 1893-1897.

SECRETARIA DE ESTADO DO INTERIOR. **Livro de registros de licença dos professores**. Códice: SI- 1063. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, 1893-1896.

SECRETARIA DE ESTADO DO INTERIOR. **Ata de congregações**. Códice: SI- 1064. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, 1893.

SECRETARIA DE ESTADO DO INTERIOR. **Livro de ponto diário**. Códice: SI- 1065. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, 1893.

ANEXOS

Levantamento realizado nos *Anais do Congresso Brasileiro de História da Educação* e na *Revista Brasileira de História da Educação*

LEVANTAMENTO REALIZADO NOS ANAIS DO CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (2000-2019)			
I CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO			
Rio de Janeiro, novembro de 2000.			
231 trabalhos aceitos			
AUTORES(AS)		TÍTULO DOS TRABALHOS	PERÍODOS ESTUDADOS
1	Érika Lourenço e Regina H. Freitas Campos	O método da experimentação natural de Lazursky: sua aplicação nas propostas educacionais de Helena Antipoff em Minas Gerais (1932-1974)	1932-1974
II CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO			
Natal, Rio Grande do Norte, novembro de 2002.			
428 trabalhos aceitos			
AUTORES(AS)		TÍTULO DOS TRABALHOS	PERÍODOS ESTUDADOS
1	Juçara Luzia Leite	Cartas entre Maria Stella de Novaes e câmara Cascudo: A construção de um pensamento acerca do folclore e da educação.	1943-1979
2	Yolanda Lima Lôbo	D. Myrthes: A secretária de Educação e Cultura da Fusão	1975

3	Francisca Izabel Pereira Maciel	Memória da educação em Minas Gerais: Trajetória intelectual de uma mestra	1920-1940
4	Márcia Cristina de Oliveira Mello	A contribuição do pensamento de Emília Ferreiro para a História da Alfabetização no Brasil	1970-1990
III CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO Curitiba, Paraná, novembro de 2004. 418 trabalhos aceitos			
AUTORES(AS)		TÍTULO DOS TRABALHOS	PERÍODOS ESTUDADOS
1	Jane Bezerra de Sousa	Nevinha Santos e suas memórias de professoras	1929-1945
IV CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO Goiania, Goiás, novembro de 2006. 457 trabalhos aceitos			
AUTORES(AS)		TÍTULO DOS TRABALHOS	PERÍODOS ESTUDADOS
1	Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas e Jorge Carvalho do Nascimento	As mães da historiografia educacional: o manual de Peeters e Cooman	1936
2	Helenara Plaszewski Facin e Eliane Peres	O caderno de planos da professora Nelly Cunha (1941-1946): vestígios da Escola Nova no Rio Grande do Sul	1941-1946

3	Maria da Conceição Silva	O processo formativo de Guiomar de Vasconcelos no Colégio Americano e na Escola Normal de Natal (1897-1913)	1897-1913
V CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO Aracaju, Sergipe, novembro de 2008. 783 trabalhos apresentados Anais não localizados para a consulta			
VI CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO Vitória, Espírito Santo, maio de 2011. 876 trabalhos apresentados Anais não localizados para a consulta			
VII CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO Cuiabá, Mato Grosso, maio de 2013. 876 trabalhos apresentados			
AUTORES(AS)		TÍTULO DOS TRABALHOS	PERÍODOS ESTUDADOS
1	Mariana de Oliveira Faria e Alessandra Arce Hai	A influência de Heloísa Marinho para a educação dos menores de 06 anos no Brasil entre as décadas de 50 e 70	1950-1970
2	Silvete Aparecida Crippa Araujo	Professora Julia Wanderley, um mito na feminização do magistério paranaense (1874-1918)	Final do século XIX e início do século XX
	Patrícia Regina	A circulação das ideias de	

3	Silveira de Sá Brant e Gladys Mary GhizoniTeive	Helena Marinho em Florianópolis e sua presença no “projeto núcleosde educação infantil”, de 1976	1930-1970
4	Cristiane Souza de Menezes	Contribuições da educadora Eglantine do Rêgo Barros à expansão do ensino médio em Pernambuco	1940-1960
VIII CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO Maringá, Paraná, julho de 2015. 858 trabalhos apresentados			
AUTORES(AS)		TÍTULOS DOS TRABALHOS	PERÍODOS ESTUDADOS
1	Lia Ciomar Macedo de Faria	Maria Yedda Leite Linhares: uma intelectual na educação do Rio de Janeiro	1950-1980
2	Ana Maria Rufino Gilies	A condição feminina e a educação no século XIX a partir do diário de uma imigrante britânica que tornou-se professora particular na província do Paraná	1880-1882
3	Evelyn de Almeida Orlando	Uma porta aberta para o mundo: as viagens de Maria Junqueira Schmidt como experiência de	Primeira metade do século XX

		formação e distinção no cenário educacional brasileiro	
4	Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi	Mulheres de letras e educação feminina no espaço luso-brasileiro: lições em torno da infância nos escritos de Júlia Lopes de Almeida e Emilia de Souza Costa	1862-1959
5	Paula Cristina David Guimarães	Maria Lacerda de Moura e a psicologia experimental para a educação da infância em Minas Gerais (1919)	1919
6	Adriana Valentim Beaklini	De palavra em palavra: a trajetória de D. Maria Amélia Jacobina, a primeira professora da escola das oficinas	1882-1904
7	Ane Rose de Jesus Santos Maciel e João Mouzart de Oliveira Junior	“Braço forte mão gentil”: as contribuições da professora Rosália Bispo dos Santos para o cenário educacional Sergipano (1960-1991)	1960-1991
8	Joaquim Francisco Soares Guimarães e Marbene Costa dos Santos	“O modo como aprendi e ensinei”: a constituição da professora Janete Aguiar de Souza Cruz	1955-1989
	José Genivaldo	A representação feminina	

9	Martires	na trajetória intelectual da professora Maria Lígia Madureira Pina	1967-1994
10	Nanael Simão de Araújo	O ensino da leitura e da escrita no Rio Grande do Norte segundo a professora Olívia Pereira (1928-1948)	1928-1948
11	Rosemeire Siqueira de Santana e Josineide Siqueira de Santana	Mulheres, educadoras e com uma fé diferente: os encontros de Laura Amazonas e Neyde Mesquita	Final do século XIX e durante o século XX
12	Letícia Vieira	Maria Nilde Mascellani e as classes experimentais de Socorro (São Paulo, 1959-1962)	1959-1962
13	Magda Fernandes Garcia Ventura	Atuação educacional de uma professora e vereadora em Santos: Zeny de Sá Goulart (1935-1938)	1935-1938
14	Maria de Lourdes Porfírio Ramos Trindade dos Anjos	Seminário de educadoras cristãs: História e a ação educativa da missionária Martha Hairston	1953-1967
IX CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO João Pessoa, Paraíba, agosto de 2017. 480 trabalhos apresentados			
AUTORES(AS)		TÍTULO DOS TRABALHOS	PERÍODOS ESTUDADOS

1	Cristine Brandenburg e Lia Machado Fiuza Fialho	Pensando a História da Educação entre o privado e o público: narrativas de Yassodhara (1992-2015)	1992-2015
2	Gilson Lopes da Silva e Olívia Morais de Medeiros Neta	O protagonismo e as práticas da professora Sinhazinha Wanderley na educação da cidade de Assú/RN	1911-1950
3	Cíntia Nascimento de Oliveira Conceição	Intelectuais e teleducação: o pioneirismo de Alfredina de Paiva e Souza	1960-1975
4	Ingrid Karla Cruz Biserra e Ana Luiza de Vasconcelos Marques	A atuação e produção educacional de Alcides Bezerra na Parahyba (1917-1921)	1917-1921
5	João Paulo Goma Oliveira	Maria Thetis Nunes: o ingresso da “subversiva” nos caminhos do magistério (1944-1945)	1944-1945
6	José Genivaldo Martires e Renilfran Cardoso de Souza	“O viajante do tempo”: o teatro nas aulas de História da prof ^a . Lígia Pina no Colégio de Aplicação da UFS	1967-1991
7	Leila de Macedo Varela Blanco	Memórias de Maria Helena de Noronha: uma incursão pelos meandros da Educação de surdos no estado da Guanabara	1961-1973

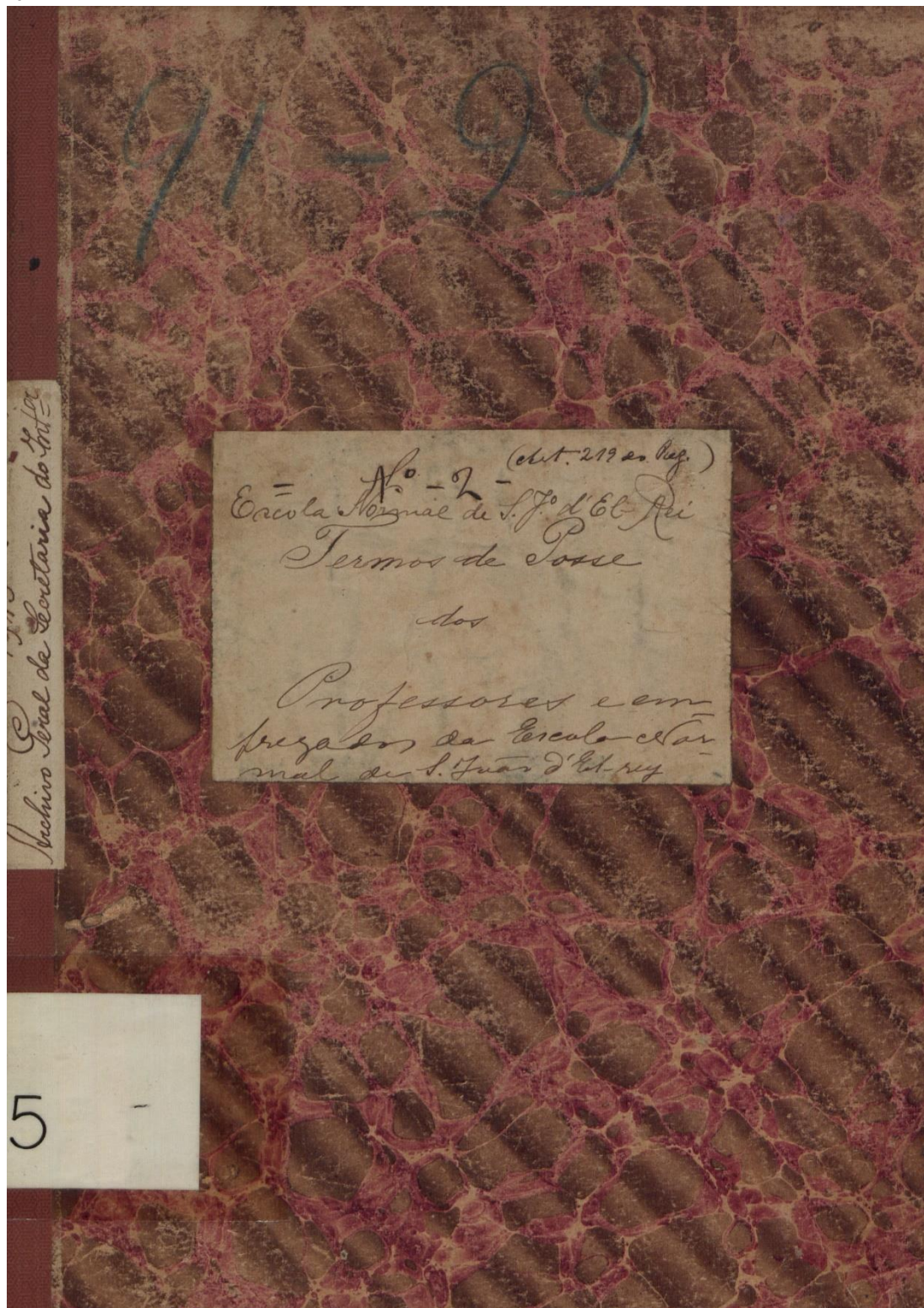
8	Márcia Guedes Soares	Maria Antonieta de Castro intelectual da Educação	1920-1930
9	Maria José Dantas	“Em diálogo com Dori”: trajetória e atuação docente de Doriana Zamboni (1977-2002)	1977-2002
10	Priscila de Araujo Garcez	“A mulher sábia edifica a sua casa”: palavras impressas de uma educadora cristã no espaço público Metodista (1949-1968)	1949-1968
11	Renilfran Cardoso de Souza, José Genivaldo Martires e Joaquim Tavares da Conceição	“Com o diploma, a Normalista”: traços da Educação de Ofenísia Soares Freire	1925-1930
12	Sonia de Castro Lopes	Um sopro de liberdade em tempos de autoritarismo: Iva Waisburg e o debate educacional do anos 1930-40	1930-1940
13	Rosemeire Siqueira de Santana e Josineide Siqueira de Santana	Anália Franco: guardada e silenciada na historiografia brasileira	Segunda metade do século XIX
<p>X CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO Belém, Pará, setembro de 2019. 455 trabalhos apresentados</p>			

AUTORES(AS)		TÍTULOS DOS TRABALHOS	PERÍODOS ESTUDADOS
1	Loyde Anne Carreiro Silva Veras e Evelyn de Almeida Orlando	A educação protestante e o processo de escolarização no Maranhão: as experiências de Eva Yarwood Mills e seus alunos	1928-1987
2	Cibele Braga Ferreira Nascimento	Blandina Alves Torres e a educação dos excepcionais na Fundação Pestalozzi do Pará (1953-1975)	1953-1975
3	Natasha Guerrize	Rosinha Viegas e a Fundação da Escola Superior de Educação Física de Santos no período da Ditadura Civil-Militar (1964-1985) Sujeitos e influências	1964-1985
4	Maria Edith Romano Siems	Loretta Emiri: memórias de um processo de conscientização em Educação Indígena na Amazônia brasileira - 1977 a 1995	1977-1995
5	Natália Frizzo de Almeida	“Aos perdedores, o exílio?” A trajetória acadêmica de Maria José Garcia Werebe na Faculdade de Filosofia,	1952-1970

		Ciências e Letras da USP (1952-1970)	
6	Ariadny Bezerra e Regina Helena Silva Simões	Quem tinha medo de Joanna Passos? Interrogando dispositivos de regulamentação e controle do exercício do Magistério Público no Espírito Santo, no início do século XX	Início do século XX
7	Katiene Nogueira da Silva	Mulheres e universidade: um estudo a partir da trajetória de Amélia Americano Franco Domingues de Castro no ensino superior	Primeira metade do século XX
8	Raimundo Nonato de Sousa Neto e Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti	Ceição Carvalho: memórias da trajetória docente na Universidade Federal do Piauí (1974-1995)	1974-1995
9	Andrea Tereza Brito Ferreira e Ana Maria de O. Galvão	Entre o ser e o ler: singularidades nas práticas de leitura de uma professora do anos iniciais (Minas Gerais, décadas de 1980-2010)	1980-2010
LEVANTAMENTO REALIZADO NAS EDIÇÕES DA REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (2001-2019)			
REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO v.15 n. 1 (2015): Janeiro/Abril			

AUTORES(AS)		TÍTULOS DOS TRABALHOS	PERÍODOS ESTUDADOS
1	Doris Bittencourt Almeida e Luciane Sagrbi Santos Graziottin	Escrituras marginais: fragmentos de memória da professora Malvina Tavares (1891-1930)	1891-1930
REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO v.18 (2018) Publicação Contínua			
AUTORES(AS)		TÍTULOS DOS TRABALHOS	PERÍODOS ESTUDADOS
1	Fabiana Garcia Munhoz	Para além das prendas domésticas: a trajetória da mestra Benedita da Trindade no magistério feminino paulista	1820-1875
REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO v.19 (2019) Publicação Contínua			
AUTORES(AS)		TÍTULOS DOS TRABALHOS	PERÍODOS ESTUDADOS
1	Alisson José da Silva Esteves Pereira, Gilvanice da Silva Musial	Maria Estephania e a Escola Primária Distrital de Vera Cruz – Pindahybas, Minas Gerais: um estudo sobre estratégias e táticas (1901-1909)	1901-1909

Capa do Livro de Termos de Posses e Compromisso da Escola Normal de São João del-Rei

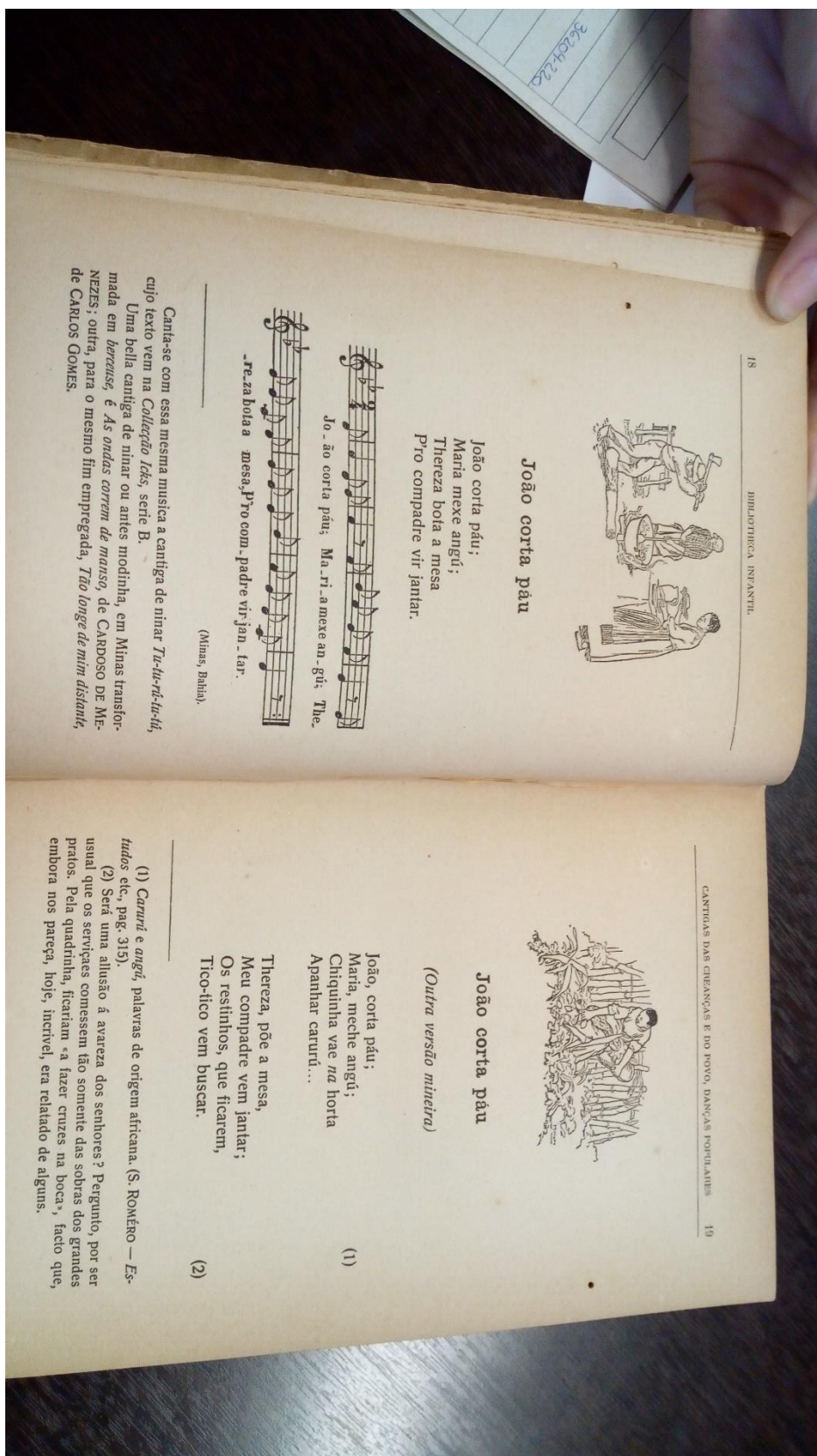


Termo de Posse e Compromisso de Alexina na Escola Normal de São João del-Rei, 1893

6
Macedo

Termo de posse e compromisso da pro-
fessora de desenho e calligraphia, dona
Alexina de Magalhães Pinto, como
abaixo se declara.

Em dezesseis dias do mez de Setembro, do anno de
mil oitocentos e noventa e tres, nesta cidade
de São João del-Rei, a uma hora da tarde, na Es-
cola Normal, presente o Tenente Coronel Doutor Candi-
do José Coelho de Almeida, director em exercicio, com
pareceu dona Alexina de Magalhães Pinto, professo-
ra nomeada para a cadeira de desenho e calligra-
phia desta mesma Escola e, exhibindo o seu
titulo de nomeação, declarou que simba tomar
posse e entrar em exercicio do referido cargo,
sendo o mesmo titulo datado de trinta do mez
de Outubro p. passado. Prestou o compromisso seguinte:
"Declaro que, assumindo o exercicio, depois de haver
tomado posse, do cargo de professora de desenho
e Calligraphia da Escola Normal desta cidade, para
o qual fui nomeada, por acto do doutor Presidente
deste Estado, em trinta e um de Outubro proximo
passado, como o solemnizo e comprometto de bem
servir em quanto exercel-o. Do que e, para constar,
eu, Francisco de Paula Diuberto, secretario, lavrei o pre-
sente termo, que vai competentemente assignado.
Candido José Coelho de Almeida Director.
Alexina de Magalhães Pinto.
Francisco de Paula Diuberto

Livro *Cantigas das creanças e do povo*

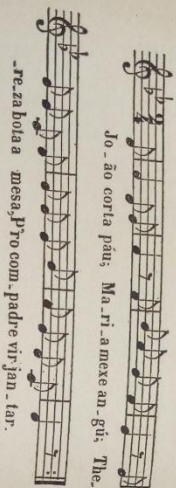
18

BIBLIOTHECA INFANTIL



João corta pão

João corta pão;
 Maria mexe angú;
 Thereza bola a mesa
 P'ro compadre vir jantar.



(Minas, Bahia)

Canta-se com essa mesma musica a cantiga de ninar *Ti-ti-ri-ti-ti*, cujo texto vem na *Collecção Leks*, serie B.
 Uma bella cantiga de ninar ou antes modinha, em Minas transmittida em *berriões*, e *As ondas correm de manso*, de CARDOZO DE MENEZES; outra, para o mesmo fim empregada, *Tão longe de mim distanta*, de CARLOS GOMES.

CANTIGAS DAS CRIANÇAS E DO POVO, DANÇAS POPULARES 19



João corta pão

(Outra versão mineira)

João, corta pão;
 Maria, meche angú;
 Chiquinha vae na horta
 Apanhar carud...

(1)

Thereza põe a mesa,
 Meu compadre vem jantar;
 Os resinhos, que ficaram,
 Tico-tico vem buscar.

(2)

(1) *Caruri e angú*, palavras de origem africana. (S. Roméro — *Estudos* etc., pag. 315).

(2) Será uma allusão á avareza dos senhores? Pergunto, por ser usual que os serviças comessem tão somente das sobras dos grandes pratos. Pela quadrinha, ficariam «a fazer cruzes na bocca», facto que, embora nos parça, hoje, incrível, era relatado de alguns.

COLLECTANEA DE UMA AMIGA

DIVERSOS PROVERBIOS, MAXIMAS, PENSAMENTOS,
*para serem pelos mestres distribuidos pelos grupos
retro (*)*

- 645) *A affectação da virtude custa mais que o seu exercicio.*
- 646) *A virtude remoça os velhos;
o vicio envelhece os moços.*
- 647) *Resplandece a virtude na adversidade, como
rescende o incenso sobre as brazas.*
- 648) *A virtude é feliz na sua desgraça; o vicio in-
feliz na sua ventura.*
- 649) *A virtude é uma guerra perenne por amor de
nós mesmos.*
- 650) *A fortuna não consiste em ter, sinão em
merecer.*

(*) Extr. de uma collectanea de uma amiga de infancia de saudosissima memoria — Maria José de Almeida Rocha, — Marieta; de Minas, S. João d'El-Rey, Brasil.

Livro *Liga de Instrução Moral Inglesa*